



FAUESP
Faculdade Unificada do
Estado de São Paulo

UNIFICADA



REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA FAUESP

VOLUME 6-NÚMERO 12 | DEZEMBRO 2024

DATA DE PUBLICAÇÃO: 30/12/2024

UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da Faculdade Unificada do Estado de São Paulo - v.6 n.12 – dezembro 2024 – Mensal

Modo de acesso: <http://revista.unificada.com.br/>

e-ISSN: 2675-1186

Data de publicação: 30/12/2024

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370
CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário – CRB/8 8090

Responsável Intelectual pela Publicação
Faculdade Unificada do Estado de São Paulo - FAUESP





UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP
v.6 n.12 – dezembro de 2024 – Mensal
Bibliotecário Renato Moreira de
Oliveira – CRB/8 8090
e-ISSN: 2675-1186
Editoração: SL Editora
Supervisão: Neusa Sanches Limonge
Publicada em: 30/12/2024

DIREÇÃO

DIREÇÃO ACADÊMICA

Prof: MSc Claudineia Lopes

DIREÇÃO FINANCEIRA

Prof: Esp: Sylvia Storniollo

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Prof: Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA-CHEFE

Prof: Msc. Sônia Q. dos Santos e Santos

Prof: MSc Claudineia Lopes (FAUESP)

Prof: Esp: Sylvia Storniollo (FAUESP)

Prof. Dr. Marcos Rogério Costa (FAUESP)

Prof. Dr. Gladson Cunha (Fabra/PUC-Rio)

Prof. MSc. José Ivanildo (FAUESP)

Prof. MSc. Marcos Roberto dos Santos
(FAUESP)

EDITORIAL

A divulgação científica é o meio de popularizar o conhecimento produzido nas faculdades e universidades mundo a fora. É também uma forma de interação entre os espaços acadêmicos, muitas vezes, percebidos como espaços elitizados e distantes da realidade pública.

Pensando nessas duas situações é que nós, da FAUESP, estamos apresentando a sociedade brasileira a Revista UNIFICADA, um periódico acadêmico de circulação mensal voltado para a divulgação ensaios, relatórios de pesquisas e artigos científicos num viés multidisciplinar.

Sendo o nosso objetivo divulgar, tornando público o conhecimento produzido por diversos meios e em diferentes perspectivas científicas, apresentamos artigos que englobam as áreas da Educação, Literatura e Direito.

Nós da FAUESP entendemos que a educação não é apenas um meio de desenvolvimento pessoal, porém, que educar vai além da formação do aluno. Educar significa agir na transformação da realidade em que nos encontramos, de modo que possamos cumprir a nossa Missão:

“Educar, produzir e disseminar o saber universal, contribuir para o desenvolvimento humano, se comprometendo com a justiça social, a democracia e a cidadania[1] além de promover a educação[1] visando o desenvolvimento sustentável do país”.

Boa leitura!

Dr. Gladson Cunha - Membro do Conselho



SUMÁRIO

A NEUROPSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO LILIAN SILVA DUTRA	05
EDUCAÇÃO ESPECIAL: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E IMPACTO YARA DA SILVA SOUSA PEREIRA	12
AS ARTES EM MUSEUS KATIANE SANTOS SOBRAL	21
A LINGUAGEM, A ORALIDADE, OS PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS E A EDUCAÇÃO KATIANE SANTOS SOBRAL	34
OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA KATIANE SANTOS SOBRAL	49
OS AVANÇOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA	65
A LUDICIDADE COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA	74
OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA	84
ALFABETIZAÇÃO E APRENDIZAGEM SENSORIAL EDLA SCHULTER NUNES SOARES	96
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ALFABETIZAÇÃO LÚDICA EDLA SCHULTER NUNES SOARES	107
A LUDICIDADE COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA FABIANA CONCEIÇÃO DOS SANTOS	121
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA INFÂNCIA DE CRIANÇAS AUTISTAS ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA	130
LUGAR DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NA GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA	142
A CULTURA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS ESCOLAS PÚBLICAS ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA	150



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

A NEUROPSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

LILIAN SILVA DUTRA

Eixo: Educação Inclusiva

Resumo

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados pela escola da atualidade, um número significativo de crianças com dificuldades de aprendizagem, são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança. Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente.

Palavras-chave: Aprendizagem. Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia.

ABSTRACT:

The causes of non-learning have emerged in the list of the main problems faced by school today, a significant number of children with learning difficulties, are still identified in early childhood education, and if there is no

effective intervention, these difficulties will extend to teaching fundamental and possibly for the entire student life of the child. Thus, it aims to analyze how the learning difficulties that arise in early childhood education can contribute to the construction of failure in the child's school life, if there is no efficient intervention.

Keywords: Learning. Neuropsychopedagogy, Psychopedag

1 INTRODUÇÃO

Educar dentro da modernidade tem exigido de seus educadores cada vez mais esforços para atender a demanda que lhe é proposta, desde uma boa preparação teórica, ou seja, sua formação, até a incessante busca de atualização profissional e dedicação ao seu trabalho.

A escola da contemporaneidade é o espaço da diferença e da confluência de culturas e da diversidade este quadro social, a ampliação dos saberes e das práticas educativas com vistas à identificação dos problemas de aprendizagem escolar na pré-escola e as possíveis intervenções especializadas, que levem a recuperação de aprendizagens fragilizadas e evitem um fracasso escolar nas séries futuras, configuram-se como questões fundamentais nas discussões epistemológicas da educação.

No campo interventivo, a psicopedagogia desponta como campo epistemológico do saber, advindo da leitura integrada entre pedagogia, psicologia, psicopedagogia e trabalho clínico, a relação estabelecida entre o cérebro e a aprendizagem, como vias dúbias no processo cognitivo, seus estudos abrangem um vasto conhecimento das bases neurológicas da aprendizagem e do comportamento humano, por meio de estímulos contextuais que deem respostas positivas ao processo de formação do indivíduo, tomando

como foco as relações intrínsecas entre atenção, funções motoras, linguagem, memória, cognição e aspectos emocionais, psicológicos e cerebrais

A natureza do ser humano é marcada pela individualidade e “cada criança é diferente, mas se detectada precocemente e devidamente ajudada, pode vir a ser um adulto sem problemas” (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 01).

Partindo desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a criança constrói.

Mediante a emergência da educação na atualidade, o estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica.

Este estudo justifica-se pela relevância dada ao trabalho docente e às dificuldades de aprendizagem na pré-escola, buscando construir um referencial teórico reflexivo para o pensar e o repensar às práticas e ações neste âmbito, contribuindo, assim, para que as intervenções psicomotoras sejam compreendidas, planejadas, articuladas e desenvolvidas, como fator positivo no desenvolvimento integral da criança atendida por esse segmento da Educação Infantil, pois segundo Smith e Strick (2001, p. 30),

“as condições [...] na escola, na verdade, podem fazer a diferença entre uma leve deficiência e um problema verdadeiramente incapacitante”.

Com trabalhos reconhecidos neste campo do conhecimento, Fonseca (1995, p. 43) e Smith e Strick (2001, p. 15) apontam para conceitos de Dificuldades de Aprendizagem, que se coadunam, respectivamente:

[...] uma desarmonia no desenvolvimento, normalmente caracterizada por uma imaturidade psicomotora que inclui perturbações nos

processos receptivos, integrativos e expressivos da atividade simbólica; e que traduz uma irregularidade biopsicossocial do desenvolvimento global e dialético da criança, que normalmente envolve na maioria dos casos: problemas de lateralização, de praxia ideomotora, deficiente estruturação perceptivo-motora, dificuldades de orientação espacial e sucessão temporal e psicomotora, que impede a ligação entre os elementos constituintes da linguagem e as formas concretas de expressão que os simbolizam.

[...] dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos destas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto por seus ambientes domésticos e escolares.

Na perspectiva de Correia e Martins (2006), nas series iniciais da educação infantil, as dificuldades de aprendizagem são identificadas em crianças que não conseguem alcançar resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidade numa ou de sete áreas específicas, mesmo que esteja sendo estimulada pelo trabalho da escola e da família, neste caso, portanto, há a presença de dificuldade de aprendizagem acentuada, o que suscita uma intervenção pedagógica específica. Correia e Martins (2006) *apud* Arranca (2007, p. 10) apontam para as principais dificuldades de aprendizagem identificadas ainda na pré-escola:

- dislexia com dificuldade no processamento da linguagem, cujo impacto se reflete na leitura e na escrita;
- displaxia com dificuldade de planificação e coordenação motora;
- disgrafia com a dificuldade na escrita;
- discalculia com a dificuldade de realização de cálculos matemáticos;

- discriminação auditiva com a capacidade ou não de perceber as diferenças entre sons;
- dificuldades de percepção visual como as dificuldades de observar pormenores e dar significado ao que é observado;
- desordem por déficit de atenção e hiperatividade que caracterizada por diferentes estados de desatenção e impulsividade condicionam a aprendizagem.

As dificuldades da aprendizagem que surgem na educação infantil apresentam características próprias, que requerem um estudo e intervenção diferenciada daquela direcionada às crianças maiores, as quais frequentam os níveis mais avançados da educação básica, como o ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador deve buscar conhecer seu aluno para que saiba como cada um aprende e compreende os mecanismos de assimilação do conhecimento, e a partir daí, procurar meios e recursos que envolvam as possibilidades de aprendizagem de cada criança, intervindo nas situações de maior dificuldade que ela apresentar, através de estratégias dinâmicas, que atendam a todas, de forma democrática e inclusiva.

As múltiplas competências docentes devem ser construídas por meio de uma formação polivalente, que permita o desenvolvimento de uma prática pedagógica favorável à aprendizagem dos alunos, "[...] comprometida com a prática educacional, capazes de responder às demandas familiares e das crianças, assim como as questões específicas relativas aos cuidados e aprendizagens infantis". (BRASIL, 1v., p. 41).

O olhar atento e perspicaz, tanto do profissional docente como do psicopedagogo, deve orientar as crianças pelos variados caminhos de aprendizagem, motivando-as, criando e recriando os sentidos da aprendizagem, de modo a superar as dificuldades e promover uma aprendizagem de forma ajustada, assegurando o desenvolvimento de atitudes, de criticidade, diálogo, descoberta e inserção no mundo.

"A paciência, o apoio e o encorajamento prestado pelo professor serão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar do aluno, abrindo-lhe novas perspectivas para o futuro" (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 23), pois quando os professores são destituídos de uma bagagem de referências que os capacitem a desenvolverem uma prática pedagógica intencional, que atenda as necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, eles podem representar um grande problema de ordem sociocultural, na medida em que suas ações ineficazes não potencializam aprendizagens significativas, aumentando ainda mais o problema da criança

REFERÊNCIAS

BLAKEMORE, S. J.; FRITH, U. **O cérebro que aprende**. Lisboa: Gradiva, 2009.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a Partir da Prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

_____. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: Introdução**. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Coleção Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão).

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem: que são? Como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 2006.

FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

GARCIA, R. L. **A educação numa plataforma de economia solidária**. In: **Propostas** - Revista trimestral de debate da FASE. Rio de Janeiro: Ano 26, n. 74. set./out./nov., 1997.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento pedagógico. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: ArtMed, 2001.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

EDUCAÇÃO ESPECIAL: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E IMPACTO

YARA DA SILVA SOUSA PEREIRA-¹

Resumo

Este artigo científico examina a educação especial como um campo crítico que busca atender às necessidades educacionais de indivíduos com deficiências e necessidades especiais. A educação especial não apenas se concentra no aspecto acadêmico, mas também considera o desenvolvimento social, emocional e adaptativo dos alunos. Através de uma abordagem holística, visa preparar os alunos para uma vida independente e inclusiva na sociedade.

Apesar dos avanços significativos na promoção da inclusão, desafios persistem, incluindo a necessidade de recursos adequados, formação contínua para educadores e conscientização sobre a importância da diversidade. O trabalho colaborativo entre escolas, famílias e profissionais de saúde é fundamental para garantir o sucesso da educação especial e proporcionar a cada aluno as melhores oportunidades de aprendizado e crescimento.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Educação Especial, Escola

Abstract

This scientific article examines special education as a critical field that seeks to meet the educational needs of individuals with disabilities and special needs. Special education not only focuses on academics but also considers the social,

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Anchieta- Instituto Superior de Educação.
Professora de Educação Infantil da Secretaria de Educação do Município de São Paulo.
Email: yarass1@yahoo.com.br

emotional, and adaptive development of students. Through a holistic approach, it aims to prepare students for an independent and inclusive life in society.

Despite significant advances in promoting inclusion, challenges persist, including the need for adequate resources, ongoing training for educators, and awareness of the importance of diversity. Collaborative work between schools, families and health professionals is essential to ensure the success of special education and provide each student with the best opportunities for learning and growth.

Keywords: Inclusive education, Special Education, School

1 Introdução

Primeiros Passos (Até o Século XIX)

Os primeiros registros de atenção às pessoas com deficiência no Brasil datam do período colonial, mas eram extremamente limitados e baseados em assistência caridosa. O foco era, predominantemente, na caridade e na segregação. Pessoas com deficiência eram frequentemente excluídas da sociedade e das oportunidades educacionais.

A Inclusão Gradual (Século XIX - Meados do Século XX)

A partir do século XIX, houve tentativas iniciais de inclusão de pessoas com deficiência na educação regular, com a criação de escolas especiais para cegos e surdos. No entanto, essas escolas eram isoladas da educação convencional.

Durante a primeira metade do século XX, a visão médica da deficiência predominou, com o foco na patologia e na reabilitação. No entanto, esse período viu o surgimento de algumas escolas inclusivas pioneiras, como a Escola Pestalozzi no Rio de Janeiro, que buscava integrar crianças com deficiência intelectual na sociedade.

A Decolagem da Educação Especial (Décadas de 1960 e 1970)

As décadas de 1960 e 1970 marcaram um período crucial na história da educação especial no Brasil. Com o crescente movimento em direção à democratização da educação, a educação especial começou a ganhar destaque nas políticas públicas. Em 1961, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabeleceu os princípios da educação especial.

A década de 1970 viu o surgimento de legislação específica, como a Lei 5.692/71, que reforçou a ideia de educação especial como parte do sistema educacional brasileiro. Isso também levou à criação de serviços especializados e ao estabelecimento de classes especiais nas escolas regulares.

A Constituição de 1988 e o Paradigma Inclusivo

A Constituição de 1988, frequentemente chamada de "Constituição Cidadã", representou um marco significativo para a educação especial no Brasil. Ela estabeleceu o princípio da igualdade de direitos e a necessidade de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

Em 1994, a Declaração de Salamanca reforçou a necessidade de sistemas educacionais inclusivos. O Brasil comprometeu-se a promover a inclusão de todos os estudantes em escolas regulares.

Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência)

Em 2015, o Brasil promulgou a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Essa lei reforça a inclusão como um direito e estabelece a obrigação das escolas regulares de oferecerem suporte e recursos necessários para atender às necessidades dos alunos com deficiência.

Essa modalidade abrange a educação inclusiva e a educação comum e uma não se sobressai a outra:

[...] baseada na heterogeneidade e não na homogeneidade, considerando que cada aluno tem uma capacidade, interesse, motivações e experiência pessoal única, quer dizer, a diversidade está dentro do 'normal'. Dada essa concepção, a ênfase está em desenvolver uma educação que valorize e respeite às diferenças, vendo-as como uma oportunidade para otimizar o desenvolvimento pessoal e social e para enriquecer os processos de aprendizagem (GUIJARRO, 2005, p. 10).

Uma educação para todos com os seus direitos respeitados e igualitários

Para Cury (2002, p. 246): [...] educação escolar é uma dimensão fundante da cidadania, e tal princípio é indispensável para políticas que visam à participação de todos nos espaços sociais e políticos e, mesmo, para reinserção no mundo profissional.

A função da educação especial é proporcionar aos alunos e caminhar ao lado de políticas públicas que favoreçam a todos, como prescreve a Constituição Federal em seus artigos:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - Progressiva universalização do ensino médio gratuito

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - Atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade; V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - Oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, 1988).

2 Desafios Atuais e Futuros

Apesar dos avanços, a educação especial no Brasil enfrenta desafios significativos, incluindo a falta de recursos, a formação inadequada de professores e a necessidade de adaptação de infraestrutura. A busca por soluções eficazes continua sendo uma prioridade, visando garantir a inclusão plena e a igualdade de oportunidades para todos.

Em 2015, o Brasil promulgou a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Essa lei reforça a inclusão como um direito e estabelece a obrigação das escolas regulares de oferecerem suporte e recursos necessários para atender às necessidades dos alunos com deficiência.

Mantoan (2015) declara que há inúmeros desafios para que a inclusão aconteça de fato. O maior desses desafios seria mudar as condições excludentes que originaram a própria escola pública. Com isso, é preciso considerar o princípio democrático da educação para todos e saber que a luta será muito grande.

Em resumo, a história da educação especial no Brasil reflete a evolução das concepções sobre deficiência, educação e inclusão. A jornada continua, com esforços contínuos para promover uma sociedade mais inclusiva e justa para todos os cidadãos, independentemente de suas necessidades especiais.

Segundo Mazzotta (1989), a educação especial é: [...] um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, para garantir a educação formal dos educandos que apresentam necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens (MAZZOTTA, 1989, p. 39)

Por tanto a educação especial não pode ser separada ou segmentada da educação inclusiva, pois é um direito de todos independente de sua deficiência e necessidades.

Nos tempos atuais os desafios seguem como encontrar caminhos que venham garantir que todos tenham o direito de se inserir no ambiente escolar, com efetividade de acesso e acessibilidade aos espaços, ao currículo e aos serviços e programas de Atendimento Educacional Especializado - AEE. Para Mantoan (1997, p. 8), “a meta da inclusão é, desde o início, não deixar ninguém de fora do sistema escolar, que terá de se adaptar às particularidades de todos os alunos.

3 Estratégias de Ensino Inclusivo

Exploramos as estratégias de ensino inclusivo, como a adaptação do currículo, tecnologias assistivas, parcerias entre escola e família, e a capacitação de professores para lidar com a diversidade nas salas de aula.

Mantoan (2015, p. 29) afirma que “a distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas”. Essa diferenciação irá reforçar a luta de educadores e pais para que a inclusão escolar seja a tônica do século XXI, ela trata da inclusão sob enfoque de leis e diretrizes que norteiam o sistema educacional, visando garantir e advogar que os alunos deficientes sejam acolhidos pela escola regular.

Impacto da Educação Especial

A Educação Especial desempenha um papel crucial na vida dos alunos, proporcionando oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que atendem às suas necessidades individuais. O impacto dessa modalidade de ensino pode ser profundo e transformador, trazendo benefícios significativos para os alunos com diferentes tipos de deficiência, garante que alunos com deficiência tenham acesso igualitário à educação. Ao oferecer suporte adaptado às suas necessidades específicas, ela possibilita que esses alunos participem do processo educacional em igualdade de condições com os demais, A interação com colegas e professores no ambiente educacional especializado proporciona

oportunidades importantes para o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Eles podem construir amizades, desenvolver habilidades sociais e ganhar autoconfiança.

No âmbito das Políticas à Educação da Pessoa com Deficiência no Brasil, vale salientar a concepção de Educação Especial, conforme apresentada no artigo 3º da Resolução CNE/CEB 02, de 11 de setembro de 2001:

[...] entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001).

A Educação Especial tem uma série de impactos significativos na vida dos alunos que dela fazem parte. Esses impactos vão muito além do ambiente escolar, influenciando positivamente diversos aspectos de suas vidas. Aqui estão alguns dos principais impactos:

Desenvolvimento Acadêmico: A Educação Especial visa atender às necessidades específicas de cada aluno, adaptando os métodos de ensino para garantir que eles tenham a oportunidade de alcançar sucesso acadêmico. Isso pode incluir estratégias pedagógicas personalizadas, tecnologias assistivas e apoio individualizado, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas.

Desenvolvimento Social e Emocional: A interação com colegas e professores em um ambiente inclusivo promove o desenvolvimento social e emocional dos alunos. A participação em atividades escolares e a construção de relacionamentos ajudam a desenvolver habilidades sociais, autoestima e senso de pertencimento.

Inclusão Social: Ao promover um ambiente inclusivo na escola, a Educação Especial contribui para a quebra de estigmas e preconceitos relacionados a deficiências. Isso pode ter um impacto positivo na inclusão social mais ampla, preparando os alunos para uma participação ativa na sociedade.

Independência e Autonomia: A Educação Especial muitas vezes foca no desenvolvimento de habilidades práticas e de vida diária. Isso inclui treinamento em habilidades de autonomia, promovendo a independência dos alunos em tarefas cotidianas e preparando-os para uma vida mais autossuficiente.

Autoconhecimento e Autoaceitação: Ao enfrentar desafios e superar obstáculos na educação especial, os alunos têm a oportunidade de desenvolver um maior autoconhecimento e aceitação de si mesmos. Isso contribui para a construção de uma autoimagem positiva e uma atitude resiliente diante das adversidades.

Preparação para o Mercado de Trabalho: Programas de transição e preparação para a vida adulta são frequentemente integrados à Educação Especial. Isso visa equipar os alunos com habilidades práticas e profissionais que os ajudarão a ingressar no mercado de trabalho e se tornarem membros produtivos da sociedade.

Envolvimento da Família: A Educação Especial muitas vezes envolve uma parceria estreita entre escola e família. Isso não apenas beneficia o aluno, mas também fortalece os laços familiares, proporcionando um sistema de apoio sólido para enfrentar desafios educacionais e sociais.

Ao considerar esses impactos, é evidente que a Educação Especial desempenha um papel vital na promoção do bem-estar global dos alunos, capacitando-os a enfrentar o futuro com confiança e competência. O investimento em uma abordagem inclusiva na educação não apenas beneficia os indivíduos diretamente envolvidos, mas contribui para uma sociedade mais justa e equitativa.

4 Considerações Finais

A Educação Especial desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade inclusiva, onde cada indivíduo, independentemente de suas diferenças e desafios, tem o direito de receber uma educação adaptada às suas necessidades específicas. Ao longo deste percurso, considerações fundamentais emergem, destacando a importância de um compromisso contínuo com a inclusão e a promoção da igualdade educacional.

Em primeiro lugar, a conscientização sobre a diversidade é essencial. Reconhecer e valorizar as diferenças individuais contribui para a criação de ambientes educacionais mais acolhedores e respeitosos. A aceitação da diversidade não se limita apenas aos alunos com necessidades especiais, mas abrange a compreensão de que cada estudante traz consigo experiências, habilidades e perspectivas únicas.

A formação e capacitação de profissionais da educação são pilares indispensáveis. A atualização constante dos educadores em relação a práticas

pedagógicas inclusivas e às últimas tecnologias assistivas possibilita um atendimento mais eficaz e personalizado às demandas dos alunos. A interdisciplinaridade também se mostra crucial, incentivando a colaboração entre professores, profissionais de saúde e outros especialistas para criar estratégias de ensino mais abrangentes.

Outro aspecto a ser considerado é a importância da legislação e políticas educacionais inclusivas. Garantir que leis e políticas estejam alinhadas com os princípios da igualdade educacional assegura que os direitos dos alunos com necessidades especiais sejam protegidos, promovendo o acesso equitativo a oportunidades educativas.

O envolvimento ativo das famílias desempenha um papel crucial na jornada educacional de um aluno com necessidades especiais. A colaboração entre escola e família cria um ambiente de apoio mais sólido, onde as experiências e conhecimentos dos pais são integrados ao planejamento educacional, proporcionando uma abordagem mais completa e personalizada.

Em síntese, a Educação Especial não é apenas uma abordagem educacional; é um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao enfrentar os desafios e celebrar as conquistas, estamos contribuindo para um futuro em que todos os alunos têm a oportunidade de alcançar seu pleno potencial, independentemente das barreiras que possam enfrentar. Ao finalizar, reforço a importância contínua desse trabalho colaborativo e dedicado, buscando sempre ampliar as fronteiras da inclusão e da educação para todos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.**

Constituição Federal de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado, 5 out. 1988.**

Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 dez. 1996.**

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994.** Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação especial.** Brasília:MEC/SEESP, 1998.

MAZZOTTA, M. J. S **Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas 3.** ed São Paulo: Cortez, 2001

MANTOAN, Maria Tereza Eglér **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? (Novas arquiteturas pedagógicas)** São Paulo: Summus ,2015.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

AS ARTES EM MUSEUS

KATIANE SANTOS SOBRAL

RESUMO

A trajetória das artes visuais na contemporaneidade, desde os anos 1960, destacou diversas formas de expressão como a videoarte, a performance e as intervenções urbanas, entre outras que surgiram a partir dessa década. Dentre essas novas possibilidades, a instalação artística se tornou o exemplo mais proeminente no sistema das artes visuais, especialmente em eventos expositivos, museus colecionadores e ações mercadológicas. Seria prudente questionar quais critérios cada instituição utiliza para categorizar suas obras como instalações. Provavelmente, devido aos variados usos do termo "instalação", poderíamos concluir que há uma falta de tradição nominal consolidada. No entanto, isso apenas oculta a questão, visto que nas últimas duas décadas tem sido igualmente difícil classificar obras como desenhos, gravuras ou fotografias. A classificação de linguagens e programas estéticos tradicionais enfrenta desafios semelhantes aos da instalação, da arte computacional, do happening, da arte on-line, da performance, entre outros.

Palavras-chave: Artes Visuais; Expressão; Instalação.

INTRODUÇÃO

Conforme mais ferramentas de mediação estão sendo criadas e usadas para atender diferentes públicos, o futuro do museu poderia ser seguro em relação a evolução de suas funções?

As práticas educacionais de museus de qualquer natureza podem ser entendidas como formas de mediação que proporcionam ao público a possibilidade de interpretar objetos e o discurso expositivo sob várias perspectivas (GRINSPUM, 2000, p 54).

Dessa forma, os museus não apenas promovem interações sociais entre visitantes provenientes de diferentes contextos, mas também contribuem para criar um sentimento de pertencimento entre eles, compartilhando uma experiência estética.

Nas últimas décadas, a relação entre o museu e o público passou por uma profunda transformação, na qual a estatura deste último tem aumentado constantemente, contrastando com a fundação do modelo tradicional do museu onde a voz do público era não ouvido. A onda de práticas participativas no setor de museus é uma evidência convincente dessa mudança composta, e a literatura relativa está se tornando mais rica e sofisticada.

Se, como sinaliza Paulo Freire, é na palavra que o homem faz; então o diálogo é o caminho que se impõe para a educação, para o patrimônio cultural e para a educação em museus, sobretudo por que dialogar faz parte da natureza histórica do ser humano. Este campo do conhecimento que se fundamenta na educação dialógica, parte da compreensão de que os indivíduos têm suas experiências diárias. Oferece a possibilidade de se começar do concreto, do senso comum para se chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. É ouvir os indivíduos falarem sobre como compreendem seu mundo e caminhar junto com eles no sentido de uma compreensão crítica e científica dele (CABRAL; RANGEL, 2008: p.163)

Os museus educam os outros sobre a cultura local
Para que uma cultura seja respeitada e sobreviva à globalização, as da cultura dominante devem ser educadas sobre as culturas minoritárias e seu modo de vida.

A VIVÊNCIA COM A ARTE

As artes fomentam níveis mais elevados de pensamento que se transferem para o aprendizado de outros assuntos acadêmicos, assim como para a vida fora da escola. Por meio das artes, as crianças aprendem a observar, interpretar, ver diferentes perspectivas, analisar e sintetizar. Em um mundo em que os estudantes precisam frequentemente percorrer um mar de informações para determinar quais fatos são confiáveis e relevantes para um determinado tópico, as habilidades de pensamento crítico são fundamentais para a prontidão da faculdade e para a aprendizagem ao longo da vida.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009):

É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se reconhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. A atividade de desenhar para as crianças, por exemplo, é muito importante, pois favorece a sua expressão e representação do mundo. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.18).

As artes requerem medição, manipulação de números e pensamento proporcional, que promovem o pensamento matemático. Os alunos também aprendem padrões (ritmos musicais e padrões de dança), relações espaciais e geométricas (padrões de arte visual) e habilidades tridimensionais (fazendo modelos de argila). Os estudantes que estudam as artes, especialmente a música, superam seus colegas não-artes em avaliações de matemática. A instrução de matemática integrada em artes também facilita o domínio das habilidades de computação e estimativa, além de desafiar conceitos como frações.

Obras de arte fornecem um contexto visual para aprender sobre períodos históricos. Música, pintura, teatro e dança ajudam a literatura a ganhar vida.

As artes ensinam os jovens sobre beleza, proporção e graça. Os alunos podem examinar o conflito, o poder, a emoção e a própria vida. O poder das

artes está em sua maravilhosa capacidade de nos dar alegria, nos ajudar a entender a tragédia, promover a empatia e tornar viva a palavra escrita.

De acordo com Silvestre (2010, p.17)

Independente da cultura que o aluno possui, é dever e direito da escola saber integrar diferentes culturas, e valorizar cada vez mais as culturas de diferentes povos, trabalhando na perspectiva de incentivar os alunos para reconhecerem se a eles próprios. Trabalhar com diferentes culturas, ou com culturas locais oportuniza o aluno cada vez mais a se conhecer e conhecer o outro, e o mundo no qual está inserido.

As crianças absorvem quantidades incríveis de novas informações e precisam processar o que aprenderam de maneira segura e reflexiva. A arte permite explorar sentimentos e lidar com eventos diários e significativos. Os materiais de arte fornecem uma saída segura para emoções. Sentimentos e ideias podem ser reduzidos a um tamanho gerenciável e manipulados conforme desejado. Movimento, imagem, cor, linha e imaginação, todos ajudam as crianças a se expressarem de uma maneira multidimensional - uma maneira que as palavras podem não ser capazes de fazer ou que podem ser mais confortáveis para elas do que as palavras.

A arte é uma atividade que pode empregar todos os sentidos - visão, som, toque, olfato e paladar - dependendo da atividade. As sinapses do cérebro das crianças disparam quando experimentam e criam, espremendo tinta entre os dedos, misturando cores e materiais ou desenhando com imaginação ou o que veem diante deles.

De acordo com o PCN ARTES (2001, 105p.):

As atividades propostas na área de artes devem garantir e ajudar as crianças e jovens a desenvolverem modos interessantes, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.

A arte está naturalmente ligada à criatividade, um atributo que é cada vez mais apontado como um dos fatores mais importantes para o sucesso de indivíduos, organizações e culturas.

As atividades artísticas também ajudam o desenvolvimento social e emocional das crianças. As crianças do Ensino Fundamental aprendem sobre si e sobre os outros por meio de atividades artísticas, como as esculturas. Isso realmente os ajuda a criar autoestima. É uma oportunidade para as crianças fazerem uma declaração pessoal sobre sua singularidade através da arte, permitindo que expressem felicidade, alegria e orgulho.

A arte também aprimora o desenvolvimento cognitivo das crianças, o que pode ajudar as crianças com suas habilidades matemáticas iniciais. As crianças que experimentaram uma grande variedade de pessoas e lugares terão várias ideias para escolher ao fazer arte. A arte reflete o que uma criança sabe sobre o mundo e permite que ela escolha como traduzir essas ideias e experiências.

De acordo com (SCHWALL, 2001, p.48):

O ensino da arte atua no processo de aprendizagem e desenvolvimento, propiciando à criança a compreensão de sua história como ser humano, estimulando e ampliando a sua percepção do mundo e possibilitando a construção da autonomia, da cooperação, do senso crítico da responsabilidade – aspectos fundamentais para a formação da cidadania e, conseqüentemente, para a construção social.

Finalmente, a arte é importante porque permite que as crianças do Ensino Fundamental sejam criativas. Cada peça de barro manipulada ou cada pintura de cavalete é individual e original para cada criança em seu programa. A arte é aberta e todo o trabalho pode ser honrado.

Para Vygotsky, o desenvolvimento do desenho requer duas condições. A primeira é o domínio do ato motor, por isso, para Vygotsky (1989), inicialmente, o desenho é o registro do gesto e logo passa a ser o da imagem. Assim, a criança percebe que pode representar graficamente um objeto. E essa característica é um indício de que o desenho é precursor da escrita, pois a percepção do objeto,

no desenho, corresponde à atribuição de sentido dada pela criança, constituindo-se realidade conceituada.

Vygotsky identifica ao longo do desenvolvimento da expressão gráfico-plástica infantil quatro etapas, a saber: Simbólica, Simbólico-formalista, Formalista Veraz e Formalista Plástica.

A etapa simbólica conhecida pelos bonecos que representam de modo resumido, a figura humana. Esta etapa é descrita por Vygotsky como o momento em que as crianças desenham os objetos “de memória” sem aparente preocupação com fidelidade à coisa representada. É o período em que a criança “representa de forma simbólica objetos muitos diferentes de seu aspecto verdadeiro e real” (Vygotsky, 1987, p. 94). Segundo autor, são grandes a arbitrariedade e a licença do desenho infantil nesta etapa.

Já na etapa simbólico-formalista se percebe maior elaboração dos traços e formas do grafismo infantil. É o período em que a criança começa a sentir necessidade de não se limitar apenas à enumeração dos aspectos concretos do objeto que representa, buscando estabelecer maior número de relações entre o todo representado e suas partes. Os desenhos permanecem ainda simbólicos, mas é possível identificar o início de uma representação mais próxima da realidade.

Enquanto isso, na etapa formalista veraz: Nesta fase, as representações gráficas são fiéis ao aspecto observável dos objetos representados, acabando os aspectos mais simbólicos, presentes nas etapas anteriores.

Por fim, a etapa formalista plástica observa-se uma nítida passagem para um novo modo de desenhar, há desenvolvimento viso-motor mais acentuado, o sujeito utiliza técnicas projetivas e de convenções mais realistas. O grafismo deixa de ser uma atividade com fim em si mesma e converte-se em trabalho criador. No entanto, há uma diminuição do ritmo dos desenhos que permanecem mais entre aqueles que realmente desenham porque sentem prazer neste ato criativo.

ARTE, UMA DEFINIÇÃO ENIGMÁTICA

A Arte considera a visão essencial no processo de compreensão e avaliação de uma representação imaginária ou real do mundo. Está ligada à beleza, à sensibilidade estética e à criatividade inerente a cada indivíduo, que se manifesta em criações atraentes e agradáveis de se ver.

Segundo o dicionário Houaiss, a palavra se origina do Sânscrito e significa "capacidade de dominar a matéria, ideia básica (ajustar, moldar)", sendo uma ação transformadora realizada pelo homem. Para os latinos, *artis* ou *ars* significa maneira de agir ou ser, habilidade adquirida ou natural.

Assim, arte é considerada todo conhecimento técnico de fabricação humana. Com o passar do tempo, ocorrem mudanças no contexto da Arte, surgindo diversas formas de acordo com a necessidade e motivação de cada civilização ou período.

No entanto, seu conteúdo original permanece, que é a capacidade de lidar com produtos, utilizando métodos ou materiais para expressar sentimentos e ideias. De acordo com antropólogos, a Arte possui diversos conceitos e faz parte da cultura de uma nação, sendo que cada nação desenvolve sua arte em relação à cultura local. Mello (2001, p. 430) afirma que "O que é belo para determinado povo pode não sê-lo para outros. Em suma, negar isso é negar à arte sua condição de atividade cultural e social".

A arte aparece em todos os povos de todos os continentes em todas as épocas. A arte é a necessidade humana de se expressar de se comunicar com seu deus, com seus semelhantes consigo mesmo, criar e mostrar seus mundos, mas seu desenvolvimento, como arte, depende da sociedade, do ambiente no qual o sujeito sonhante está imerso (MENDES E CUNHA, 2004 P. 80).

Após o período do romantismo, a noção de arte foi transformada. O que antes era visto apenas como uma habilidade técnica, passou a ser valorizado pelo sentimento, superando o conhecimento técnico. A visão de Platão sobre a arte baseia-se no conceito de reminiscência, ou seja, na ideia de que o mundo real é uma imitação do mundo ideal. Neste caso, a arte, sendo uma espécie de cópia do mundo real (da natureza e da natureza transformada pela cultura), seria

inferior a este, que por sua vez é inferior ao mundo ideal. (MELLO, 2001 p. 427-428).

Segundo Mello (2001), a arte rompeu com o princípio platônico e passou a ser vista como uma escola especial da consciência humana. Para Platão, a arte não era considerada uma manifestação completa da ideia. Segundo sua teoria, objetos modificados naturalmente eram referência de originalidade, algo alterado pela mão do homem não captaria a forma original da ideia com fidelidade, sendo de um nível inferior de projeção. As alterações feitas pelo indivíduo teriam da ideia original apenas o material a ser usado, como tecido ou madeira, e sua função no olhar de Platão é secundária, com significado estético ou prático. A produção artística não segue uma linha de obediência fixa à razão ou lógica, nela tudo é permitido, esculpindo um universo de possibilidades onde tudo é rompido e recriado.

Ela reproduz as ideias eternas percebidas através da pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela se manifesta, pode ser constituída em artes plásticas, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das ideias; seu único objetivo, a comunicação desse conhecimento. (SCHOPENHAUER 1991, p. 17)

A Arte, em seu dinamismo, possui uma variedade de conceitos, onde sua manifestação tem como base as origens de um povo através de sua visão, cultura e época. Schopenhauer (1991, p. 25) ressalta que "o artista nos permite contemplar o mundo através de seus olhos".

O ENSINO DE ARTE E O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL

De acordo com o Referencial Curricular Nacional (RCN) para a educação infantil, que é composto por três volumes, Leite Filho (2001) comenta que este documento oferece sugestões essenciais aos professores que atuam na educação infantil.

No entanto, o documento não tem caráter obrigatório, cabendo à equipe pedagógica decidir se deseja ou não incorporar as propostas apresentadas.

Segundo o RCN (BRASIL, 1998), a educação infantil deve proporcionar às crianças acessibilidade cultural que contribua para seu desenvolvimento e interação social.

Conforme esse documento, a construção da identidade da criança é fundamentada no desenvolvimento emocional, afetivo e cognitivo, e apenas a educação baseada na interação social contribui para esse processo. Publicado em 1998 pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), o RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil) tem como objetivo ser um material instrumental e didático, sendo opcional a inclusão total ou parcial pelas instituições, ou a agregação a outras propostas de ensino. Ele é composto por três volumes (volume I – Introdução, volume II – Formação Pessoal e Social, volume III – Conhecimento de Mundo). Observam-se na terminologia utilizada pelos RCNEI termos como "meio" e "suporte". "Suporte" é o material usado para o desenvolvimento de um determinado trabalho (cartolina, isopor, etc.), e "meio" é o instrumento utilizado para essa finalidade (pincel, lápis, borracha, etc.), sendo esses termos específicos do conhecimento do profissional de Arte.

O educador que ministra Arte na educação infantil não possui formação específica na área, sendo ele um professor polivalente, ou seja, com formação em pedagogia. Conforme o documento RCNEI, o professor polivalente deve ter conhecimento de diversos conteúdos, desde cuidados básicos essenciais até conteúdos específicos de conhecimento, possuindo uma formação profissional bastante ampla (BRASIL, 1998).

A formação do professor polivalente expressa a ideia de uma pseudoformação, sendo quase impossível assimilar conhecimento de diversas áreas educacionais.

Portanto, é aceitável afirmar que a formação desse educador polivalente possui apenas informações superficiais e fragmentadas das diversas áreas de ensino. No entanto, ao ler o documento, o Referencial pressupõe a existência de um docente altamente qualificado, capaz de compreender diferentes nomenclaturas, com capacitação para moldar determinadas práticas educacionais e refletir sobre elas diariamente, ou seja, o documento apresenta

uma visão um pouco distante da realidade, uma vez que essa área educacional ainda necessita de atenção.

ARTE E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A arte é fruto do contexto social e não acontece no meio vago, é uma atividade que não pode ser definida de uma única maneira, ela atinge a essência humana. É algo que não pode transferir de ser humano para ser humano, e principalmente é o produto das culturas. A educação também é assim, ela não acontece no meio vago, deve se originar de uma criação e permanece inserida na sociedade.

Por meio de uma educação prazerosa o aluno tem condição necessária para desenvolver seu pensamento crítico. A educação por meio da Arte faculta a criança para agir na sociedade, estimula a capacidade crítica e intelectual, possibilita recriar ações e ideias, seguindo seu próprio conceito conforme fundamenta a autora:

O aluno expressar-se-á pelo desenho como pela linguagem falada e escrita. Daí o desenho espontâneo, pelo qual ele dirá o que viu, o que pensa e o que sente, devendo-se dar a criança inteira liberdade nas manifestações, para que melhor possa ser conhecida e encaminhada, contribuindo-se desse modo também para lhe desenvolver a iniciativa e a capacidade de criar (BARBOSA 2011, p. 163).

A LDB da Educação Nacional integra a Arte como grade curricular obrigatório em todos os anos da Educação Básica. Os educadores ao possuírem um curso de formação auxiliam para que as linguagens artríticas sejam preparadas apenas como instrumento, entretanto em sua maioria não reclamam a Arte com o mesmo ardor que os demais conteúdos didáticos. Em outras palavras não veem a Arte como uma disciplina que possui características peculiares que podem ser o foco de articulações e reflexões de ensino por educadores.

Segundo Cross (1983, P. 110) “Não se pode dirigir uma classe de Arte na escola sem atentar para a natureza da Arte, da cultura, do planejamento, de tudo o que existe no mundo exterior, a fim de formar opiniões sobre os valores expressos lá dentro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são templos do conhecimento, guardiões de histórias, culturas e civilizações. Eles desempenham um papel crucial na preservação e celebração das artes, oferecendo às pessoas a oportunidade de explorar e se conectar com o patrimônio artístico da humanidade.

A principal função dos museus é a preservação do patrimônio artístico. Eles abrigam obras de arte de inestimável valor histórico e cultural, protegendo-as dos efeitos do tempo e das adversidades ambientais. Sem os museus, muitas dessas obras poderiam se perder ou deteriorar, privando futuras gerações da oportunidade de apreciar o legado artístico deixado por diferentes épocas e sociedades.

São espaços de aprendizado e inspiração. Eles oferecem programas educacionais que ajudam as pessoas a entenderem melhor a história, a técnica e o contexto das obras de arte expostas. Através de visitas guiadas, exposições interativas e workshops, os museus tornam a arte acessível a todos, independentemente da idade ou do nível de conhecimento prévio. Esse contato com a arte pode despertar a criatividade, estimular a curiosidade e inspirar novas gerações de artistas.

A arte tem o poder de provocar reflexões e diálogos sobre questões sociais, políticas e filosóficas. Os museus oferecem um espaço seguro onde essas discussões podem acontecer, mediadas pelas obras de arte que desafiam percepções e inspiram novas perspectivas. Exposições temáticas frequentemente abordam tópicos relevantes e atuais, engajando o público em conversas significativas.

Além de seus benefícios culturais e educacionais, os museus de arte também têm um impacto econômico significativo. Eles atraem turistas de todo o mundo, gerando receita para a economia local. Eventos especiais, exposições temporárias e coleções de renome internacional ajudam a colocar cidades no mapa cultural global, contribuindo para o desenvolvimento do turismo e das indústrias criativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BIASOLI, Carmem Lúcia. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**. São Paulo: Papirus, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Editora Câmara, Brasília, DF. 2018.

_____, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997,130p.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. **Processos educativos: de ações esparsas à curadoria**. In: CADERNO de diretrizes museológicas: mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa. Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008, n. 2. p.158-168.

COLI, Jorge. Manet. **O enigma do olhar**. Revista Eletrônica Print by FUNREI Disponível em: <<http://www.funrei.br/revistas/filosofia>> Acesso em 30 out 2024.

COUTINHO, I. **Transformações no ensino da arte: algumas questões para reflexão conjunta**, in: Barbosa, A.M.T. (org.), *Inquietações e mudanças no ensino da arte*, São Paulo: Cortez, 2002.

CROSS, Jack. **O ensino de arte nas escolas**, São Paulo: Cultrix, 1983.

CUNHA, Ademilson Henrique da Cunha. **Teatro na escola: proposta para a educação moderna**. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/monographia>. Acesso em: 11 de out 2020.

- DESGRANGES, Flavio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. 16 ed. São Paulo: LTC, 2008.
- GRINSPUM, D. **Educação para o patrimônio: museu de arte e escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. 2000: Tese (Doutorado em Linguagem e Educação) Universidade de São Paulo (FEUSP).
- GULLAR, Ferreira. **Sobre Arte**. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1982.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MAIA, Maria Vitoria Campos Mamede. **Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino-aprendizagem**. Rio de Janeiro, 2014. Seminário Regional de Informações de Custos e Qualidade do Gasto no Setor Público. Disponível em: <<http://www.cesed.br/portal/documentos/posgraduacao/roteiroelaboracaorelato-experiencia.pdf>>. Acesso em 20 out 2020.
- MORAIS, Frederico. **Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX**. Apresentação Ernest Mange. 2. ed. rev. São Paulo: Itaú Cultural, 1991.
- SMITH, Edward Lucie, **Dicionário de termos de arte**, Lisboa, Publicações D.Quixote, 1990.
- STERN, Arno. **Uma nova compreensão da arte infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- VYGOTSKY, L; LURIA, A.R., LEONTIEV. A. M. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001
- WÖLFFLIN, H., **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. 4ª ed., São Paulo - SP, Martins Fontes, 2000.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

A LINGUAGEM, A ORALIDADE, OS PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS E A EDUCAÇÃO

KATIANE SANTOS SOBRAL

RESUMO

A linguagem é muito mais do que simplesmente um meio de transmitir informações; é um reflexo da identidade, cultura e história de um povo. A diversidade linguística enriquece nossa compreensão do mundo e nos conecta a diferentes realidades e perspectivas. No entanto, os preconceitos linguísticos, muitas vezes enraizados em hierarquias sociais e culturais, podem marginalizar e desvalorizar certas formas de falar, perpetuando injustiças e desigualdades. A oralidade, por sua vez, é uma manifestação poderosa da linguagem, repleta de nuances, entonações e contextos que conferem significado e profundidade às nossas interações. Compreender e respeitar as diversas modalidades da oralidade é essencial para uma comunicação eficaz e inclusiva. Nesse contexto, a educação desempenha um papel crucial na promoção da diversidade linguística e na luta contra os preconceitos. Ao valorizar e incentivar a expressão de diferentes formas de linguagem, as instituições educacionais podem criar ambientes mais acolhedores e equitativos, onde todos os estudantes se sintam representados e respeitados. Portanto, ao explorar a interseção entre a linguagem, a oralidade, os preconceitos linguísticos e a educação, ampliamos nossa compreensão da complexidade e beleza da comunicação humana, e

fortalecemos nosso compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Comunicação; Diversidade Linguística; Preconceito.

INTRODUÇÃO

Quando se trata da oralidade, a palavra falada assume o papel principal na expressão verbal para comunicar mensagens. Reconhecemos que os sons que vocalizamos são sinais acústicos distintivos, gerados pelo equipamento vocal.

Nesse sentido, Faraco (2012, p.47) destaca que "a forma primária de expressão da linguagem oral é a oralidade, ou seja, a expressão articulada de sons produzidos pelo aparelho vocal". Dessa observação, deduzimos que esse componente do nosso corpo humano possui mecanismos essenciais que contribuem para a emissão da fala nas diversas línguas existentes.

A linguagem representa um fenômeno intrincado e é moldada por diversos elementos. No território brasileiro, o idioma Português foi sujeito a um "Processo de colonização, envolvendo desafios do plurilinguismo, da assimilação cultural, das transformações, dos embates e cruzamentos e da uniformização" (OGLIARI, 1999, p.1). Por conseguinte, uma das suas particularidades é a diversidade linguística.

Travaglia (2003, p.41) expõe em sua seguinte argumentação:

Todos reconhecem a existência de uma extensa variedade de formas linguísticas, porém, ao mesmo tempo em que se admite a diversidade linguística como um fato, observa-se que nossa sociedade tem uma longa tradição de avaliar a diversidade em uma escala de valor, por vezes até moral, que leva a rotular os usos característicos de cada

variedade como corretos ou incorretos, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc.

O autor revela que a sociedade é tendenciosa no que toca a linguagem. A diversidade linguística é vista pelo autor como uma escala que os próprios falantes usam para julgar os equívocos linguísticos. O dilema reside no fato de que não se pode avaliar um indivíduo pelo seu discurso, a diversidade vai além disso, sendo necessária uma visão mais abrangente da linguagem e com menos preconceito.

Segundo Amaral (2000, p.323), na "linguagem ocorrem variações socioculturais - convivência em um específico grupo social; variação geográfica - local em que o falante vive por um tempo e variação histórica - período em que o falante se encontra."

A variação sociocultural, ou seja, a diastrática, é aquela que é influenciada pelas condições sociais dos indivíduos. Conforme Travaglia (2001, p. 45),

O dialeto representa as variações que ocorrem de acordo com a classe social à qual o indivíduo pertence." Para o autor, há uma uniformidade entre as formas de fala de um mesmo grupo sociocultural da comunidade. Assim, podem ser encaradas como variações linguísticas devido à natureza social: o uso de gírias, os termos profissionais ou de classes, como os de professores, policiais, juízes, marginais etc.

Travaglia (1996) acrescenta ainda:

A gíria, definida como o modo específico de utilização do idioma por um grupo social que se identifica por esse uso linguístico e se resguarda da compreensão por outros grupos, também pode ser considerada como uma forma de dialeto social. (TRAVAGLIA. 2001, p.45)

O termo dialeto originou-se na Grécia, apresentando características distintas de pronúncia, vocabulário e morfossintaxe. Na sociolinguística atual, os dialetos urbanos são caracterizados pela "convergência dialetal e pela mistura de variedades, à medida que falantes de diferentes regiões/classes entram em contato" (BAGNO. 2017, p.84).

O senso comum atribui conotações negativas ao dialeto, "como se fosse uma forma incorreta e distorcida de falar o idioma" (BAGNO, 2017, p.84).

A escolha do dialeto, por sua vez, é considerada como um suporte para a construção de um padrão que se deve às circunstâncias "sociais, políticas, históricas e culturais, e não às supostas qualidades intrínsecas desse dialeto em comparação com os demais" (BAGNO, 2017, p.84).

É comum entender que para a comunicação verbal ocorrer, são necessários certos princípios orientadores, como por exemplo: a combinação de termos, normas, organização mental, intenção e clareza das frases para facilitar a compreensão da mensagem, já que nosso interlocutor é o receptor das informações que desejamos transmitir.

Segundo Ormundo e Siniscalchi (2018):

[...] é por meio da linguagem, em suas variadas possibilidades de materialização (verbal – oral ou escrita, visual-motora – libras, corporal, sonora, digital etc.), que agimos para marcar nosso posicionamento no mundo, constituímos vínculos, estabelecemos pactos e compromissos, entre outros aspectos impossíveis sem a linguagem (ORMUNDO e SINISCALCHI, 2018, p.7).

Parafraseando Leffa (2001, p. 333) desde os primórdios da existência humana, indivíduos têm engendrado modos de se comunicar com seus congêneres.

REAÇÕES DA SOCIEDADE QUANTO AO PRECONCEITO EM RELAÇÃO AS GÍRIAS E EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS

A comunicação, por meio de seus símbolos, emerge como uma ferramenta impactante na edificação dos laços entre os negociadores ilícitos, sendo que a seleção de todas as ferramentas linguísticas é determinada pelo emissor sob diversas intensidades de influência do receptor - neste contexto, rivais do comércio ilegal (BAKHTIN, 1997).

A pesquisadora Alessandra Freitas da Silva (2008, p.37), relata que:

A sociedade identifica a gíria como uma variação de notoriedade, este termo vem do latim e significa algo que é conhecido pela sociedade, pois normalmente quem faz uso desta linguagem são jovens inconscientes, sem cultura, sem reflexão, não possui uma história ou um pensamento crítico, há também as gírias de grupo (calão) aquelas usadas nas atividades dos criminosos, ou em ambiente carcerário, sendo esta variação linguística desprestigiada e sofre preconceito por uma parte da sociedade, essa linguagem informal sai da extensão privada e se converte em uma linguagem pública, vai se popularizando tornando se uma linguagem comum, e para que a mesma seja aceita por todos, é necessário o usuário usá-la de forma correta.

A língua, como veículo de comunicação, desempenha um papel crucial na troca de informações entre os participantes do diálogo. Conforme Simões (2009, p.14) coloca, "a língua é definida pelo conjunto de normas e vocabulário utilizados pelos membros de uma comunidade". A combinação dessas palavras contribui para a formação da linguagem, um elemento essencial na interação, possibilitando a compreensão dos símbolos convencionais produzidos pelo interlocutor.

Os procedimentos de criação da linguagem informal se assemelham aos da língua Portuguesa e conforme Cabelo (1991, p.50), ao vocabulário francês, Norte-Americano e Castelhana, e são capazes de ser analisados sob os planos sonoro, vocabulário e gramatical. Para a análise da formação da palavra gíria considerou-se primeiro a forma e posteriormente a definição.

Na esfera gramatical, a reestruturação da configuração é documentada no grupo de escritos por meio de uma variedade de métodos, dos quais a inserção de sufixos (derivação sufixal) é a mais difundida na linguagem casual, ora com propósitos expressivos, ora afetivos, ora depreciativos.

A aplicação dos sufixos diminutivos ocorre com –inho(a) que se conectou a substantivos e adjetivos, acrescentando-lhes uma dimensão afetiva, por exemplo, feinha (cônjuge), bichinho (aposta). Contudo, pode assumir uma conotação depreciativa, como em povinho (pó para suco) e joaninha (viatura policial parecida com um fusca); o primeiro evidenciando uma qualidade negativa da bebida de qualidade inferior e o segundo pela negligência em relação à potência e ao modelo do veículo. Esse sufixo também surge no sentido original

do sufixo inho indicando objetos de pequeno tamanho ou dimensão, como em botinha (cigarro), balinha (parte de maconha). Um caso especial é a palavra composta corridinha (inalação de cocaína), também conhecida como carreirinha devido à disposição da substância em linha reta e que pode ser consumida rapidamente. Assim, entrelaçam-se dois significados em um único termo. (JORNAL LNH. 2024)

Pode-se observar uma preferência desse estilo de linguagem casual por construções com termos-chave, que formam expressões paralelas. Seleccionamos, no grupo de escritos, o verbo estar: estar de rosto limpo, estar chupando doce, estar pálido, estar de pregador, estar em apuros, estar confuso, estar alerta, estar honesto, estar girando.

O procedimento de composição de palavras também contribui para a formação do léxico da linguagem casual.

VOCÁBULO DE GÍRIAS

Preti (2000, p.222), cita que há uma propagação, uma difusão do vocábulo gírio, saindo dos limites do pequeno grupo e dispersando-se na linguagem comum da sociedade (gíria comum) leva o falante a empregá-lo, sem sequer ter a consciência de que se trata de gíria. Os exemplos são diários, não só na língua falada, mas também na escrita da imprensa.

Conforme as ideias de certos estudiosos, podemos compreender por que esse tipo de linguagem não foi objeto de análises mais detalhadas. Segundo Antenor Nascentes (2003), o termo "gíria" sugere uma inclinação para um vocabulário peculiar utilizado por criminosos, contrabandistas, indivíduos ociosos e outros de reputação questionável (NASCENTES. 2003, p.593).

As línguas são seres vivos e como tudo que está vivo, sofrem transformações, evoluções. Essas mudanças acontecem de maneira gradual e geralmente são percebidas apenas em certas partes do sistema linguístico, não sendo facilmente observáveis no cotidiano. É somente quando nos detemos para

refletir sobre as línguas ou quando as estudamos, por meio de textos escritos, que notamos essas mudanças.

Conforme Bagno (2007, p.175), "a evolução linguística é impulsionada por dois grupos sociais: (1) os indivíduos mais jovens e (2) os estratos sociais de renda mais baixa". Essas transformações ocorrem em todos os níveis da língua e, antes de se consolidarem, inicialmente há uma variação no uso de uma determinada forma linguística, podendo coexistir duas ou mais variantes até que apenas uma prevaleça e seja adotada pela maioria dos falantes.

A língua serve aos propósitos dos falantes e é por meio deles que as mudanças linguísticas ocorrem de modo gradual e inconsciente. Para atender às suas necessidades comunicativas, os falantes vão incorporando novos elementos ou novas maneiras de utilizá-la.

Dessa forma, as mudanças podem acontecer através da adição ou remoção de sons nas palavras, pela introdução de neologismos ou empréstimos linguísticos, pela descontinuidade de palavras ou pela alteração de seus significados, como é o caso do verbo "curtir", que em tempos passados tinha uma conotação negativa e indesejável, relacionada a uma desilusão amorosa. Originalmente, seu significado estava ligado ao processo árduo e doloroso de curtir o couro, por meio da raspagem e amaciamento, causando sofrimento ao trabalhador. Atualmente, o verbo possui um sentido positivo e prazeroso, como desfrutar de uma festa.

Cabelo (1991, p. 30) vê a gíria como uma fonte de palavras novas, criadas como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a palavras já existentes.

Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Assim, neologia é o fato e neologismo é o termo, a criação vocabular nova, incorporada à língua. Cumpre ressaltar que, numa primeira fase, o neologismo aparece como estrangeirismo - usado ocasionalmente.

As línguas são formadas por componentes que podem sofrer alterações e eventualmente resultar em transformações. De acordo com Viotti (2013), esses

componentes são categorizados como constantes e inconstantes. São as partes inconstantes que conduzem às evoluções linguísticas.

A flutuação é considerada instável quando o processo se inclina para uma das variações, em detrimento das outras. Nesse sentido, é plausível que o uso dessa variação predominante tenda a se difundir, levando as outras a serem abandonadas. A mudança linguística resulta da flutuação que ocorre em componentes inconstantes. (VIOTTI, 2013, p.146).

Além de ser uma ferramenta vital para a comunicação, a língua é também um elemento com raízes históricas e, portanto, sujeita a modificações. "Cada nova geração de falantes contribui para esse processo gradual e contínuo de reconfiguração e renovação da língua" (BAGNO. 2007, p. 187).

A incompreensão dos fenômenos da diversidade linguística resulta em concepções e princípios errôneos, como por exemplo, aqueles que ignoram a multiplicidade da linguagem, contribuindo para comportamentos que fortalecem a idealização monocultural, o que resulta em atitudes discriminatórias e preconceituosas. Através da utilização das variações linguísticas, os indivíduos refletem seus valores sociais e culturais, suas ideologias, necessidades e desejos individuais e coletivos.

Mussalin e Bentes (2009) defendem a ideia de que cada idioma falado no planeta está em contínua evolução e transformação, processos estes que não são percebidos imediatamente pelos oradores, dada a natureza gradual e lenta dessas mudanças.

Tanto as expressões informais quanto as outras formas de linguagem coexistem em paralelo e muitas vezes em conflito com a norma culta e a norma padrão reconhecida.

Todas as línguas exibem diversidade, pois estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo, em diferentes regiões geográficas e em contextos sociais específicos dos falantes. Além das transformações ao longo do tempo, há também variações simultâneas, onde diferentes maneiras de expressar a mesma ideia podem coexistir na mesma língua. Essas mudanças são mais evidentes na linguagem falada devido à sua natureza dinâmica. No português

falado no Brasil, encontramos diversas variações linguísticas nos aspectos semântico, morfossintático, fonético-fonológico e pragmático-discursivo.

Calvet (2002) dá um exemplo de variação linguística no francês, onde diferentes palavras são usadas para descrever uma ação simples do cotidiano, como misturar uma salada. Essas variações regionais são evidentes, como o uso de "remuer" e "retourner" em Paris, "fatiguer" e "tourner" no sudeste da França, e assim por diante. No português brasileiro, vemos casos semelhantes, como o uso de "avexado", "apressado" e "apurado", que podem revelar a origem geográfica dos falantes.

Esses exemplos ilustram a variabilidade linguística presente em todas as línguas naturais humanas. A Sociolinguística se dedica ao estudo dessas variações, considerando-as como um fenômeno universal e passível de análise científica. Essa disciplina parte do princípio de que as alternâncias no uso da linguagem são influenciadas por fatores tanto estruturais quanto sociais.

As diferentes formas de variação linguística são chamadas de "variantes". Elas representam as diversas maneiras de expressar uma ideia em um dado contexto, mantendo o significado. (MOLLICA.2012)

O SISTEMA CARCERÁRIO E A EDUCAÇÃO

A educação oferecida nos centros penitenciários desempenha um papel crucial não apenas na reabilitação dos detentos, mas também no bem-estar da sociedade como um todo. Ao fornecer conhecimento e habilidades às pessoas que cometeram crimes e apresentam comportamentos antissociais, a tentativa de reeducação desses indivíduos se torna mais eficaz.

Quando os reclusos têm a oportunidade de adquirir educação dentro das prisões, isso não só os capacita para uma melhor convivência e reintegração social, mas também aumenta significativamente suas chances de se inserirem de forma produtiva no mercado de trabalho após a sua libertação. Ao promover

a educação dos detentos, estamos investindo na transformação positiva desses indivíduos e na redução da reincidência criminal. (RIBEIRO. 2021)

Além disso, ao possibilitar que os reclusos tenham acesso à educação, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A reabilitação por meio da educação não apenas beneficia os próprios detentos, mas também ajuda a criar um ambiente mais seguro e harmonioso para todos os cidadãos, ao promover a ressocialização e a reintegração efetiva dos indivíduos na comunidade.

Portanto, a educação nos centros penitenciários é uma ferramenta poderosa para promover a transformação positiva dos detentos, melhorar sua convivência e aumentar suas oportunidades de emprego, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica.

Quando David Garland (2008) definiu o conceito do fenômeno da detenção em larga escala, ele destacou a ênfase em grupos sociais específicos, como é evidente em São Paulo com a população jovem, de ascendência africana e residente nas regiões periféricas. Se os dados por si só não forem suficientemente claros, estudos qualitativos têm revelado o impacto da detenção na dinâmica da vida familiar e nas relações sociais em pesquisas etnográficas conduzidas nas comunidades de baixa renda. (SINHORETTO, SILVESTRE E MELO. 2013)

As consequências se estendem desde questões estruturais, como um súbito excesso na capacidade da rede de esgoto urbana, até o crescimento da sensação de insegurança entre os habitantes, em grande parte alimentada pelas representações dos indivíduos "delinquentes" que estão detidos ali. (SINHORETTO, SILVESTRE E MELO. 2013)

Dentro desse cenário, a existência das instituições penitenciárias influencia a rotina dessas comunidades locais, afetando áreas como assistência social, saúde e segurança, entre outras, e provocando tensões que ultrapassam a habilidade local de resolver os conflitos. Para além desse aspecto conflituoso, é perceptível a partilha da administração da vida diária nas prisões,

frequentemente negociada além dos limites físicos das próprias instalações. (SINHORETTO, SILVESTRE E MELO. 2013, p.85).

Percebe-se que o exercício de uma função “profissional”, ligada a um programa institucional, permitiu a construção de uma nova posição nas relações entre ladrões, por meio da qual se desenrolam novos jogos de poder e novas manifestações de controle e dominação. (SINHORETTO, SILVESTRE E MELO. 2013, p.95)

Ao longo da história os métodos punitivos sempre estiveram presentes, evoluindo até o sistema contemporâneo que adota a privação de liberdade como forma de punição coercitiva e regenerativa. Neste ponto, vamos explorar brevemente a origem das prisões e o poder punitivo.

Segundo Foucault (1987), na sociedade medieval, os suplícios eram a forma predominante de punição, caracterizados por atos cruéis e desumanos, muitas vezes considerados espetáculos para os espectadores. Antes de ser executado de maneira lenta e brutal, o condenado era compelido a pedir perdão publicamente:

Obrigado a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris, onde seria levado e exibido em uma carroça, nu, usando uma camisola, segurando uma tocha de cera acesa de duas libras; em seguida, na referida carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo ali erguido, seria atormentado nos mamilos, braços, coxas e pernas, sua mão direita segurando a faca com a qual cometeu o crime, queimada com fogo de enxofre, enquanto em suas partes atormentadas eram aplicados chumbo derretido, óleo fervente, piche em chamas, cera e enxofre derretidos juntos, e então seu corpo seria desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos pelo fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas dispersas ao vento. (FOUCAULT, 1987, p. 9).

De acordo com Foucault (1987), o corpo do condenado sujeito a tortura, desmembramento, amputação, marcas simbólicas no rosto ou ombros, exposto vivo ou morto, era o principal espetáculo para a população "apreciar". Esse método de punição representava um exercício de poder soberano sobre as vidas e corpos das pessoas, sendo essencialmente um ato político de controle social opressivo.

Durante um longo período na história do Ocidente e da Europa, os suplícios e outras formas de punição persistiram. Foi somente no século XVIII, com o advento do Iluminismo, que gradualmente se observou o declínio desse tipo de punição, à medida que era criticado por filósofos e outras camadas da sociedade. Qualquer forma de espetáculo associada à punição passou a ser vista de maneira negativa.

À medida que as funções cerimoniais penais deixavam de ser compreendidas, surgiu a suspeita de que tais rituais, que encerravam o ciclo do crime, mantinham afinidades imorais, tornando-se tão selvagens quanto o próprio crime. Isso acostumava os espectadores a uma perversidade da qual todos queriam se distanciar, fazendo com que o executor se assemelhasse a um criminoso, os juízes aos assassinos, invertendo, no último momento, os papéis e transformando o supliciado em objeto de piedade e admiração (FOUCAULT, 1987, p. 13).

Reformadores como Rush e Van Meenen clamavam por penas mais brandas, sem os suplícios. As execuções públicas passaram a ser interpretadas como uma fornalha que incitava a violência. Não mais eram realizados os longos processos nos quais a morte era prolongada por interrupções calculadas e multiplicada por uma série de ataques sucessivos (FOUCAULT, 1987). O corpo deixou de ser o principal alvo da punição:

[...] as práticas se tornaram pudicas. Não tocar mais no corpo, ou no mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. [...] O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte de sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. (FOUCAULT, 1987, p. 15).

Embora a pena de morte ainda persistisse, a forma de execução passou a ser rápida, anulando a dor, sem o prolongado sofrimento que caracterizava os métodos anteriores. Com essa nova abordagem penal, em 1760, na Inglaterra, foi introduzido um novo instrumento de execução, uma máquina de enforcamento, visando evitar as agonias prolongadas. Essa máquina foi aprimorada e adotada definitivamente em 1783. Em 1792, a guilhotina foi introduzida como um meio de decapitação. A morte então se tornou um evento visível, porém instantâneo (FOUCAULT, 1987).

O investimento na educação dentro das instituições prisionais é fundamental para promover a ressocialização dos indivíduos privados de liberdade. Muitas vezes, essas pessoas têm níveis educacionais baixos, o que pode limitar suas oportunidades de reintegração na sociedade após o cumprimento da pena. Ao oferecer educação de qualidade nas prisões, os detentos têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades cognitivas, ampliar sua visão de mundo e adquirir conhecimentos que podem ser essenciais para sua reinserção social.

A educação dentro das prisões não apenas contribui para o desenvolvimento pessoal dos presos, mas também pode ajudar a reduzir a reincidência criminal. Ao adquirirem novas competências e perspectivas, os detentos se tornam mais capacitados para encontrar emprego e se envolver de forma positiva na comunidade após serem libertados. Isso não só beneficia os indivíduos diretamente envolvidos, mas também a sociedade como um todo, ao reduzir o ciclo de criminalidade e promover a segurança pública. (RIBEIRO, 2021)

Portanto, o investimento em programas educacionais dentro do sistema prisional é uma estratégia importante para promover a reabilitação dos presos, garantir seus direitos de cidadania e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem representa um ato de extrema importância para manter a estabilidade e a boa relação entre os indivíduos, além disso, é necessário manter a colaboração contínua, as regras estabelecidas precisam ser cumpridas entre os grupos, estas regras são estabelecidas pelos membros de facções, formados internamente, os líderes detentos, infringir estas regras pode acarretar consequências gravíssimas. Essa forma de punição não é permitida pelo nosso sistema legal.

Com o intuito de estabelecer comunicação com o mundo exterior, uma modalidade de comunicação amplamente adotada pelos indivíduos

encarcerados consiste no uso de cartas, as quais desempenham um papel significativo em suas vidas, permitindo-lhes estabelecer vínculos com o mundo além dos muros da prisão.

A necessidade de interação os levou a empregar gestos, representações visuais e arte nas paredes de grutas, a fim de narrar eventos passados ou aspirações futuras.

Dessa forma, a linguagem floresceu, evoluímos, e hoje, munidos de uma forma de comunicação complexa, necessitamos conectar com outros, compartilhando nossos desejos e ideais com o mundo ao nosso redor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico. O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2007.

BARROS, D.L.P. **A propósito do conceito de discurso oral culto.** 1997.

BORTONI, Ricardo, SM. **Problemas de Comunicação Interdialetal, In: Sociolinguística e Ensino do Vernáculo.** Revista Tempo Brasileiro. 78/79. 1984.

CABELLO, A.R.G. **Processo de formação da gíria brasileira,** Alfa (São Paulo), v.35, p.19 –53,1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização.** São Paulo. Contexto, 2012.

LEFFA, V. J, (org.). **Aspectos políticos da formação de professor de línguas estrangeiras. In: O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão.** LEFFA, Vilson, J. Educat. Pelotas, 2001.v.1, p. 333-335.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Ed. Cortez, 2009.

NASCENTES, Antenor (1886-1972). **Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes**. Organizado por Raimundo Barbadinho Neto; apresentação de Evanildo Bechara. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. Editora Contexto, 2006.

OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária contexto sociolinguístico brasileiro**. Disponível <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80771>. Acesso em: 04 nov.2024.

ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de textos e linguagem: Manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2018.

PRETI, Dino. **Conferência: Transformações do Fenômeno Sociolinguístico da Gíria**1 rev. anpoll, n. 9, p. 213-226, jul./dez. 1984.

SILVA, Alessandra Freitas da. **Revista Philologus**, Ano 14, N° 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2008v.

SOUZA, G. M. DE, ISLABÃO, R. R., ROSTIROLLA, A., MATTOS, L., OLIVEIRA, A. D. DE, & SILVA, J. P. da. (2024). **As gírias e o vocabulário prisional como um mecanismo identitário e cultural no sistema prisional do RS**. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, 12–64. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13243>. Acesso em 07 nov.2024.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997. 86p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VIOTTI, Evani. **Mudança linguística**. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 137-179.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

KATIANE SANTOS SOBRAL

RESUMO

Em tempos de pandemia, os professores da educação básica enfrentam desafios sem precedentes ao adaptar suas práticas pedagógicas para o ensino remoto. A transição repentina para plataformas online trouxe consigo uma série de obstáculos, exigindo dos educadores uma rápida capacitação em tecnologias digitais, novas estratégias de ensino e uma sensibilidade extra para lidar com as necessidades emocionais e acadêmicas dos alunos. Os professores, que sempre desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento educacional e emocional de seus alunos, agora se veem diante da tarefa de manter essa conexão mesmo à distância. O ensino remoto exige não apenas habilidades técnicas, mas também uma dose extra de criatividade, paciência e empatia para garantir que cada estudante receba a atenção e o suporte de que necessita. A falta de acesso equitativo à tecnologia e à internet é um dos principais desafios enfrentados pelos professores da educação básica, aprofundando as desigualdades educacionais já existentes. Muitos educadores têm se esforçado para encontrar maneiras de alcançar todos os alunos, adaptando suas aulas para diversos formatos e garantindo que ninguém seja abandonado. Além disso, o impacto emocional da pandemia sobre os alunos e professores não pode ser subestimado. A incerteza, o isolamento e o estresse afetam a todos, e os professores desempenham um papel crucial como apoio e

guia para seus alunos, ajudando-os a enfrentar esses desafios de forma saudável e construtiva. Nesse cenário complexo e desafiador, os professores da educação básica têm demonstrado uma resiliência admirável, adaptando-se rapidamente, colaborando entre si e buscando soluções criativas para garantir que a aprendizagem continue, mesmo em tempos incertos. Sua dedicação e compromisso com a educação são verdadeiros pilares de esperança em meio à adversidade, demonstrando a importância fundamental do papel do professor na formação e no desenvolvimento de cada aluno.

Palavras-chave: Adversidade; Esperança; Incerteza.

INTRODUÇÃO

As crianças de hoje estão cercadas pela tecnologia digital desde o seu nascimento; desde então, sua vida cotidiana e suas práticas estão ligadas às mídias sociais, smartphones, tablets e uso da Internet. A tecnologia digital foi totalmente incorporada em como eles vivem e aprendem. Eles começaram a interagir com a tecnologia digital ainda quando eram crianças, senão antes, e sua vida adulta com certeza estará totalmente incorporada e intimamente ligada à tecnologia digital.

Sustenta-se que vários tipos de divisões digitais, ou seja, polarizações entre aqueles que têm acesso e capacidade de desenvolver suas habilidades relacionadas à tecnologia digital e aqueles que não têm, ainda prevalecer na sociedade e afetar a geração jovem e seu futuro digital. Essa é uma preocupação para a pesquisa e a educação em gestão da informação, entre outros campos. Mesmo que já se tenha examinado as diferenças digitais em torno do acesso e uso da tecnologia de forma bastante extensa, os seres humanos ainda são muito limitados em abordar a geração jovem bem como na abordagem da variedade de divisões digitais que moldam suas vidas.

Sustenta-se a ideia de que a exclusão digital não se trata apenas de acesso ou uso de tecnologia digital, mas de ser capaz de integrar a tecnologia digital em práticas sociais significativas e obter benefícios. A geração jovem precisa entender e ser capaz de tomar decisões informadas sobre como utilizar as tecnologias digitais na vida cotidiana de maneiras significativas. Além disso, sustentamos que a exclusão digital também diz respeito ao design e ao desenvolvimento dessa tecnologia.

É importante que a geração jovem adote uma postura crítica e proativa em relação à tecnologia digital, ou seja, deve considerar criticamente como ela pode e deve ser, e não apenas aceitar como está atualmente. Para que isso aconteça, a geração jovem precisa adquirir habilidades e competências para inovar, projetar, programar, fazer e construir tecnologia digital. Importantes são não apenas habilidades e competências de programação ou computacionais, mas também aquelas relacionadas ao design e inovação.

No geral, deve-se capacitar a geração jovem para começar a fazer e moldar a tecnologia digital de forma mais proativa e, de forma mais ampla, nosso futuro digital. As escolas estão em uma posição central nisso: elas devem educar a geração jovem para as necessidades do futuro. No entanto, as escolas lutam para acompanhar os desenvolvimentos recentes em tecnologia digital. Eles podem não ter recursos, habilidades, competências ou interesse, e pode haver grandes diferenças entre as escolas. Foi reconhecido que as escolas e a educação das crianças devem passar por uma ampla transformação digital para poder atender às necessidades da geração jovem e de seu futuro digitalizado. A pandemia COVID-19 forçou repentina e abruptamente as escolas e a educação a se engajarem em tal transformação. Isso é o que exploraremos empiricamente.

Transformação digital, ou seja, "um processo que visa melhorar uma entidade, desencadeando mudanças significativas em suas propriedades por meio de combinações de tecnologias de informação, computação, comunicação e conectividade", geralmente ocorre em todas as esferas de nossa vida e afeta a todos, desde bebês até idosos; com certeza não se limita mais apenas às organizações e ao local de trabalho.

As pessoas estão interessadas na transformação digital impulsionada pela pandemia COVID-19 em relação às crianças e sua educação básica. Reconhece-se que a transformação digital em questão é um tanto heterodoxa, já que os responsáveis pela educação básica não iniciaram ou conduziram estrategicamente esse processo, mas apenas reagiram e tentaram desesperadamente se ajustar ao estado das coisas. No entanto, eles confiaram amplamente nas tecnologias digitais para transformar suas ofertas e, ao longo do caminho, tentaram lidar e gerenciar uma variedade de mudanças e barreiras estruturais e culturais.

De acordo com Tiba (1996, p. 13):

Recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário cheio de desmandos, injustiças e inadequações. O que verificamos atualmente é que muitos pais acreditam no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para voos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes. O adolescente que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo) vai dirigir seu voo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência. A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

A inércia e a resistência foram identificadas como barreiras significativas na transformação digital. Recursos e capacidades existentes, incluindo fatores como tecnologia, cultura, práticas, habilidades e competências das pessoas, bem como seus valores, atitudes, identidades e mentalidades, foram considerados como barreiras para a transformação digital.

EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PÂNDEMIA

A pandemia já teve impactos profundos na educação ao fechar escolas em quase todas as partes do planeta, no maior choque simultâneo de todos os sistemas educacionais em nossas vidas. Os danos se tornarão ainda mais

graves à medida que a emergência de saúde se traduz em uma profunda recessão global. Esses custos da crise são descritos a seguir. Mas é possível conter esses choques e transformar a crise em oportunidade. O primeiro passo é enfrentar com sucesso o fechamento das escolas, protegendo a saúde e a segurança e fazendo o possível para evitar a perda de aprendizagem dos alunos por meio do ensino à distância. Ao mesmo tempo, os países precisam começar a planejar a reabertura das escolas. Isso significa prevenir o abandono, garantindo condições escolares saudáveis e usando novas técnicas para promover a recuperação rápida da aprendizagem em áreas-chave, uma vez que os alunos estejam de volta à escola. À medida que o sistema escolar se estabiliza, os países podem usar o foco e a capacidade de inovação do período de recuperação para "reconstruir melhor".

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 1972 Apud JARDIM, 2006, p.50).

A pandemia COVID-19 resultou em pelo menos uma coisa positiva: uma valorização muito maior da importância das escolas públicas. Como os pais lutam para trabalhar com seus filhos em casa devido ao fechamento das escolas, o reconhecimento público do papel essencial de cuidar que as escolas desempenham na sociedade disparou. À medida que os jovens lutam para aprender em casa, a gratidão dos pais pelos professores, suas habilidades e seu papel inestimável no bem-estar dos alunos aumentam. Enquanto as comunidades lutam para cuidar de suas crianças e jovens vulneráveis, os tomadores de decisão estão tendo que desenvolver novos mecanismos para fornecer serviços essenciais, desde alimentação até educação e saúde.

Todavia, se a família a coloca na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. “Por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar” (MALDONADO,2002 Apud JARDIM, 2006, p.20).

Acredita-se que também seja valioso olhar além dessas preocupações imediatas para o que pode ser possível para a educação do outro lado da pandemia COVID-19. É difícil imaginar que haverá outro momento na história em que o papel central da educação na prosperidade e estabilidade econômica, social e política das nações seja tão óbvio e bem compreendido pela população em geral. Agora é a hora de traçar uma visão de como a educação pode emergir mais forte desta crise global do que nunca e propor um caminho para capitalizar o apoio recém-obtido à educação em praticamente todas as comunidades em todo o mundo.

RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA DURANTE O PERÍODO DA PÂNDEMIA

O COVID-19 deixou mais claro que o sistema público de ensino não pode cumprir sua missão sem famílias. Essa pandemia - junto com as muitas pandemias sobrepostas que nossa nação enfrenta agora, incluindo injustiças raciais, econômicas, políticas e ambientais - também aumentou as barreiras existentes entre famílias e escolas.

A pandemia do coronavírus ampliou as profundas injustiças raciais e sociais e perpetuou as desigualdades educacionais. Com a mudança para o ensino online, a exclusão digital tornou-se um abismo, separando aqueles que têm acesso à aprendizagem escolar e aqueles que não têm.

Sabe-se, por décadas de pesquisa, que relacionamentos genuínos, recíprocos e de confiança são a base sobre a qual educadores e famílias podem superar os obstáculos educacionais.

É visto que educadores e famílias querem estar mais conectados.

De acordo com Santaella (2008, p. 113),

Documentos em forma de textos, imagens, sons e vídeos reproduzidos com auxílio de softwares e hardwares dos computadores foram um dos motores da (r)evolução tecnológica contemporânea, produzindo mudanças sociais e outros hábitos nos quais todos podem ser autores e emissores no compartilhamento de projetos e ideais no modelo todos-todos. Os sites passaram a compor o cotidiano dos internautas, que navegam pelo ciberespaço com movimentos livres, toques e clicks dos mouses, no intermédio harmônico entre os sistemas lineares e não lineares dos espaços de conversas textuais, sonoras e visuais na produção de culturas.

Historicamente, o envolvimento da família foi definido de forma restrita, julgado principalmente pela presença física das famílias nas escolas - o que é impossível durante um fechamento. A profissão da educação raramente pergunta às famílias como elas definem "engajamento" (ou "família") e desvaloriza consistentemente muitas maneiras menos visíveis de as famílias apoiarem a educação em casa e na comunidade, como transmitir normas culturais e desenvolver a paixão educacional por meio da realidade. experiências do mundo. No geral, o engajamento foi prejudicado por confiança quebrada, preconceito racial e suposições culturais dos educadores sobre o que uma "boa" família faz.

Segundo Paro (1997, p.30):

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

Revisar essa dinâmica requer centralizar as famílias tradicionalmente deixadas de fora por esses pressupostos culturais. O COVID-19 pode ser um catalisador para descartarmos métodos antigos e centrados na escola de fazer as coisas que não funcionaram bem. Abaixo estão algumas recomendações com base no que aprendemos com nosso projeto e ao longo de décadas trabalhando com famílias e escolas.

Estamos cientes de que o COVID-19 trouxe muitas incertezas, incluindo cortes no orçamento que resultaram na perda de quase 500.000 empregos na educação pública apenas em abril deste ano.

O objetivo mais importante é manter a comunicação com as famílias aberta e para os educadores compreenderem a realidade que as famílias estão enfrentando.

O envolvimento da família é responsabilidade de todos, não apenas uma expectativa de professores individualmente.

PARADIGMAS ENCONTRADOS ENTRE PAIS E ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Nas últimas décadas, a visão da educação especial mudou gradualmente nas sociedades ocidentais. Em vez de segregar alunos com necessidades especiais em classes e escolas especiais, a ideologia da educação inclusiva trata de adequar as escolas para atender às necessidades de todos os alunos. O sistema educacional é responsável por incluir uma grande diversidade de alunos e por proporcionar uma educação diferenciada e adequada para todos.

Todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceiras com a comunidade. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.21).

A educação especial tem sido influenciada por várias ideologias, o que, nem é preciso dizer, significa que existem muitas maneiras de entender como o ensino poderia ser realizado. Para compreender as mudanças em curso, é importante olhar para a educação especial como um fenômeno social e cultural. O sistema educacional é influenciado pelas tradições de conhecimento, valores e atitudes na sociedade. Tradicionalmente, a educação especial tem se

concentrado mais nos distúrbios funcionais individuais dos alunos com necessidades especiais. A tendência agora é para uma abordagem mais abrangente, contextual e ecológica.

A resposta ao coronavírus demonstrou como a tecnologia pode ajudar a transformar a forma como se ensina e se aprende.

As crianças que começam a escola a partir de agora crescerão e se tornarão trabalhadores e líderes em um mundo digital que exigirá novas habilidades e novas formas de pensar.

Para ter sucesso na vida e no trabalho, eles precisarão de todo o apoio social, emocional e acadêmico que puderem obter por meio de experiências de aprendizagem ricas e flexíveis que serão muito diferentes dos tempos de escola de seus pais.

Para crianças com necessidades especiais, a forma como lidam com o mundo é diferente de todos nós, mas existem maneiras definitivas de acalmar seus medos e, ao mesmo tempo, ajudá-los a melhorar em vários níveis.

A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS NO SÉCULO XXI

A evolução da tecnologia impactou todos os aspectos das vidas cotidianas, desde o sistema bancário até a maneira como se comunicar uns com os outros. Na verdade, a tecnologia tornou-se parte integrante da manutenção da sociedade e sua infusão na educação é, portanto, inevitável. A tecnologia não apenas fornece aos alunos acesso a inúmeros recursos online, mas também os auxilia no processo de aprendizagem. A maioria das universidades e institutos educacionais já começou a utilizar a tecnologia em seus métodos de ensino.

Para Kenski (2012, p. 24), o conjunto de:

[...] conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de “tecnologia”. Para construir qualquer equipamento - uma caneta esferográfica ou um computador -, os homens precisam pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. Ao conjunto de tudo isso, chamamos de tecnologias.

Os alunos são frequentemente bombardeados com informações em uma sala de aula que eles devem tentar processar rapidamente e dar sentido. No entanto, isso pode deixá-los sobrecarregados e confusos com os conceitos. A tecnologia proporciona aos alunos acesso a inúmeros recursos online, estimulando-os a realizar pesquisas e, assim, a se tornarem mais independentes. Também simplifica a aprendizagem, tornando os conceitos mais digeríveis, por exemplo, por meio de um vídeo instrutivo. É importante reconhecer que existem vários estilos de aprendizagem e que a educação tradicional pode não atender a todos eles.

Algumas pessoas não prosperam em ambientes de sala de aula e, portanto, ter acesso a recursos como cursos online pode permitir que obtenham qualificações que, de outra forma, não seriam capazes de adquirir. Os alunos podem ter dificuldade em se manter engajados nas coisas que estão sendo ensinados, portanto, o uso da tecnologia é crucial para manter sua atenção e permitir que eles absorvam melhor as informações. A tecnologia pode ajudar a fornecer-lhes uma educação de maior qualidade.

Para Gatti (1993, apud MAINART; SANTOS, 2010, p. 03):

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações.

Sua facilidade de uso e acessibilidade impactam e beneficiam tanto o aluno quanto o professor. Por exemplo, um professor pode pedir aos alunos que respondam a um questionário on-line que fornecerá feedback instantâneo, eliminando o tempo que o professor gastaria para dar uma nota e examinar cada tarefa. A tecnologia reduz o tempo e o custo dos professores e também permite que os alunos permaneçam no controle de sua educação, tendo acesso permanente a informações, por exemplo, podendo verificar prazos ou enviar e-mails a um professor sobre dúvidas que possam ter a qualquer hora do dia.

A tecnologia possibilitou que os alunos obtenham qualificações online e se eduquem por meio de institutos que oferecem cursos online. Eles podem aprender em casa sem ter que pagar para se deslocar ou se mudar para frequentar a universidade. Os profissionais que trabalham têm a oportunidade de prosseguir os estudos sem ter de abandonar os seus empregos a tempo inteiro. Ser capaz de aprender remotamente foi revolucionário porque tornou a educação acessível a todos. A tecnologia está sendo usada para ensinar de forma diferente, seja por meio do aprendizado online ou simplesmente exibindo um vídeo em uma sala de aula.

Assim sendo, verificamos que as tecnologias estão presentes em todos os lugares e em todas as atividades que realizamos. Isso significa que para executar qualquer atividade necessitamos de produtos e equipamentos, que são resultados de estudos, planejamentos e construções específicas. Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplica ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de tecnologia. Portanto, para que os instrumentos possam ser construídos, o homem necessita "pesquisar, planejar e criar tecnologias". (ALTOÉ; SILVA, 2005, p.17)

Ensinar agora é mais do que um palestrante na frente de um quadro negro e a tecnologia tem sido parte integrante de seu desenvolvimento. Transformou a educação e a maneira como as pessoas aprendem e retêm informações. Portanto, seu papel no futuro da educação é parte fundamental para manter o crescimento e a progressão da economia atual.

A tecnologia ajuda os alunos a acessar todas as informações que desejam e os professores a encontrar maneiras criativas de interagir com os alunos e ajudá-los a testar seus conhecimentos e fazê-los pensar fora da caixa, o que ajuda a aprimorar as relações aluno-professor .

[...] A escola se organiza, pois como uma agência centrada no professor, o qual transmite segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes

são transmitidos [...] como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem-preparado [...] que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente a aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. (SAVIANI, 2008, p. 6-7).

Quando a tecnologia é integrada às aulas, espera-se que os alunos se interessem mais pelos assuntos que estão estudando. A tecnologia oferece diferentes oportunidades para tornar o aprendizado mais divertido e agradável em termos de ensinar as mesmas coisas de novas maneiras. Por exemplo, ministrando ensino por meio de gamificação, levando alunos a viagens de campo virtuais e usando outros recursos de aprendizagem online. Além disso, a tecnologia pode encorajar uma participação mais ativa no processo de aprendizagem, o que pode ser difícil de conseguir em um ambiente de aula tradicional.

Libâneo (2010, p. 9) firma que:

Os educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a uma reavaliação do papel da escola e dos professores. Entretanto por mais que a escola básica seja afetada nas suas funções, na sua estrutura organizacional, nos seus conteúdos e métodos, ela mantém-se como instituição necessária a democratização da sociedade.

A tecnologia pode auxiliar no desenvolvimento de muitas habilidades práticas, incluindo criar apresentações, aprender a diferenciar fontes confiáveis de fontes não confiáveis na Internet, manter a etiqueta online adequada e escrever e-mails. Essas são habilidades muito importantes que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis, [...] Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que

criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos. (PCN's, 2000, p.11-12).

Com inúmeros recursos online, a tecnologia pode ajudar a melhorar o ensino. Os professores podem usar diferentes aplicativos ou recursos on-line confiáveis para aprimorar as formas tradicionais de ensino e manter os alunos mais envolvidos. Planos de aula virtuais, software de notas e avaliações online podem ajudar os professores a economizarem muito tempo. Este valioso tempo pode ser usado para trabalhar com alunos que estão lutando. Além disso, ter ambientes virtuais de aprendizagem nas escolas melhora a colaboração e o compartilhamento de conhecimento entre os professores.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho deveria ser realizado por uma equipe interdisciplinar formada pelos professores das escolas escolhidas e por um grupo de profissionais da universidade. Os professores das escolas deveriam ser os responsáveis pelo desenvolvimento do projeto na escola, e esse trabalho deveria ter o suporte e o acompanhamento do grupo de pesquisa da universidade, formado por pedagogos, psicólogos, sociólogos e cientistas da computação. A terceira diferença é a proposta pedagógica e o papel que o computador deve desempenhar no processo educacional. Nesse aspecto o programa brasileiro de informática na educação é bastante peculiar e diferente do que foi proposto em outros países. No nosso programa, o papel do computador é o de provocar mudanças pedagógicas profundas ao invés de „automatizar o ensino “ou preparar o aluno para ser capaz de trabalhar com o computador” (CYSNEIROS, 1998, p. 23).

O uso da tecnologia em sala de aula permite que professores e alunos encontrem uma nova conclusão para os problemas da vida diária. A tecnologia ajuda na educação para criar um currículo educacional melhor, material de aprendizagem e produtos e serviços futuros. É muito importante integrar a tecnologia às salas de aula.

A tecnologia é muito importante na educação para criar um currículo prático novo e inovador, melhorar a segurança dos alunos, o gerenciamento e análise de dados dos alunos, relatórios de desempenho e programas de treinamento de professores.

A tecnologia está inspirando as crianças a se tornarem criativas e inovadoras. Criatividade e inovação farão com que os alunos tenham sucesso em suas carreiras e na vida.

As tecnologias de sala de aula ajudam alunos e professores no processo de receber e dar educação sistematicamente. A tecnologia ajuda a facilitar o currículo, a aquisição de conhecimentos e habilidades. Educadores e alunos em todo o mundo podem se conectar em várias plataformas da Internet. Para obter esses benefícios, é importante usar a tecnologia na educação.

Ferramentas tecnológicas que preparam os alunos para os desafios futuros da carreira. Os professores estão aprendendo e executando as tecnologias mais recentes nas salas de aula. A tecnologia não está ajudando os estudantes urbanos, mas também os estudantes das aldeias.

Em todo o mundo, os alunos estão aprendendo importantes habilidades profissionais em casa. O uso de tecnologia na educação aumentou o nível de precisão dos materiais educacionais para um padrão mais alto. Os usos de novas tecnologias estão se expandindo. Novos programas de computador e aplicativos móveis estão cumprindo seu papel para resolver os problemas da vida diária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas crianças são vistas como realmente se beneficiando da transformação digital: relatam que elas gostam, são capazes e se beneficiam de uma aprendizagem independente, autodirigida e personalizada, enquanto há também crianças que carecem em todos esses aspectos, sofrendo muito com o estado atual de assuntos. Algumas crianças perderam completamente a educação. Alguns pais são relatados como ativos e capazes de sustentar seus filhos, enquanto outros pais são relatados como menos equipados para oferecer esse apoio aos filhos.

Demonstrou-se que as crianças dependem muito de seus pais para participarem da educação. Para algumas crianças, o apoio dos pais teria sido

vital durante esses momentos críticos, mas os pais podem não estar presentes ou não poder oferecer o apoio por outros motivos. Além disso, tornou-se evidente que entre os professores existem diferenças nas habilidades e competências digitais. Alguns professores podem ter contado com seus familiares experientes em tecnologia para digitalizar seu ensino.

O ensino e sua preparação podem ter sido muito onerosos para os professores. Então, novamente, os professores mostraram grande resiliência, criatividade e perseverança em responder à situação desafiadora do COVID-19. Alguns identificaram práticas digitais valiosas que desejam utilizar também no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, A; SILVA, H. **O Desenvolvimento Histórico das Novas Tecnologias e seu Emprego na Educação.** In: ALTOÉ, A; COSTA, M. L. F; TERUYA, T. K. Educação e Novas Tecnologias. Maringá: Eduem, 2005, p 13-25.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Salamanca–Espanha, 1994.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem.** Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas Tecnologias na Educação – Texto em Construção – Recife, 1998.**

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: Um novo ritmo da informação.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-25.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LITWIN, E. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa.** Porto Alegre, Artmed, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: saberes necessários a prática educativa**. 11. Edição. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1999.

SANTAELA, L. **Da cultura de massa às interfaces na era digital**. Revista Faced, Salvador, n.14, p.105-118, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1185/1/2657.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 40 ed. – Campinas, São Paulo: AUTORES ASSOCIADOS, 2008, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

OS AVANÇOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA

Eixo: Inclusão

Resumo

O artigo aborda o autismo caracteriza-se como o fechamento da criança em si, as crianças que têm este transtorno, normalmente apresentam dificuldades na lógica mostraremos que o brincar estimula um desenvolvimento de habilidades tanto cognitivo como social, de modo que esta atividade pode oferecer várias experiências novas, o que resulta na formação e consolidação de importantes circuitos neurais, conectando áreas importantes do cérebro relacionadas a distintas competências ou conjuntos de habilidades.

Palavras-chave: Autismo, Brincar, Inclusão, Habilidades

ABSTRACT:

The article addresses autism is characterized as the closure of the child itself, children who have this disorder, usually have difficulties in logic. We will show that playing stimulates the development of both cognitive and social skills, so that this activity can offer several new experiences, which result in the

formation and consolidation of important neural circuits, connecting important areas of the brain related to different competencies or skill sets.

Keywords: Autism, Play, Inclusion, Skills

2 INTRODUÇÃO

O comportamento dos alunos pensando em algumas alternativas mais adequadas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica, focando na utilização de tecnologias assistivas que é de extrema relevância, ao levarmos em consideração os desafios encontrados em sala de aula com a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Será que os professores estão preparados para trabalhar com este aluno, o que é autismo, como podemos desenvolver atividades que auxiliará este aluno no seu processo de ensino aprendizagem, onde estudos realizados sobre o autismo acumulou-se conhecimentos teóricos e práticos sobre esta síndrome que permite um novo olhar sobre ela.

Com o objetivo refletir sobre as contribuições dessa ciência para as práticas pedagógicas, tentando ligar suas correspondências e relações com a aprendizagem e descobertas da Neurociência sobre o brincar podem ampliar a utilização desse recurso nas práticas escolares desta forma torna-se, novas práticas e informações aprendidas mais duradouras e permanentes na memória dos aprendizes, o estudo do desenvolvimento humano e os recentes resultados da neurociência irão corroborar e reforçar nossas considerações sobre o brincar para a aprendizagem encontramos nas escolas de ensino regular alunos com Autismo.

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados, um número significativo de crianças Especiais, são

identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança.

Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente

É provável encontrar um número considerável de pesquisadores que dedicaram seus estudos à reflexão da importância do lúdico (brincadeiras e jogos) para o desenvolvimento da criança conscientes disso iniciaram por fundamentar as ideias nos estudos de Vygotsky (1930/1987), e seus seguidores, para compor o texto a seguir devido sua inegável contribuição para o tema que queremos desenvolver.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Vygotsky (1930/1987) concede ao brinquedo um papel potencialmente criador de possibilidades de atuações nas ZDP, ou seja, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de um par mais competente. O rigor a respeito das regras muitas vezes não é atendido no dia-a-dia, no entanto, temos no brinquedo uma imensa capacidade de influência na ZDP dos envolvidos nas ações do brincar.

Que a imaginação nasce no jogo é algo que você expõe como absolutamente certo, convincente e central por seu significado: antes do jogo não há imaginação. Mas acrescenta outra regra mais, a imitação (que, segundo me parece é tão central e está igualmente ligada à situação fictícia), e obteremos os principais aspectos do jogo. (VYGOTSKY, 1933 apud ELKONIN, 1978/1998, p. 4).

Nestes termos, a partir da citação acima, se pode perceber a importância da imaginação que certamente envolverá cada participante dos jogos. No entanto, o fator imitação, não raro, surgirá e ligar-se-á às diversas situações fictícias que surgirem em campo. O brinquedo suscita a

imaginação e a imitação surge como um gesto de criar umas realidades muitas vezes desenvolvidas pelos adultos.

Segundo Ericson (1963) afirma que o jogo da criança é a forma infantil de dominar a realidade por meio da experiência e do planejamento os jogos, tais como jogos de papéis de mãe e filha, de escola, entre outros, somente aquelas ações que se ajustam à situação real representada na atividade lúdica é aceitável.

(...) o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VYGOTSKY, 1930/1987, p. 131).

A inclusão escolar de alunos portadores de necessidades especiais tem se mostrado ainda mais presente dentro do dia-a-dia das escolas brasileiras, estudos estão sendo realizados para que a educação especial possa ser ainda mais, efetivada e realizada com sucesso dentro do cotidiano escolar

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil (BRASIL, 2008).

Para Kishimoto (2010, p. 1)

Ao brincar a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que

coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Metring (2014, p. 49) afirma:

O lúdico ainda é a melhor maneira de acessar o cérebro por várias vias sensoriais, pois desde muito cedo nosso cérebro gosta de brincar. Isso vale para crianças, adolescentes e adultos. Na brincadeira, o sistema límbico permite maiores impressões de prazer do que de desprazer. Portanto, ao lúdico podemos associar conteúdos importantes para a vida do aprendiz.

Um ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela nesta fase que a criança está construindo as bases cognitivas e emocionais do desenvolvimento, como a coordenação motora fina, orientação espacial, comportamentos sociais de organização pessoal, respeito ao próximo, limites, responsabilidades e independência, entre outras características determinantes para uma formação e aprendizagem equilibradas, e que, por isso, requer uma atenção criteriosa.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. da escola em questão descrevem sua função como mediadores e facilitadores da aprendizagem, proporcionando ao aluno vivenciar culturas diversas e ampliar seus conhecimentos em arte, o tocante ao currículo de artes visuais os educadores aos alunos novas estratégias pedagógicas de aprendizagens significativas.

Estabelecer relações corporais críticas e construtivas com diferentes maneiras de ver/sentir o corpo em movimento e por tanto, com diferentes épocas e culturas” trabalhar a música desde cedo nos anos iniciais do Ensino Fundamental com as crianças é muito importante, pois a voz é o primeiro instrumento que dispõe o aluno, o professor além de cantar pode brincar com a voz explorando vários sons, pois desenvolvem no aluno competências musicais

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Em conformidade com esse pensamento os professores de arte da escola em questão descrevem sua função como mediadores e facilitadores da aprendizagem, proporcionando ao aluno vivenciar culturas diversas .

Ao ampliar seus conhecimentos em arte ,no entanto na formação organizacional revelaram um domínio parcial,o que é compreensível pelo fato de envolver conhecimentos de Lei de Diretrizes e Bases ,Projeto Politico Pedagógico e ,estatutos,regimento interno e outros mais direcionados aos pedagogos, a pesquisa também abordou alguns mitos do ensino.

- Apresentação da citação de Paulo Freire sobre a natureza
- Importância do papel do professor como mediador e facilitador.
- Objetivo do artigo: explorar a formação dos professores e os mitos persistentes no ensino.

A Função do Professor

- Descrição da função de mediador e facilitador da aprendizagem.
- Importância de vivenciar culturas diversas e ampliar conhecimentos artísticos.
- Exemplos de práticas pedagógicas que exemplificam essa mediação.

Formação Organizacional dos Professores

- Desafios enfrentados pelos professores na formação organizacional.
- Domínio parcial sobre a Lei de Diretrizes e Bases, Projeto Político Pedagógico, e outros regulamentos.
- Comparação com a formação de pedagogos e a necessidade de uma abordagem mais integrada.

- A importância de revisar e atualizar a formação dos professores de arte.
- Necessidade de desmistificar ideias limitantes sobre o ensino de arte.
- Propostas para uma prática pedagógica mais inclusiva e abrangente

O ensino de arte na educação escolar precisa estar vinculado a uma concepção de ensino.

A reflexão sobre a prática docente do professor de Arte, uma vez que possibilitou o contato com situações de ensino e aprendizagem em uma determinada realidade escolar, a teoria associada ao exercício da prática leva à reflexão, e esta por sua vez produz o aperfeiçoamento do fazer pedagógico, em contato com o professor, o aluno, os recursos didáticos e o planejamento pedagógico foram fundamentais para reavaliar o papel do professor na escola e compreender a relação entre a teoria e a prática do ensino de arte na escola atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva os professores foram questionados se esses mitos ainda prevalecem na escola atual para eles, aos poucos alguns mitos foram sendo desmistificados devido aos estudos desenvolvidos na área de arte e a difusão das novas tecnologias em algumas situações o desafio é provar a importância do ensino de arte para alguns professores de áreas distintas.

Já os alunos quando são inseridos desde criança no universo do fazer e da apreciação artística tornam-se sujeitos ativos do processo, como afirmam os PCN-Arte (1997:105): “As atividades propostas na área de arte devem garantir a ajudar as crianças e jovens a desenvolverem modos interessantes, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação .

Abordar a importância da arte na educação e como alguns mitos sobre seu ensino ainda persistem, apesar dos avanços nas pesquisas e nas tecnologias. interessante notar que, quando as crianças são expostas desde cedo à prática e à apreciação artística, elas se tornam mais ativas no processo

de aprendizado os PCN-Arte reforçam essa ideia, destacando que as atividades artísticas devem estimular a criatividade e a expressão dos alunos, para fortalecer esse argumento, poderia ser útil incluir exemplos de como a arte pode interagir com outras disciplinas, mostrando sua relevância em contextos diversos, além disso, discutir estratégias para convencer professores de áreas distintas sobre a importância do ensino de arte poderia enriquecer ainda mais a reflexão.

As atividades lúdicas constitui uma das opções mais relevantes para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança, visa considerar as múltiplas diversidades e possibilidades que as brincadeiras e os jogos oferecem às crianças quanto ao seu desenvolvimento de linguagem e a reconstituição da atividade adulta e imitação, ambas calcadas na realidade de forma que auxilia a criança a dominar a realidade e mediação pela linguagem, aprendizagem de regras, desenvolvimento do autocontrole e criação de interações voluntárias.

A formação de planos e motivações volitivas (traços essenciais para o desenvolvimento da consciência e das formas superiores de pensamento), desenvolvimento da autonomia, do raciocínio e da capacidade de fazer inferências e observações, gerando a construção do próprio conhecimento, motivação e prazer a Psicologia e da Pedagogia, as evidências neurocientíficas comprovam o aumento das conexões entre as células cerebrais.

Um ambiente saudável torna-se compatível com a realidade da criança, tornando a aquisição das informações, em sua forma lúdica, mais permanente e a aprendizagem mais célere quando a criança brincar, o papel da escola, torna-se, portanto, indispensável entender o brincar na escola, com todas suas atividades lúdicas, como um mecanismo técnico, pedagógico e profissional de se alcançar as mais importantes condições da evolução e integração do educando ,o respeito as regras, organização com o material, o meio onde ela está inserida e o educador por fim, para os professores e educadores, as mediações, com o emprego dos estudos da Psicologia, da Educação,

REFERÊNCIAS

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem: que são? Como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 2006.

ERICSON, F. Conceptions of school culture: An Overview. *Educational administration quarterly*, volume 23, nº 4. November 11-24, 1987.

GARCIA, R. L. **A educação numa plataforma de economia solidária.** In: **Propostas** - Revista trimestral de debate da FASE. Rio de Janeiro: Ano 26, n. 74. set./out./nov., 1997.

KISHIMOTO, T. M., Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

METRING, R. **Neuropsicologia e Aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento do ensino.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Rev. Humanidades, Fortaleza*, v. 23, n. 2, p.176-180, jul/dez.2008. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf (acesso 27/04/24)

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** (1930). São Paulo: Martins Fontes, 2002. In



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

A LUDICIDADE COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA

Eixo: Ludicidade

Resumo

Este artigo científico é requisito parcial para obtenção busca elucidar a importância da ludicidade na intervenção do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem, nos faz refletir sobre a importância de uma aprendizagem significativa para a criança. Reforça a as contribuições da ludicidade como instrumento de investigação e possibilidade de mediar a construção do conhecimento, apontando as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: : Educação Infantil, Aprendizagem, Ludicidade

ABSTRACT:

This scientific article is a partial requirement for obtaining and seeks to elucidate the importance of playfulness in the intervention of the psychopedagogue in the face of learning difficulties, it makes us reflect on the importance of a meaningful learning for the child. It reinforces the contributions of playfulness as a research tool and a possibility to mediate the construction of knowledge, pointing out the learning difficulties.

Keywords: : Early Childhood Education, Learning, Playfulness

1 INTRODUÇÃO

As atividades sem intencionalidade pedagógicas, artificiais e sem planejamento continuam presente nas escolas. Com o intuito de alfabetizar, muitos professores tornam a alfabetização como algo ruim, desinteressante e monótono, ao invés de utilizarem-se de metodologias que estimulem esse processo de forma prazerosa despertando assim o interesse da criança pela leitura e escrita, com o objetivo realizar uma investigação com o foco na contribuição da ludicidade na intervenção do psicopedagogo, em crianças em fase de alfabetização, período esse em que as crianças começam a codificar e decodificar a escrita, a leitura, compreender suas funções; visa um olhar crítico para a ludicidade, como forma de desenvolver o aprendizado através de jogos, brincadeiras, vindo assim investigar a ludicidade como ferramenta utilizada na intervenção do psicopedagogo.

Diante dessa problemática, venho primeiramente apresentar as razões que me motivaram a pesquisar sobre o assunto, as questões levantadas e os objetivos da pesquisa em seguida apresentarei o conceito teórico de alfabetização e ludicidade, fazendo uma relação com a prática vivenciada no estágio supervisionado e pesquisa de teorias sobre a temática.

Como objetivo elucidar a importância do lúdico na alfabetização e na intervenção psicopedagógica, estimulando as crianças a serem autônomas e construtoras do seu próprio conhecimento de forma prazerosa e descontraída., o ensino de 9 anos, as crianças ingressam mais cedo na escola de ensino fundamental, com 6 anos de idade. Essas crianças vêm de uma vivência na Educação Infantil, em que não tinham a obrigatoriedade de aprenderem a ler e a escrever, a alfabetização era feita de forma representativa e lúdica é algo muito

presente no cotidiano das crianças, havendo assim necessidade de valorizá-la no processo de introdução da alfabetização.

Para melhorar a compreensão e aprendizado dos alunos e desenvolver habilidades e atitudes e ao mesmo tempo inovar no ensino, e dessa forma foi visto os potenciais e limitações, como aplicá-lo e o que pode trazer ao ensino quando falamos em jogos, temos de levar em consideração o nível de conhecimento, a dinâmica de funcionamento e o grau de utilidade que esse jogo vai proporcionar aos alunos e não apenas aplicá-los como um passatempo para distração, ele é um estímulo, que causa uma compreensão e desenvolvimento intelectual e físico quando aplicado com uma intenção desenvolve um gosto por aprender.

O jogo é colocado como um recurso pedagógico, pois essa estratégia faz com que o aluno use tanto a teoria como a prática e estude de forma atraente divertida e descontraída, assim sem perceber ele se desenvolve, fica mais criativo, espontâneo e o prazer de estudar; aspectos esses que o professor não pode ignorar e deve aproveitar empregando-o em um conteúdo adequado, em um lugar, situação e matérias motivadores, principalmente em conteúdo que os alunos apresentem dificuldade em aprender.

O papel do professor é essencial no planejamento e seleção dos conteúdos a serem trabalhados por meio de jogos no contexto da sala de aula, adequando os jogos as potencialidades dos alunos e buscando diversificá-los com o objetivo de explorar suas capacidades mentais e físicas, também é nesse momento que o papel desempenhado pelo professor é fundamental explicando que objetivo não é de ganhar ou perder, mas sim o de apreender conceitos, desenvolver habilidades, além da interação social, assim, o professor pode repetir o jogo quantas vezes quiser para assimilarem o conteúdo.

O papel de auxiliar o professor, no processo de ensino, nesse sentido, além de ser o comunicador do conhecimento ele incentiva o aluno na construção do seu conhecimento e quando necessário interferir, apresentando novas situações e reflexões para que o aluno tenha condições de caminhar sozinho os

jogos são uma ferramenta muito inovadora e motivadora que pode trazer contribuições aos alunos, escola e ajudar o professor que passam por constantes dificuldades, principalmente em conteúdos complexos na transmissão de conhecimento de forma atrativa.

A criança se socializa de forma livre e autônoma, desenvolvendo é um processo pedagógico que alia o divertimento a aprendizagem, é muito rico o desenvolvimento através do lúdico, o jogo é democrático acessível a todos, onde estimula um grande interesse no sujeito no aprender atualmente fala-se muito da utilização na educação infantil, a base da aprendizagem escolar, que aspectos determinantes na vida escolar da criança são definidos, um ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela diferença de ritmos e estilos de aprendizagem, modos culturais diversos e condições que podem favorecer a um quadro de ineficiência às demandas do ensino.

A escola juntamente a uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, assistentes sociais etc.) precisa pensar em diferentes estratégias articuladas ao mundo particular da criança (a família), que venham a sanar estas dificuldades, esta ordem de procedimentos não seja respeitada com rigor, uma simples dificuldade, às vezes transitória, pode transformar-se em um problema sério, que acarretará no fracasso escolar da criança.

METODOLOGIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizarei referências bibliográficas e considerarei a importância do atendimento psicopedagógico considerando a faixa etária e a necessidade de proporcionar momentos de ludicidade, interação com o meio a Psicopedagogia busca respostas para a

dificuldade de aprendizagem em suas formas patológica ou normal, busca compreender, estudar e intervir no processo de aprendizagem do indivíduo.

Partindo das hipóteses a serem levantadas nesse processo de investigação, unindo a teoria e prática, poderei assim, fazer um link entre as contribuições que a ludicidade traz para a intervenção do psicopedagogo através de jogos e brincadeiras. Citarei referenciais teóricos diferentes para que a comparação entre eles nos apresente uma discussão ao redor do assunto.

A Alfabetização, antes vista como uma ação mecanicista de codificação decodificação, com o passar do tempo, vem sendo colocada como função social, não basta saber codificar/decodificar é necessário que se aprenda fazer uso da escrita e da leitura de modo que as mesmas tenham valor social.

Segundo Ferreiro (1996, p.24):

“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Muitos educadores utilizam-se de métodos de alfabetização tradicionais pautados em transmissão de conhecimentos, utilizando-se de atividades mecânicas como cópias e reproduções de textos. De acordo com Carbonari e Silva (2001):

[...] a cópia assim como a leitura oral origina-se a partir de estímulos textuais, e da maneira como vem sendo instituída e utilizada dentro das salas de aula ambas se configuram em reprodução textual, uma motora e outra sonora. O que é restritivo e pontual na concepção de alfabetização apenas como codificação e decodificação de signos. (Silva e Carbonari, 2001, p.97)

Dá-se ai a importância de um ambiente alfabetizador, acolhedor que estimule as crianças a construir conhecimento partindo de vivências reais e prazerosas o brincar deve ser considerado desde a mais precoce infância através do brincar a criança criará laços de com o meio externo, obtendo laços afetivos com o outro, desenvolvendo ações individuais e coletivas desenvolvendo autonomia e socialização a dificuldade de aprendizagem pode se dar por não se considerar a criança como ser único e em transformação.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a interação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006, p.110).

Um ambiente alfabetizador facilita o processo de aquisição da leitura e escrita, como é citado no RCNEI, 1998, p.153, v.3, as atividades permanentes nessa fase são a leitura de diversas fontes de informação, gêneros e autores jornal, livros de histórias infantis, histórias em quadrinhos etc.; jogo de escrita, como letra móvel, caça palavras, forca, brincadeiras de faz de conta, nos ambientes interiores e exteriores da instituição, fazendo novas formas de interação da linguagem, organização de diversos materiais para que do jogo simbólico, possa obter um resultado como: livros de receitas, blocos de anotações etc.

Segundo Kato:

[...] a função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (1986 apud FÁRIA e MELLO, 2005, p.07)

Segundo PIAGET (1971), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer as atividades lúdicas segundo Vygostky (1984, p. 29), reforçam o potencial associativo da criança, em função de proporcionar a possibilidade de estabelecimento de situações reais e imaginárias, ajudando a criança a viver processos reais, por meio de adequação de sistemas estabelecidos em atividades simbólicas começam a entender o real, separando assim o que é imaginação, fazendo assimilações.

Na intervenção psicopedagógica a ludicidade serve com facilitadora no processo de ensino aprendizagem, pois através do lúdico a criança absorve conhecimentos e torna-os significativos.

Segundo Passerino (1998) apud Moratori (2003) os objetivos indiretos que as atividades lúdicas podem propiciar as crianças são: memória (visual, auditiva, cinestésica); orientação temporal e espacial (em duas e três dimensões); coordenação motora viso-manual (ampla e fina); percepção auditiva, percepção visual (tamanho, cor, detalhes, forma, posição, lateralidade, complementação), raciocínio lógico-matemático, expressão linguística (oral e escrita), planejamento e organização.

Segundo Berni:

[...] a fundamental responsabilidade dos educadores no ambiente escolar: o desenvolvimento dos alunos através da aprendizagem que vai se dar pela mediação. Observando e investigando os conhecimentos que os alunos trazem à escola, o professor deve intervir para reorganizar tal conhecimento, os elevando a outro patamar (BERNI, 2006, p.253)

Incluir a ludicidade através de jogos, brincadeiras, músicas, atividades direcionadas e intencionalizadas para despertar o interesse pela leitura e escrita de forma prazerosa. De acordo com Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI):

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes materiais adequados, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

“Se no primeiro momento há toda uma ênfase na teoria, no segundo momento a ênfase recai na prática. Se no primeiro momento o professor é uma espécie de espectador diante do que se propõe, no segundo momento ele passa a ser verdadeiramente um ator, que reflete, que questiona, que busca novas alternativas, o que implica, muitas vezes, numa reformulação daquilo que havia sido aprendido no momento anterior. A aprendizagem, nesse segundo momento, se renova e se amplia sob o comando da experiência, ou seja, à luz dos desafios concretos com que o docente se depara no cotidiano de sua prática”. (2000, p. 72)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses levantadas nesse trabalho surgiram após observar que o ensino na sala de aula, quando é feito de forma tradicional, utilizando-se livros didáticos, cópias de textos, atividades mecânicas, não considerando os conhecimentos prévios e o meio em que a criança está inserida, procedimentos como esses causam aversão à alfabetização e ao conhecimento.

A criança ao ingressar no ensino fundamental com 6 anos as crianças não têm maturidade para construir o conhecimento de forma tradicional, a alfabetização nesse caso torna-se um entrave, causando traumas psicológicos e dificuldades de aprendizagem ,quando a aula é planejada levando em consideração a ludicidade, os conhecimentos prévios, a cultura, a singularidade que cada criança traz, o aprendizado se dá de maneira prazerosa.

A necessidade de interação com outro é muito evidente entre as crianças, quando o professor propicia esses momentos às crianças estabelecem vínculos entre a imaginação e a realidade, tornando-se capazes absorver os conteúdos sistemáticos tornando-os significativos.

Um exemplo, quando o professor faz uma brincadeira para ensinar o alfabeto, a criança internaliza esse aprendizado, pois o professor o apresentou de uma maneira que para a criança foi especial e significativo as atividades lúdicas em sala de aula devem ter como objetivo o ensino-aprendizagem, sendo utilizada como ferramenta facilitadora na construção do conhecimento com uma intencionalidade pedagógica de aprendizagem são apontadas como a falta de capacidade que os indivíduos têm de realizar determinada tarefa, os quais são encaminhados para acompanhamento psicopedagógico.

A ludicidade é uma questão importante a ser discutida na educação, pois através da ludicidade a criança desenvolve raciocínio lógico, cognitivo e emocional. É nas representações apresentadas nas brincadeiras, na interação com o outro, nos contextos de ludicidade que a criança se apropria do conhecimento de forma prazerosa ,sendo de extrema importância no

desenvolvimento cognitivo, psicológico e social da criança despertando assim a criança para ser ativa em seu processo de alfabetização

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Uma nova concepção sobre o papel do brincar. *Páginas abertas*, ano 29, n.21. P.34-5, 2004.

BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. *Mediação: um conceito central na teoria de Vygtsky*. São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial*

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.

CANCIAN, A. K. Uma prática colaborativa entre professores e pesquisadores. *Anais do IV EBRAPEM, UNESP, Rio Claro, 2000*

CARBONARI, Rosemeire e SILVA Ana Claudia da. Cópia e leitura oral: estratégias para ensinar? In: CHIAPPINI, Ligia (coord.) *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (org). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1996.

LUCENA, M. D. S. *Planejamento estratégico e gestão do desempenho por resultados*. São Paulo: Atlas, 2004.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Zanhar, 1971.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. O movimento lúdico. In: _____. A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995, cap. 4, p.95-103.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

ANA CAROLINA RODRIGUES MACEDO BETTA

Eixo: Inclusão e
Neuropsicopedagogia

Resumo

O artigo aborda o autismo caracteriza-se como o fechamento da criança em si, as crianças que têm este transtorno, normalmente apresentam dificuldades na lógica mostraremos que o brincar estimula um desenvolvimento de habilidades tanto cognitivo como social, de modo que esta atividade pode oferecer várias experiências novas, o que resulta na formação e consolidação de importantes circuitos neurais, conectando áreas importantes do cérebro relacionadas a distintas competências ou conjuntos de habilidades.

Palavras-chave: Autismo, Brincar, Inclusão, Habilidades

ABSTRACT:

The article addresses autism is characterized as the closure of the child itself, children who have this disorder, usually have difficulties in logic. We will show that playing stimulates the development of both cognitive and social skills, so that this activity can offer several new experiences, which result in the formation and consolidation of important neural circuits, connecting important areas of the brain related to different competencies or skill sets.

Keywords: Autism, Play, Inclusion, Skills

1- INTRODUÇÃO

O comportamento dos alunos pensando em algumas alternativas mais adequadas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica, focando na utilização de tecnologias assistivas que é de extrema relevância, ao levarmos em consideração os desafios encontrados em sala de aula com a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Será que os professores estão preparados para trabalhar com este aluno, o que é autismo, como podemos desenvolver atividades que auxiliará este aluno no seu processo de ensino aprendizagem, onde estudos realizados sobre o autismo acumulou-se conhecimentos teóricos e práticos sobre esta síndrome que permite um novo olhar sobre ela.

Com o objetivo refletir sobre as contribuições dessa ciência para as práticas pedagógicas, tentando ligar suas correspondências e relações com a aprendizagem e descobertas da Neurociência sobre o brincar podem ampliar a utilização desse recurso nas práticas escolares desta forma torna-se, novas práticas e informações aprendidas mais duradouras e permanentes na memória dos aprendizes, o estudo do desenvolvimento humano e os recentes resultados da neurociência irão corroborar e reforçar nossas considerações sobre o brincar para a aprendizagem encontramos nas escolas de ensino regular alunos com Autismo.

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados, um número significativo de crianças Especiais, são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança.

Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente

É provável encontrar um número considerável de pesquisadores que dedicaram seus estudos à reflexão da importância do lúdico (brincadeiras e jogos) para o desenvolvimento da criança conscientes disso iniciaram por fundamentar as ideias nos estudos de Vygotsky (1930/1987), e seus seguidores, para compor o texto a seguir devido sua inegável contribuição para o tema que queremos desenvolver.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Vygotsky (1930/1987) concede ao brinquedo um papel potencialmente criador de possibilidades de atuações nas ZDP, ou seja, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de um par mais competente. O rigor a respeito das regras muitas vezes não é atendido no dia-a-dia, no entanto, temos no brinquedo uma imensa capacidade de influência na ZDP dos envolvidos nas ações do brincar.

Que a imaginação nasce no jogo é algo que você expõe como absolutamente certo, convincente e central por seu significado: antes do jogo não há imaginação. Mas acrescenta outra regra mais, a imitação (que, segundo me parece é tão central e está igualmente ligada à situação fictícia), e obteremos os principais aspectos do jogo. (VYGOTSKY, 1933 apud ELKONIN, 1978/1998, p. 4).

Nestes termos, a partir da citação acima, se pode perceber a importância da imaginação que certamente envolverá cada participante dos jogos. No entanto, o fator imitação, não raro, surgirá e ligar-se-á às diversas situações

fictícias que surgirem em campo. O brinquedo suscita a imaginação e a imitação surge como um gesto de criar umas realidades muitas vezes desenvolvidas pelos adultos.

Segundo Ericson (1963) afirma que o jogo da criança é a forma infantil de dominar a realidade por meio da experiência e do planejamento os jogos, tais como jogos de papéis de mãe e filha, de escola, entre outros, somente aquelas ações que se ajustam à situação real representada na atividade lúdica é aceitável.

(...) o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VYGOTSKY, 1930/1987, p. 131).

A inclusão escolar de alunos portadores de necessidades especiais tem se mostrado ainda mais presente dentro do dia-a-dia das escolas brasileiras, estudos estão sendo realizados para que a educação especial possa ser ainda mais, efetivada e realizada com sucesso dentro do cotidiano escolar a Política Nacional de Educação Especial .

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil (BRASIL, 2008).

Para Kishimoto (2010, p. 1)

Ao brincar a criança experimenta o poder de explorar o

mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Metring (2014, p. 49) afirma:

O lúdico ainda é a melhor maneira de acessar o cérebro por várias vias sensoriais, pois desde muito cedo nosso cérebro gosta de brincar. Isso vale para crianças, adolescentes e adultos. Na brincadeira, o sistema límbico permite maiores impressões de prazer do que de desprazer. Portanto, ao lúdico podemos associar conteúdos importantes para a vida do aprendiz.

Um ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela nesta fase que a criança está construindo as bases cognitivas e emocionais do desenvolvimento, como a coordenação motora fina, orientação espacial, comportamentos sociais de organização pessoal, respeito ao próximo, limites, responsabilidades e independência, entre outras características determinantes para uma formação e aprendizagem equilibradas, e que, por isso, requer uma atenção criteriosa.

A escola atual não tem obtido êxito quando se trata das dificuldades de aprendizagem. Nota-se que os professores não têm formação adequada e muitas vezes sentem-se sozinhos e perdidos, sem saber como fazer o aluno aprender. Somado a isso ainda falta infraestrutura, sendo obrigado a lidar com salas superlotadas e o problema da indisciplina, um dos mais comuns transtornos de aprendizagem é a Dislexia..

Segundo o Dr. Gustavo Teixeira, em Manual dos Transtornos Escolares. O transtorno afeta aproximadamente 3% a 10% das crianças e acomete mais meninos do que meninas, através do acompanhamento psicopedagógico realizado com a equipe docente, pais e alunado, é possível que esses alunos aprendam, consigam se alfabetizar e se tornarem letrados .a atuação do psicopedagogo dentro ou fora da instituição escolar é de total importância., os alunos dislexos precisam de um acompanhamento com um profissional especializado, o professor de sala precisa de uma orientação, um plano de trabalho que só esse profissional tem formação para dar.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem específico da leitura, caracterizado por dificuldades de reconhecimento de letras, decodificação e soletração de palavras, causando grande dificuldade de leitura e problemas na escrita.

De acordo com Gustavo Teixeira, essas dificuldades provocarão prejuízos desde a alfabetização até a idade adulta, e por isso merece atenção especial de educadores e pais.

“Crianças com dislexia apresentam dificuldade na primeira função, na atividade de análise. Elas não conseguem associar uma letra a seu som, então, dessa forma, apresentam dificuldade em identificar fonologicamente esses símbolos. Além disso, o processo de construção de frases é prejudicado pelo “esforço” despendido para se agruparem as diferentes letras, com diferentes sons para se formarem as palavras” (Teixeira, Gustavo. Manual dos Transtornos Escolares, Rio de Janeiro, 2018).

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia, o transtorno acomete de 0,5% a 17% da população mundial, pode manifestar-se em pessoas com inteligência normal ou mesmo superior e persistir na vida adulta, sintomas de dislexia variam de acordo

com os graus de gravidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes durante a alfabetização entre os mais comuns encontram-se as seguintes dificuldades:

- Atraso na aquisição da linguagem
- Dificuldade de alfabetização
- Dificuldade para lembrar os símbolos e para aprender o alfabeto
- Trocas na fala
- Dificuldade para separar e seqüenciar sons e palavras.
- Dificuldade para aprender a ler, escrever e soletrar.
- Dificuldade em nomear
- Dificuldade na habilidade motora fina
- Dificuldade para memorizar tabuadas, figuras geométricas e maps
- Dificuldade em copiar do quadro
- Leitura vagarosa e com erros.

A necessidade de capacitação de toda a equipe escolar, para que com o desenvolvimento de todas as pessoas que estão presentes na vida da criança, por meio do relacionamento entre família, professores, equipe escolar e parceiros do atendimento multidisciplinar, as potencialidades e necessidades da criança possam ser contempladas., para uma maior efetividade a favor do aprendizado da criança, o professor especializado em conjunto com o professor da sala regular pode elaborar o Plano de Atendimento Individualizado (PAI)

O Plano de Ensino Individualizado - PEI): “[...] um instrumento cujo objetivo central é o de melhorar ou de favorecer os processos ensino, desenvolvimento e aprendizagem, considerando a ação da classe comum e o Apoio Pedagógico Especializado”.(OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2015, p. 2).

Este plano vem apoiar o ensino de maneira a contribuir com o desenvolvimento da criança, sendo composto pela avaliação inicial do estudante, as metas a serem atingidas, os suportes necessários, a avaliação das metas estabelecidas bem como o período para avaliação das metas e dos suportes utilizados, sempre com foco em intervir nas áreas que caracterizam

o transtorno: comunicação, interação e comportamento (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015).

Tendo em vista que, na educação infantil, o processo de ensino-aprendizado é pautado no lúdico, os jogos infantis são relevantes para o desenvolvimento das crianças, ressaltando que as formas de interação das crianças nas mais diversas situações devem ser propícias ao significar, questionar e criar, ou seja, os jogos e brincadeiras não devem ser proporcionados meramente para “ocupar o tempo ou o aluno”. (NUNES; BRAUN; WALTER, 2011).

Ao promover o planejamento da prática pedagógica, em 2003, o Ministério da Educação produziu o documento “Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem este material perpassa pelo processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança desde o nascimento aos seis anos de idade e a inclusão sugerindo planejamento, adequação e organização do ensino, contribuindo para a formação do professor (BRASIL, 2003).

Em relação às políticas públicas, além das legislações brasileiras em consonância com as diretrizes mundiais que fortalecem os princípios de um sistema

Inclusivo, para os indivíduos com transtorno do espectro autista, houve alteração da LDB, adequando a redação em seu capítulo V, sendo a educação especial uma modalidade de educação escolar oferecida na rede regular de ensino, abrangendo os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação (BRASIL, 2013)

Tem-se também a nota técnica nº 24 de 21 de março de 2013 que orienta os sistemas de ensino à implantação da Lei nº 12.764/2012, com indicações dos direitos e “caminhos” para cumprimento da legislação oficiais e legislativos que garantem o direito à educação às crianças a efetivação de

práticas pedagógicas inclusivas a favor do aprendizado destas crianças.

Para isto, Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014) destacam a necessidade de acolher e responder às diferenças das crianças, por meio do ensino colaborativo, que se define por:

O ensino colaborativo ou coensino é um dos modelos de prestação de serviço de apoio no qual um professor comum e um professor especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de estudantes. Tal modelo emergiu como alternativa aos modelos de sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais, especificamente para responder as demandas das práticas de inclusão escolar de estudantes do público-alvo da Educação Especial, pois uma vez que o aluno deve ser inserido numa classe comum, todos os recursos dos quais ele pode se beneficiar têm que ir junto com ele para o contexto de sala de aula, incluindo entre eles o professor especializado (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2014, p. 45-46).

Contudo, para a implementação do Ensino Colaborativo, é preciso analisar fatores como conteúdo, estratégias de ensino dos professores, empatia e tempo de parceria, compromisso dos professores, apoio administrativo da escola, entre outros pontos que precisam ser dialogados entre a equipe escolar e principalmente entre os professores envolvidos (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2014).

Segundo Capellini (2010) ressalta que na escola, todos os profissionais precisam ser envolvidos e orientados a auxiliar as crianças em suas necessidades, oportunizando condições para o desenvolvimento da criança e também para que este se sinta capaz para isso, se faz necessária a formação de toda a equipe escolar na perspectiva da colaboração, assim como parceria com a família, para que seja esclarecido o trabalho que está sendo realizado com as crianças, trabalho colaborativo vem ao encontro dos princípios democráticos que se almejam na escola, pois a construção da escola inclusiva perpassa por todos os níveis dos sujeitos envolvidos na educação: gestores, professores, equipe escolar, alunos e comunidade, todos a favor do aprendizado, com vistas ao respeito e valorização do outro.

Na perspectiva da educação inclusiva integrada na proposta Pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, transtornos funcionais específicos, a escola atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento dessas necessidades especiais (MEC, 2010).

A partir de 1994, o autismo passou a integrar a categoria de portadores de Condutas Típicas na Política Nacional de Educação Especial do MEC, elaborada pela Secretaria de Educação Especial, com a seguinte denominação: “manifestações de comportamentos típicos de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado” (BRASIL, 1994, p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades lúdicas constitui uma das opções mais relevantes para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança, visa considerar as múltiplas diversidades e possibilidades que as brincadeiras e os jogos oferecem às crianças quanto ao seu desenvolvimento de linguagem e a reconstituição da atividade adulta e imitação, ambas calcadas na realidade de forma que auxilia a criança a dominar a realidade e mediação pela linguagem, aprendizagem de regras, desenvolvimento do autocontrole e criação de interações voluntárias.

A formação de planos e motivações volitivas (traços essenciais para o desenvolvimento da consciência e das formas superiores de pensamento), desenvolvimento da autonomia, do raciocínio e da capacidade de fazer inferências e observações, gerando a construção do próprio conhecimento, motivação e prazer a Psicologia e da Pedagogia, as evidências

neurocientíficas comprovam o aumento das conexões entre as células cerebrais.

Um ambiente saudável torna-se compatível com a realidade da criança, tornando a aquisição das informações, em sua forma lúdica, mais permanente e a aprendizagem mais célere quando a criança brincar, o papel da escola, torna-se, portanto, indispensável entender o brincar na escola, com todas suas atividades lúdicas, como um mecanismo técnico, pedagógico e profissional de se alcançar as mais importantes condições da evolução e integração do educando ,o respeito as regras, organização com o material, o meio onde ela está inserida e o educador por fim, para os professores e educadores, as mediações, com o emprego dos estudos da Psicologia, da Educação,

REFERÊNCIAS

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem: que são?**

Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 2006.

ERICSON, F. Conceptions of school culture: An Overview. Educational administration quarterly, volume 23, nº 4. November 11-24, 1987.

GARCIA, R. L. **A educação numa plataforma de economia solidária.** In: **Propostas** - Revista trimestral de debate da FASE. Rio de Janeiro: Ano 26, n. 74. set./out./nov., 1997.

KISHIMOTO, T. M., Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

METRING, R. Neuropsicologia e Aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento do ensino. 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de

Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p.176-180, jul/dez.2008. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf (acesso 27/04/24)

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. (1930). São Paulo: Martins Fontes, 2002. In



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

ALFABETIZAÇÃO E APRENDIZAGEM SENSORIAL

EDLA SCHULTER NUNES SOARES

Resumo

Este artigo explora a importância da integração de experiências sensoriais no ensino lúdico como uma abordagem pedagógica que enriquece o processo de aprendizagem. A interação sensorial é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, permitindo que elas se tornem protagonistas de sua educação. A pesquisa destaca a relevância de jogos e atividades lúdicas que estimulam os sentidos, favorecendo a inclusão de diferentes estilos de aprendizagem. Além disso, enfatiza o papel do educador na mediação dessas experiências, promovendo um ambiente que valoriza a curiosidade e a criatividade. A proposta é que a incorporação de experiências sensoriais no cotidiano escolar contribua para uma formação integral das crianças, preparando-as para os desafios do mundo contemporâneo.

Palavras-Chave: Ensino lúdico, Experiências sensoriais, Alfabetização, Desenvolvimento integral, Inclusão.

Abstract

This article explores the importance of integrating sensory experiences in playful teaching as a pedagogical approach that enriches the learning process. Sensory interaction is fundamental to the cognitive and emotional

development of children, allowing them to become protagonists of their education. The research highlights the relevance of games and recreational activities that stimulate the senses, favoring the inclusion of different learning styles. Furthermore, it emphasizes the role of the educator in mediating these experiences, promoting an environment that values curiosity and creativity. The proposal is that the incorporation of sensory experiences into everyday school life contributes to the comprehensive education of children, preparing them for the challenges of the contemporary world.

Keywords: Playful teaching, Sensory experiences, Literacy, Integral development, Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

A introdução ao tema da integração de experiências sensoriais no ensino lúdico revela a complexidade e a riqueza do processo educativo contemporâneo, especialmente no que diz respeito à alfabetização e à aprendizagem infantil. Nos últimos anos, a educação tem se transformado, buscando abordagens que não apenas transmitam conhecimento, mas que também considerem o desenvolvimento integral das crianças, englobando aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

A teoria da aprendizagem contemporânea destaca que a experiência sensorial é fundamental para a construção do conhecimento, uma vez que os sentidos são os canais pelos quais as crianças interagem com o mundo e, conseqüentemente, com o aprendizado. Essa interação sensorial propicia uma aprendizagem mais significativa, onde as experiências vivenciadas pelas crianças se tornam instrumentos para a aquisição de habilidades essenciais, como leitura e escrita.

Os jogos e atividades lúdicas surgem como estratégias pedagógicas eficazes nesse contexto, pois permitem que os alunos se engajem ativamente no processo de aprendizagem. Ao serem incentivadas a explorar, experimentar e criar, as crianças se tornam protagonistas de sua educação, desenvolvendo não apenas habilidades acadêmicas, mas também a curiosidade, a criatividade e a autonomia. A abordagem lúdica estimula a curiosidade natural das crianças, promovendo um ambiente de aprendizagem que é ao mesmo tempo envolvente e prazeroso. Isso é especialmente importante em um mundo em constante transformação, onde as crianças precisam não apenas dominar conteúdos, mas também desenvolver competências que as preparem para os desafios futuros. Além disso, a

integração de experiências sensoriais no ensino lúdico é uma resposta a uma diversidade de estilos de aprendizagem que caracteriza as salas de aula contemporâneas.

Cada aluno possui sua própria forma de aprender, e as atividades sensoriais podem atender a essa diversidade, favorecendo a inclusão de todos os alunos no processo educativo. A teoria das inteligências múltiplas, proposta por Howard Gardner, reforça a ideia de que a aprendizagem é um fenômeno multifacetado, e ao incorporar experiências sensoriais, os educadores têm a oportunidade de criar um ambiente que valoriza e respeita essas diferenças. Em suma, a introdução do tema das experiências sensoriais no ensino lúdico não apenas destaca a relevância de uma abordagem integrada e inclusiva na educação, mas também ressalta a importância do papel do educador como mediador dessa experiência.

Ao refletir sobre como as experiências sensoriais podem ser incorporadas ao cotidiano escolar, abrimos espaço para uma discussão mais ampla sobre a construção do conhecimento e a formação integral das crianças. Nesse cenário, o desafio dos educadores é encontrar formas criativas e significativas de integrar essas experiências no processo de ensino aprendizagem, promovendo ambientes que estimulem a curiosidade, a investigação e o desenvolvimento das habilidades essenciais para a vida.

2. JOGOS QUE ESTIMULAM OS SENTIDOS NA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um processo complexo que envolve a aquisição de habilidades de leitura e escrita, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. Nesse contexto, os jogos que estimulam os sentidos podem ser vistos como ferramentas eficazes para promover a aprendizagem. Os jogos sensoriais oferecem experiências ricas que engajam diferentes sentidos, como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar, permitindo que as crianças explorem e descubram o mundo ao seu redor, enquanto desenvolvem suas habilidades linguísticas.

Segundo Piaget (1976), a interação com o ambiente é essencial para o desenvolvimento cognitivo, e os jogos que ativam os sentidos favorecem essa interação, proporcionando um espaço lúdico onde as crianças podem experimentar, criar e aprender. Além disso, a utilização de jogos sensoriais na alfabetização pode contribuir para a inclusão de crianças com diferentes estilos de aprendizagem. De acordo com Gardner (1993), as inteligências múltiplas permitem que cada indivíduo tenha uma forma única de aprender.

Jogos que estimulam os sentidos possibilitam que as crianças com diferentes perfis de aprendizado se sintam incluídas no processo de

alfabetização, pois oferecem diversas formas de interação e exploração do conhecimento. Por exemplo, jogos que envolvem a manipulação de objetos, como letras em tridimensionais ou materiais táteis, favorecem a aprendizagem kinestésica, enquanto aqueles que utilizam músicas ou sons podem beneficiar crianças que aprendem melhor por meio da audição (BRASIL, 2018). A literatura aponta ainda que jogos sensoriais podem ajudar a desenvolver a atenção e a memória, habilidades essenciais para o processo de alfabetização. Estudos indicam que a combinação de estímulos sensoriais pode aumentar a retenção de informações e a concentração das crianças durante as atividades escolares (Ribeiro, 2015). Em um ambiente de aprendizado onde os sentidos são estimulados, as crianças tendem a se sentir mais motivadas e envolvidas nas atividades, o que pode resultar em uma maior compreensão dos conteúdos abordados e em um desenvolvimento mais eficaz das habilidades de leitura e escrita. Compreender a relação entre estímulos sensoriais e processos cognitivos é fundamental para a elaboração de estratégias pedagógicas que promovam a alfabetização de forma mais significativa e prazerosa (Lima, 2017).

A incorporação de jogos sensoriais nas práticas pedagógicas pode facilitar a identificação e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A interação com os colegas durante os jogos proporciona um ambiente de cooperação e compartilhamento, fundamental para o desenvolvimento social das crianças (Freire, 1996). Ao participar de atividades lúdicas que estimulam os sentidos, as crianças aprendem a trabalhar em grupo, a respeitar as regras e a se comunicar de forma mais eficaz. Essas habilidades são essenciais para a construção da identidade social e para a formação de cidadãos críticos e participativos (Santos 2019). Portanto, a utilização de jogos que estimulam os sentidos não apenas contribui para a alfabetização, mas também para a formação integral do indivíduo. Ainda que os jogos sensoriais sejam uma prática promissora na alfabetização, é crucial que os educadores tenham formação adequada para implementar essas atividades de maneira eficaz.

A formação continuada dos professores é fundamental para que eles possam integrar jogos sensoriais de forma criativa e adequada ao currículo escolar, considerando as particularidades de cada turma e as necessidades individuais de cada aluno (Pereira, 2020). A prática pedagógica deve ser embasada em teorias educacionais que reconhecem a importância do lúdico e da sensorialidade na aprendizagem, possibilitando que as crianças desenvolvam não apenas habilidades de leitura e escrita, mas também um amor pelo aprendizado que perdurará ao longo de suas vidas. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que os jogos que estimulam os sentidos são um recurso valioso na alfabetização. A proposta de utilizar essas ferramentas lúdicas no ambiente escolar oferece oportunidades ricas para a exploração, a

interação e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida.

Ao criar um ambiente de aprendizagem estimulante e acolhedor, os educadores podem promover uma alfabetização mais efetiva, integrando aspectos cognitivos, sociais e emocionais. Portanto, os jogos sensoriais não são apenas uma alternativa lúdica, mas uma necessidade no contexto educacional contemporâneo, promovendo uma formação mais completa e integrada das crianças.

3. A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM SENSORIAL NA APRENDIZAGEM

A abordagem sensorial no aprendizado é um tema de crescente relevância na educação contemporânea, pois reconhece que a experiência sensorial é fundamental para a construção do conhecimento. Os sentidos desempenham um papel crucial na forma como os indivíduos interagem com o mundo ao seu redor, e a aprendizagem se torna mais significativa quando envolve uma variedade de estímulos sensoriais. Segundo Piaget (1976), o conhecimento se forma a partir da interação do indivíduo com o ambiente, e essa interação é mediada pelos sentidos, que permitem a percepção e a compreensão da realidade.

A inclusão de atividades que estimulem a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar nas práticas educativas podem resultar em um aprendizado mais profundo e duradouro, pois as experiências sensoriais facilitam a retenção e a aplicação do conhecimento adquirido. Além disso, a abordagem sensorial é especialmente importante para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e socioemocionais nas crianças. De acordo com Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre em um contexto social e cultural, onde as interações com o ambiente e com outras pessoas são essenciais para o desenvolvimento. Atividades que envolvem o uso dos sentidos estimulam a curiosidade e a criatividade, promovendo a exploração e a descoberta. Os jogos sensoriais, por exemplo, proporcionam uma experiência de aprendizagem ativa, onde as crianças podem experimentar, observar e interagir de forma concreta com os objetos e fenômenos ao seu redor (Ribeiro, 2015). Esse tipo de abordagem pode ajudar a desenvolver não apenas habilidades cognitivas, mas também a capacidade de resolução de problemas e a autonomia, uma vez que os alunos são incentivados a investigar e a construir seu próprio conhecimento.

A literatura também aponta que a estimulação sensorial é benéfica para o aprendizado de alunos com diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Gardner (1993) propõe a teoria das inteligências múltiplas, que sugere que cada indivíduo possui diferentes formas de aprender, e a abordagem sensorial

pode atender a essas diferentes inteligências. Por exemplo, alunos que apresentam uma inteligência mais voltada para a música podem se beneficiar de atividades que envolvam sons e ritmos, enquanto aqueles que têm uma inteligência mais relacionada ao movimento podem aprender melhor por meio de experiências táteis e kinestésicas.

A diversidade de experiências sensoriais permite que todos os alunos encontrem formas de se conectar com o conteúdo e, assim, favorece um ambiente de aprendizado mais inclusivo e eficaz (Lima, 2017). Além disso, a importância da abordagem sensorial se estende ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A interação em atividades sensoriais muitas vezes ocorre em grupo, o que promove a cooperação, o respeito e a empatia entre os alunos. As experiências compartilhadas durante essas atividades podem fortalecer os laços sociais e ajudar as crianças a desenvolverem habilidades de comunicação e trabalho em equipe (Freire, 1996).

A convivência em um ambiente onde os sentidos são estimulados e a colaboração é valorizada contribui para a formação de cidadãos mais críticos e participativos, essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Santos, 2019). Ademais, a utilização de abordagens sensoriais no aprendizado pode ajudar a aumentar a motivação e o engajamento dos alunos. A educação tradicional, que muitas vezes é centrada em métodos expositivos e em atividades de memorização, pode tornar-se monótona e desestimulante para os alunos (Pereira, 2020).

Em contrapartida, ao incorporar elementos sensoriais, os educadores criam um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interessante. As atividades sensoriais despertam a curiosidade e a vontade de explorar, o que pode levar os alunos a se envolverem mais ativamente nas aulas. Esse aumento no engajamento é um fator crucial para o sucesso acadêmico, uma vez que alunos motivados tendem a apresentar melhores resultados de aprendizagem.

Por fim, a implementação de uma abordagem sensorial no aprendizado requer um planejamento cuidadoso e uma formação adequada dos educadores. É fundamental que os professores compreendam a importância da estimulação sensorial e saibam como integrar essas práticas em suas aulas de maneira eficaz. A formação continuada e o intercâmbio de experiências entre educadores são essenciais para o desenvolvimento de metodologias que valorizem a sensorialidade e o lúdico na educação (Lima, 2017). A formação de professores deve incluir práticas que os capacitem a criar atividades diversificadas, que estimulem os sentidos e promovam um aprendizado significativo. A abordagem sensorial não é apenas uma tendência pedagógica, mas uma necessidade para atender às demandas do mundo contemporâneo, onde o aprendizado deve ser abrangente, inclusivo e

relevante.

4. COMO INTEGRAR EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS NO ENSINO LÚDICO

A integração de experiências sensoriais no ensino lúdico representa uma abordagem pedagógica que busca enriquecer o processo de aprendizagem por meio da ativação dos sentidos. Esse tipo de abordagem é fundamentada na compreensão de que as crianças aprendem de maneira mais significativa quando estão ativamente envolvidas em suas experiências educativas, interagindo com o mundo ao seu redor de forma concreta e prazerosa. De acordo com Piaget (1976), a construção do conhecimento se dá por meio da interação com o ambiente, e os jogos e atividades lúdicas que incorporam elementos sensoriais favorecem essa interação, proporcionando oportunidades para que os alunos explorem, descubram e criem. A inclusão de experiências sensoriais no ensino lúdico permite que as crianças se tornem protagonistas de seu aprendizado, estimulando a curiosidade e a criatividade. Uma forma eficaz de integrar experiências sensoriais no ensino lúdico é por meio do uso de jogos que envolvam a manipulação de objetos. Segundo Vygotsky (1998), as interações sociais e as atividades práticas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo.

Ao utilizar materiais diversos, como blocos de montar, massa de modelar ou letras táteis, os educadores podem proporcionar experiências que estimulem o tato e a visão, permitindo que as crianças aprendam de maneira mais concreta e significativa. Essas atividades não apenas incentivam a exploração sensorial, mas também promovem o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, essenciais para a aprendizagem. A literatura sugere que o uso de objetos manipulativos pode facilitar a compreensão de conceitos abstratos, como números e letras, tornando-os mais acessíveis e compreensíveis para as crianças (Lima, 2017). Além disso, a música e os sons são ferramentas poderosas para integrar experiências sensoriais no ensino lúdico.

A música pode ser utilizada para criar um ambiente estimulante e propício à aprendizagem, além de facilitar a memorização de conteúdos. De acordo com Gardner (1993), a inteligência musical é uma das múltiplas formas de inteligência que podem ser exploradas em sala de aula. Atividades que envolvem canto, ritmo e dança podem não apenas desenvolver a sensibilidade auditiva, mas também promover a integração entre diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo, canções que ensinam sobre animais, números ou letras podem ser utilizadas para facilitar a alfabetização de forma lúdica e

envolvente, tornando o aprendizado mais agradável e eficaz (Ribeiro, 2015). Dessa forma, a música e os sons se tornam aliados na criação de experiências sensoriais que enriquecem o ensino. Outra estratégia eficaz para integrar experiências sensoriais é o uso de atividades ao ar livre, que proporcionam um contato direto com a natureza.

A interação com o ambiente natural estimula os sentidos de maneiras diversas, promovendo o aprendizado de forma orgânica e espontânea. Estudos indicam que a educação ao ar livre está associada a um aumento da atenção, do bem estar e do engajamento dos alunos (Santos, 2019). Ao realizar atividades lúdicas em parques ou jardins, os educadores podem incentivar a observação e a exploração do ambiente, permitindo que as crianças utilizem todos os seus sentidos para aprender sobre o mundo ao seu redor. Esse contato direto com a natureza não só enriquece a experiência educativa, mas também promove a conscientização ambiental e o respeito pelo meio ambiente, aspectos fundamentais na formação de cidadãos críticos e responsáveis. A criação de um ambiente de aprendizagem sensorial também pode ser promovida através da utilização de aromas e sabores. Atividades que envolvem a culinária, por exemplo, permitem que as crianças experimentem diferentes texturas, cheiros e gostos, além de desenvolver habilidades motoras e cognitivas.

Segundo Freire (1996), o ensino deve ser um processo de construção conjunta do conhecimento, e a culinária pode ser uma forma divertida e interativa de aprender sobre matemática, ciências e até mesmo cultura. Ao preparar receitas, as crianças podem aprender sobre medidas, ingredientes e reações químicas, enquanto vivenciam uma experiência sensorial completa. Essa abordagem lúdica favorece a aprendizagem significativa e pode contribuir para a formação de hábitos saudáveis. A formação continuada dos educadores é um aspecto crucial para a implementação efetiva de experiências sensoriais no ensino lúdico. É fundamental que os professores sejam capacitados para criar e adaptar atividades que atendam às necessidades e interesses de seus alunos, utilizando estratégias que valorizem a sensorialidade. A formação deve incluir práticas que estimulem a criatividade e a inovação, permitindo que os educadores se sintam à vontade para explorar novas abordagens e integrar experiências sensoriais em suas aulas (Pereira, 2020). A troca de experiências entre educadores e a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas também são fundamentais para o aprimoramento das metodologias de ensino, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais rico e diversificado. A integração de experiências sensoriais no ensino lúdico, portanto, não é apenas uma estratégia pedagógica, mas uma necessidade para promover um aprendizado significativo e envolvente.

Ao considerar a totalidade da experiência humana, que envolve

emoções, percepções e interações, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que respeitam e valorizam a individualidade de cada aluno. Dessa forma, as experiências sensoriais tornam-se aliadas poderosas na construção do conhecimento, promovendo não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para se tornarem aprendizes autônomos e críticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais sobre a integração de experiências sensoriais no ensino lúdico e sua relevância para a alfabetização e aprendizagem nos levam a refletir sobre a complexidade do processo educativo e a importância de abordagens que valorizem a totalidade da experiência humana. A interação dos alunos com o mundo ao seu redor, mediada pelos sentidos, não apenas enriquece a aprendizagem, mas também proporciona um ambiente onde o conhecimento se torna mais significativo e duradouro. Os jogos sensoriais, em particular, emergem como uma estratégia valiosa que facilita essa interação, promovendo o engajamento ativo das crianças e atendendo a diferentes estilos de aprendizagem. A prática pedagógica que incorpora experiências sensoriais requer um comprometimento dos educadores em explorar novas metodologias que transcendam os métodos tradicionais de ensino. Os jogos e atividades lúdicas não são apenas ferramentas de entretenimento, mas sim instrumentos poderosos de construção do conhecimento, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades cognitivas, sociais e emocionais.

Essa abordagem favorece um aprendizado que se articula com a curiosidade natural das crianças e seu desejo de explorar, investigar e descobrir. Ademais, é essencial reconhecer que a formação dos educadores desempenha um papel crucial na implementação eficaz de experiências sensoriais. Os professores devem estar preparados para criar um ambiente educacional que promova a exploração sensorial, oferecendo atividades diversificadas que considerem as necessidades e interesses de todos os alunos. A troca de experiências e o desenvolvimento profissional contínuo são fundamentais para que os educadores se sintam confiantes em adotar práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. A ênfase em uma abordagem sensorial também contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, fundamentais para a formação de cidadãos críticos e participativos.

A interação social promovida durante os jogos e atividades lúdicas estimula o respeito, a empatia e a cooperação entre os alunos, criando um ambiente propício para a construção de relações interpessoais saudáveis. Nesse sentido, a educação assume um papel transformador, capacitando as

crianças não apenas em sua trajetória acadêmica, mas também em sua formação como indivíduos completos e engajados com a sociedade. Portanto, a integração de experiências sensoriais no ensino lúdico deve ser vista como uma necessidade e não apenas como uma possibilidade. À medida que avançamos em direção a um modelo educacional mais inclusivo e centrado no aluno, é vital que continuemos a explorar e a valorizar o papel dos sentidos na aprendizagem.

A educação sensorial não só potencializa a aquisição de conhecimentos, mas também enriquece a experiência do aprendizado, promovendo um desenvolvimento mais holístico e integral das crianças. Essa abordagem nos lembra que, ao educar, estamos formando não apenas alunos competentes, mas também seres humanos que se relacionam de forma mais rica e significativa com o mundo ao seu redor.

BIBLIOGRAFIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. 3. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1993.

LIMA, Ana Paula. **O jogo como instrumento de ensino: contribuições para a prática pedagógica**. Educação e Realidade, v. 42, n. 2, p. 527-548, 2017.

PEREIRA, Thiago. **Formação de professores: desafios e possibilidades na educação infantil**. Educação em Questão, v. 33, n. 1, p. 123-136, 2020.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1976.

RIBEIRO, Fernanda. **Jogos e brincadeiras na educação infantil: reflexões e práticas**. São Paulo: Cortez, 2015.

SANTOS, Luiz. **Educação e cidadania: uma análise crítica.**
Educação e Sociedade, v. 40, n. 146, p. 745-764, 2019.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins
Fontes, 1998.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ALFABETIZAÇÃO LÚDICA

EDLA SCHULTER NUNES SOARES

Resumo

Este trabalho investiga o uso de histórias em quadrinhos (HQs) como ferramenta pedagógica para a promoção da alfabetização lúdica. Ao integrar elementos visuais e textuais, as HQs se mostram eficazes na construção do conhecimento, estimulando a curiosidade e o interesse dos alunos. A abordagem lúdica favorece um ambiente de aprendizado dinâmico e criativo, permitindo que os estudantes se tornem protagonistas de seu processo de aprendizagem. Além disso, as HQs promovem a inclusão e a diversidade, representando diferentes realidades e experiências. Este estudo busca destacar as contribuições das histórias em quadrinhos e das atividades lúdicas na formação integral dos alunos e na construção de um ambiente educacional mais crítico e colaborativo.

Palavras-chave: Alfabetização, Histórias em quadrinhos, Ensino lúdico, Inclusão, Formação docente.

Abstract

This study investigates the use of comic books (HQs) as a pedagogical tool to promote playful literacy. By integrating visual and textual elements, comic books are effective in building knowledge, stimulating students' curiosity and interest. The playful approach favors a dynamic and creative learning environment, allowing students to become protagonists of their learning process. In addition, comic books promote inclusion and diversity, representing different realities and experiences. This study seeks to highlight the contributions of comic books and playful activities in the comprehensive education of students and in the construction of a more critical and collaborative educational environment.

Keywords: Literacy, Comics, Playful teaching, Inclusion, Teacher training.

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo fundamental para o desenvolvimento humano e social, sendo a base sobre a qual se constroem habilidades de leitura e escrita, essenciais para a comunicação e a interação com o mundo. No contexto educacional contemporâneo, é cada vez mais evidente a necessidade de abordagens inovadoras que tornem esse processo mais atrativo e eficaz. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos (HQs) surgem como uma ferramenta poderosa e versátil para a promoção da alfabetização lúdica. Ao combinar elementos visuais e textuais, as HQs oferecem um formato acessível e envolvente que pode estimular a curiosidade e o interesse dos alunos.

A utilização de HQs na educação vai além do entretenimento; trata-se de uma estratégia pedagógica que facilita a compreensão de conceitos complexos e a construção do conhecimento. A linguagem única das histórias em quadrinhos permite que os educadores abordem diversos conteúdos de forma interdisciplinar, enriquecendo o currículo e ampliando as possibilidades de aprendizado. As HQs também desempenham um papel crucial na formação de leitores críticos e reflexivos, pois apresentam narrativas que refletem diferentes realidades e promovem discussões sobre temas sociais, culturais e éticos. Outro aspecto relevante é o potencial das histórias em quadrinhos para promover a inclusão e a diversidade nas salas de aula.

Ao representar uma gama de personagens e experiências, as HQs oferecem aos alunos a oportunidade de se identificarem com as narrativas e de desenvolverem empatia em relação às vivências dos outros. Essa característica é particularmente importante em um mundo cada vez mais plural, onde a compreensão e o respeito pelas diferenças são fundamentais para a convivência

em sociedade. A alfabetização lúdica, por sua vez, destaca-se como uma abordagem que valoriza a aprendizagem por meio do jogo e da interação, promovendo um ambiente educacional mais dinâmico e criativo. As atividades lúdicas, quando integradas ao uso de HQs, permitem que os alunos se tornem protagonistas do seu aprendizado, explorando conteúdos de maneira divertida e significativa.

Essa abordagem não apenas favorece a retenção de informações, mas também estimula a criatividade, o pensamento crítico e a colaboração entre os alunos. Além disso, a evolução das tecnologias digitais e a crescente popularidade das plataformas online têm ampliado o acesso às histórias em quadrinhos, tornando-as ainda mais relevantes no contexto atual. Os educadores têm a oportunidade de explorar essas novas mídias para criar experiências de aprendizado interativas e engajadoras, que atendem às necessidades e interesses dos alunos contemporâneos. A formação de professores para a utilização eficaz das HQs na prática pedagógica também se apresenta como um desafio e uma oportunidade. É essencial que os educadores sejam capacitados para reconhecer as potencialidades desse recurso, adaptando suas metodologias para integrar as histórias em quadrinhos de maneira que enriqueçam o processo de ensino aprendizagem.

Neste contexto, este trabalho visa explorar as diferentes facetas do uso de histórias em quadrinhos e atividades lúdicas na alfabetização, destacando suas contribuições para a formação integral dos alunos e a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, crítico e criativo. Ao longo deste estudo, serão abordados aspectos como a eficácia das HQs na compreensão de conteúdos, o impacto das ilustrações na leitura e a importância das atividades lúdicas na construção do conhecimento, enfatizando como esses elementos podem se complementar e potencializar a alfabetização de forma significativa e duradoura.

2. O USO DE HQs COMO RECURSO EDUCATIVO

O uso de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso educativo tem ganhado cada vez mais destaque nas práticas pedagógicas contemporâneas. Essa forma de arte, que combina texto e imagem, oferece um suporte visual que pode facilitar a compreensão de conteúdos complexos e estimular o interesse dos alunos. Segundo McCloud (2006), as HQs possuem uma linguagem única que permite a comunicação de ideias de forma clara e eficaz, o que as torna uma ferramenta poderosa para o ensino.

A integração de imagens com textos pode ajudar na retenção de informações, promovendo um aprendizado mais significativo e duradouro (MARTINS, 2015). Além disso, as HQs podem ser utilizadas para abordar temas variados, desde literatura e história até ciências e matemática, possibilitando a interdisciplinaridade, uma abordagem que tem se mostrado eficiente em diversos contextos educativos (HENRIQUE, 2018). Outro ponto relevante é a capacidade das HQs de promover a inclusão e a diversidade nas salas de aula. Ao apresentarem personagens variados e histórias que refletem diferentes realidades, as HQs podem contribuir para a construção de uma cultura de respeito e aceitação das diferenças, conforme argumenta Louro (2019). A leitura de histórias em quadrinhos pode servir como um ponto de partida para discussões sobre temas sociais, culturais e políticos, incentivando o pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade que os alunos vivem (SILVA, 2020).

Nesse sentido, o uso de HQs como recurso educativo pode não apenas enriquecer o currículo escolar, mas também ajudar a formar cidadãos mais conscientes e engajados. Além de suas potencialidades pedagógicas, as HQs também são reconhecidas por sua capacidade de atrair a atenção dos estudantes, especialmente em um contexto onde as novas tecnologias e as mídias digitais dominam a vida cotidiana. A utilização de plataformas digitais para a leitura de quadrinhos pode facilitar o acesso a esse tipo de material, alcançando um público ainda maior (PEREIRA, 2021). Os educadores têm, portanto, uma oportunidade de explorar essas novas ferramentas para criar experiências de aprendizado mais envolventes e dinâmicas. Além disso, a criação de HQs pelos próprios alunos pode ser uma atividade que estimula a

criatividade e a expressão pessoal, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais, como a escrita e a narratividade (RIBEIRO, 2017).

A formação de professores também é um aspecto crucial na implementação do uso de HQs como recurso educativo. A literatura destaca a importância de capacitar os educadores para que compreendam as potencialidades desse recurso e saibam integrá-lo de forma eficaz em suas práticas pedagógicas. Segundo Gomes (2018), a formação contínua e a troca de experiências entre docentes são fundamentais para que a utilização de HQs no ambiente escolar seja bem-sucedida. Além disso, é essencial que os educadores estejam atentos às tendências e inovações no campo das HQs, como a diversidade de estilos e gêneros que têm emergido nas últimas décadas (ALMEIDA, 2020). Por fim, é importante ressaltar que, apesar das inúmeras vantagens do uso de HQs na educação, a sua implementação deve ser feita com cuidado, considerando as especificidades de cada turma e o contexto escolar.

A seleção de materiais adequados, que respeitem a faixa etária e os interesses dos alunos, é fundamental para garantir que as histórias em quadrinhos cumpram seu papel educativo de forma eficaz (CAMPOS, 2022). Em suma, as HQs apresentam-se como um recurso valioso no campo da educação, capaz de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e promover uma formação mais ampla e inclusiva.

3. ATIVIDADES LÚDICAS BASEADAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As atividades lúdicas baseadas em histórias em quadrinhos (HQs) têm se mostrado uma abordagem inovadora e eficaz no campo educacional, contribuindo para a aprendizagem significativa e engajamento dos alunos. A utilização das HQs como ferramenta pedagógica permite que os educadores criem experiências de ensino mais dinâmicas e interativas, possibilitando que os estudantes explorem conteúdos de forma criativa e divertida.

Segundo Martins (2018), as HQs oferecem uma linguagem visual que, quando combinada com o texto, facilita a compreensão e a retenção de

informações, especialmente em alunos que apresentam diferentes estilos de aprendizagem. O uso de atividades lúdicas relacionadas a esse formato narrativo pode potencializar o interesse dos estudantes e a motivação para aprender, além de favorecer a construção de conhecimentos de maneira colaborativa e prazerosa (SILVA; LOPES, 2020). Além disso, a implementação de atividades lúdicas com HQs pode estimular o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais nos alunos. Conforme apontado por Oliveira e Castro (2021), essas atividades incentivam a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico, habilidades essenciais para a formação integral do estudante.

Ao interagir com os personagens e as tramas das HQs, os alunos são levados a refletir sobre suas próprias experiências e a expressar suas opiniões de maneira mais articulada, promovendo um ambiente de aprendizado que valoriza a subjetividade e a diversidade de perspectivas. Dessa forma, as atividades lúdicas não apenas ensinam conteúdos curriculares, mas também desenvolvem competências socioemocionais que são cada vez mais valorizadas no contexto educacional contemporâneo (MOURA, 2019). As atividades lúdicas podem incluir jogos, dramatizações, produção de quadrinhos, entre outras estratégias que integram as HQs ao processo de ensino-aprendizagem. O uso de jogos educativos baseados em histórias em quadrinhos, por exemplo, pode proporcionar um ambiente de competição saudável e cooperação entre os alunos, estimulando a interação e o trabalho em grupo (REIS, 2022). A dramatização de cenas das HQs permite que os alunos vivenciem as narrativas de forma mais profunda, favorecendo a empatia e a conexão emocional com os personagens, o que pode levar a uma compreensão mais rica dos temas abordados. Essa abordagem prática e lúdica ajuda a consolidar o aprendizado, tornando os conteúdos mais acessíveis e memoráveis para os estudantes (FREITAS, 2018). Outro aspecto relevante é a possibilidade de personalização das atividades lúdicas com base nas preferências e interesses dos alunos.

A diversidade de gêneros e estilos das HQs permite que os educadores adaptem as atividades para atender às necessidades específicas de cada grupo,

tornando o aprendizado mais inclusivo e relevante (COSTA, 2020). A produção de quadrinhos pelos próprios alunos pode ser uma estratégia poderosa para incentivar a expressão criativa e a autoria, uma vez que eles podem criar suas histórias, personagens e tramas, refletindo suas vivências e contextos pessoais. Isso não só valoriza a voz do aluno, mas também promove um aprendizado ativo, onde o estudante se torna protagonista de sua formação (NASCIMENTO, 2021). Além disso, as atividades lúdicas com HQs podem ser uma maneira eficaz de abordar temas transversais, como cidadania, meio ambiente e diversidade, favorecendo discussões relevantes e necessárias no ambiente escolar. Ao trazer à tona questões sociais e culturais por meio das narrativas das HQs, os educadores podem incentivar os alunos a refletirem criticamente sobre sua realidade e a desenvolverem uma postura ativa e responsável (ALMEIDA, 2019). Esse aspecto é particularmente importante em um mundo cada vez mais globalizado e diversificado, onde o entendimento e a aceitação das diferenças são essenciais para a convivência em sociedade.

Em suma, as atividades lúdicas baseadas em histórias em quadrinhos constituem uma abordagem pedagógica rica e multifacetada, capaz de transformar o ambiente escolar em um espaço de aprendizado dinâmico e envolvente. Através da combinação de diversão, criatividade e conteúdo educacional, os educadores podem promover uma formação integral que respeite a individualidade dos alunos e os prepare para os desafios do século XXI. A literatura educacional reforça a importância de se utilizar metodologias que estimulem a participação ativa dos estudantes, e as atividades lúdicas com HQs se destacam como uma estratégia promissora nesse sentido, contribuindo não apenas para o aprendizado de conteúdos específicos, mas também para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida em sociedade.

4. O IMPACTO DAS ILUSTRAÇÕES NA COMPREENSÃO DE TEXTOS

O impacto das ilustrações na compreensão de textos é um tema que tem

gerado interesse crescente nas pesquisas em educação e psicologia, pois as imagens desempenham um papel fundamental na forma como os leitores interpretam e retêm informações. As ilustrações podem servir como um recurso cognitivo que facilita a assimilação de conteúdos, permitindo que os leitores estabeleçam conexões entre o texto e as representações visuais (CAMPOS; SILVA, 2020).

De acordo com Koss e Brunner (2017), a presença de ilustrações em livros didáticos e literários não apenas enriquece a experiência de leitura, mas também contribui para a construção do significado, uma vez que as imagens oferecem um contexto visual que complementa e amplifica as informações apresentadas no texto. Esse fenômeno pode ser explicado pela teoria da dualidade da informação, que sugere que a combinação de texto e imagem pode maximizar a aprendizagem, uma vez que diferentes áreas do cérebro são ativadas durante a leitura de informações visuais e verbais (MAYER, 2014). Além disso, as ilustrações podem atuar como um recurso motivacional, atraindo a atenção dos leitores e estimulando o interesse pelo conteúdo.

A pesquisa de Kucirkova et al. (2017) indica que livros ilustrados tendem a ser mais atrativos para crianças e adultos, incentivando a leitura e a exploração do texto. O uso de cores, formas e personagens nas ilustrações pode criar um ambiente mais envolvente e prazeroso, o que, por sua vez, pode levar a uma maior disposição para a leitura e para a interação com o material (SILVA; MARTINS, 2019). Nesse sentido, a motivação desempenha um papel crucial na aprendizagem, uma vez que leitores engajados tendem a dedicar mais tempo e esforço à interpretação e análise dos textos, resultando em uma compreensão mais profunda e significativa (ANDRADE; RIBEIRO, 2018).

A presença de ilustrações também pode ser particularmente benéfica para leitores com dificuldades de compreensão, como aqueles com dislexia ou outras dificuldades de aprendizagem. Estudos mostram que as imagens podem facilitar a decodificação do texto e auxiliar na compreensão do conteúdo, oferecendo pistas visuais que ajudam a organizar as informações (WILKINSON; HALLETT, 2019). De acordo com a pesquisa de Bénéfice et al. (2020), leitores

que interagem com textos ilustrados apresentam um desempenho significativamente melhor em tarefas de compreensão do que aqueles que leem textos apenas verbais, evidenciando a importância das imagens na promoção da equidade no acesso à informação. Ademais, as ilustrações têm um papel significativo na formação de inferências, pois elas podem fornecer pistas visuais que ajudam os leitores a preencher lacunas no texto.

A pesquisa de van den Broek et al. (2016) sugere que as ilustrações podem guiar os leitores na construção de inferências, facilitando a compreensão de elementos implícitos da narrativa. Essa capacidade de inferir informações não explicitamente mencionadas no texto é essencial para a compreensão de histórias e argumentos, e as ilustrações podem servir como ancoradouros que ajudam os leitores a estabelecer conexões entre diferentes partes do texto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

No contexto educacional, a utilização de ilustrações em materiais didáticos é amplamente reconhecida como uma prática eficaz. De acordo com Oliveira e Santos (2019), a inclusão de ilustrações em livros didáticos não só melhora a compreensão dos alunos, mas também promove a retenção de informações a longo prazo. As imagens podem ser utilizadas para exemplificar conceitos complexos, tornando-os mais acessíveis e compreensíveis para os estudantes. Além disso, a interação com ilustrações pode promover discussões e atividades em grupo, estimulando a colaboração e a troca de ideias entre os alunos (LIMA; CAVALCANTE, 2021).

Por fim, é importante ressaltar que a eficácia das ilustrações na compreensão de textos depende da qualidade e da relevância das imagens em relação ao conteúdo apresentado. Ilustrações que são apenas decorativas ou que não estão relacionadas ao texto podem não contribuir para a compreensão e, em alguns casos, até podem gerar confusão (BRIGGS; WEIR, 2020). Portanto, a escolha cuidadosa das ilustrações é crucial para garantir que elas realmente acrescentem valor ao processo de leitura e aprendizagem. Em suma, o impacto das ilustrações na compreensão de textos é um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve aspectos cognitivos, motivacionais e pedagógicos.

As evidências empíricas reforçam a ideia de que as ilustrações são instrumentos valiosos que podem enriquecer a experiência de leitura e promover uma compreensão mais profunda e significativa dos textos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias em quadrinhos (HQs) têm se mostrado um recurso pedagógico eficaz, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem nas escolas. Ao combinar elementos visuais e textuais, as HQs favorecem a compreensão e a retenção de informações, estimulando o interesse dos alunos em diversos conteúdos. A utilização desse formato narrativo não apenas diversifica as estratégias de ensino, mas também propicia um ambiente mais inclusivo e dinâmico, onde cada aluno pode encontrar um espaço para se expressar e aprender de forma significativa. Além de facilitar a aprendizagem de conteúdos complexos, as HQs têm o potencial de promover habilidades socioemocionais essenciais. Através de atividades lúdicas que envolvem a criação de quadrinhos, por exemplo, os alunos podem desenvolver a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de trabalhar em grupo. Essas competências são cada vez mais valorizadas em um mundo que exige não apenas conhecimento acadêmico, mas também habilidades interpessoais e de resolução de problemas. Assim, as atividades lúdicas baseadas em HQs não só enriquecem o currículo escolar, mas também preparam os alunos para os desafios da vida contemporânea. Outro aspecto fundamental a ser considerado é a importância da formação de professores.

É imprescindível que os educadores sejam capacitados para integrar as HQs de maneira eficaz em suas práticas pedagógicas. A formação contínua, que inclui a troca de experiências e o acesso a novos materiais e abordagens, é crucial para o sucesso dessa implementação. Ao estarem atualizados sobre as tendências e inovações no campo das histórias em quadrinhos, os educadores podem explorar esse recurso de maneira mais criativa e impactante. Além disso, a inclusão de ilustrações em materiais didáticos e o uso de HQs em plataformas

digitais ampliam o alcance e a eficácia da aprendizagem. As ilustrações não apenas enriquecem a experiência de leitura, mas também ajudam os alunos a fazer conexões importantes entre o texto e as imagens, facilitando a compreensão de conteúdos diversos. Essa interação entre texto e imagem é especialmente valiosa para alunos com dificuldades de aprendizado, pois as ilustrações podem servir como suportes visuais que auxiliam na decodificação de informações e na construção do significado.

É também digno de nota que as HQs podem ser uma ferramenta poderosa para abordar temas transversais, como diversidade, cidadania e questões sociais. Ao inserir essas discussões nas aulas, os educadores têm a oportunidade de cultivar um ambiente de reflexão crítica, onde os alunos são encorajados a pensar sobre sua realidade e a desenvolver uma postura ativa e responsável.

Essa abordagem não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados socialmente. Entretanto, a implementação das HQs na educação deve ser feita com cautela e atenção às especificidades de cada grupo de alunos. A seleção cuidadosa de materiais adequados, que respeitem a faixa etária e os interesses dos estudantes, é fundamental para garantir que as histórias em quadrinhos cumpram seu papel educativo de maneira eficaz.

A personalização das atividades e o reconhecimento das diferentes formas de aprendizagem presentes na sala de aula são essenciais para que todos os alunos possam se beneficiar do uso das HQs. Em suma, as histórias em quadrinhos representam uma abordagem inovadora e multifacetada no campo da educação, capaz de transformar o ambiente escolar em um espaço de aprendizado mais engajante e colaborativo.

Ao integrar criatividade, diversão e conteúdo educacional, as HQs não apenas estimulam a participação ativa dos alunos, mas também contribuem para a formação integral dos estudantes, preparando-os para um futuro em constante mudança. O uso consciente e crítico das histórias em quadrinhos na educação é uma estratégia promissora que merece ser explorada e valorizada por

educadores, gestores e formuladores de políticas educacionais.

BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA, J. M. de. **Quadrinhos na sala de aula: uma proposta pedagógica**. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

ALMEIDA, J. M. (2019). **Histórias em quadrinhos e educação: práticas e reflexões**. Revista Brasileira de Educação, v. 24, n. 77, p. 295-312.

ANDRADE, M.; RIBEIRO, F. (2018). **A motivação na leitura: reflexões sobre a prática pedagógica**. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 73, p. 15-30.

BÉNÉFICE, E. et al. (2020). **The role of illustrations in the reading comprehension of children with dyslexia**. Reading Psychology, v. 41, n. 1, p. 66- 89.

BRIGGS, A.; WEIR, K. (2020). **Illustrations and text: The interplay of visual and verbal information in children's books**. Journal of Educational Psychology, v. 112, n. 3, p. 516-528.

CAMPOS, R.; SILVA, A. (2020). **A importância das ilustrações na aprendizagem: um estudo sobre o uso de livros ilustrados na educação infantil**. Educação e Pesquisa, v. 46, n. 2, p. 271-288.

CAMPOS, T. R. (2022). **O impacto das histórias em quadrinhos no aprendizado de alunos do ensino fundamental**. Revista Brasileira de Educação, v. 27, n. 84, p. 45-61.

COSTA, A. P. (2020). **Lúdico e inclusão: potencialidades das histórias em quadrinhos na educação**. Educação e Pesquisa, v. 46, n. 3, p. 549-564.

FREITAS, M. P. (2018). **A utilização de quadrinhos em sala de aula: práticas de ensino e aprendizagem**. Cadernos de Educação, v. 11, n. 1, p. 37-52.

GOMES, L. C. (2018). **Formação de professores e o uso de quadrinhos na educação**. Educação e Pesquisa, v. 44, n. 2, p. 227-245.

HENRIQUE, A. P. (2018). **Interdisciplinaridade e histórias em quadrinhos: uma proposta de ensino**. Educação e Linguagem, v. 21, n. 1, p. 100-114.

KOSS, M.; BRUNNER, C. (2017). **The impact of visual information on reading comprehension: Evidence from eye-tracking studies.** Journal of Literacy Research, v. 49, n. 3, p. 276-299.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. (2006). **Reading images: The grammar of visual design.** London: Routledge.

LIMA, R.; CAVALCANTE, M. (2021). **Ilustrações em livros didáticos: contribuições para a compreensão de conteúdos.** Cadernos de Educação, v. 10, n. 2, p. 45-60.

LOURO, G. (2019). **Diversidade e inclusão através dos quadrinhos na educação.** Brasília: Editora Universitária.

MARTINS, F. (2015). **O uso de histórias em quadrinhos no ensino de literatura.** Caderno de Letras, v. 7, n. 1, p. 78-93.

MARTINS, F. (2018). **Quadrinhos e formação de leitores: um estudo sobre o uso das histórias em quadrinhos no ensino.** Revista Brasileira de Literatura, v. 16, n. 1, p. 45-63.

MAYER, R. E. (2014). **The Cambridge handbook of multimedia learning.** Cambridge: Cambridge University Press.

MOURA, R. (2019). **O impacto das atividades lúdicas no aprendizado de alunos do ensino fundamental.** Revista de Estudos e Práticas Educacionais, v. 5, n. 2, p. 155-170.

NASCIMENTO, L. (2021). **Criatividade e autoria na produção de quadrinhos: um estudo com estudantes do ensino médio.** Revista de Criatividade e Educação, v. 9, n. 1, p. 88-102.

OLIVEIRA, L.; SANTOS, P. (2019). **A influência das ilustrações na aprendizagem: um estudo em contexto escolar.** Revista Brasileira de Psicologia Escolar, v. 24, n. 1, p. 79-92.

PEREIRA, R. S. (2021). **A leitura de HQs em plataformas digitais: novos desafios e oportunidades.** Revista Digital de Educação, v. 14, n. 3, p. 200-215.

REIS, T. (2022). **Jogos educativos e histórias em quadrinhos: uma proposta lúdica para a educação.** Revista Digital de Educação, v. 14, n. 1, p. 50-65.

RIBEIRO, M. A. (2017). **Criatividade e produção de histórias em quadrinhos: um estudo com alunos do ensino médio.** Revista Brasileira de Criatividade, v. 9, n. 2,

p. 32-50. SILVA, A.;

LOPES, M. (2020). **A prática do lúdico no ensino de literatura: o papel das histórias em quadrinhos.** Educação e Linguagem, v. 12, n. 2, p. 123- 140.

SILVA, A.; MARTINS, J. (2019). **O papel das imagens na leitura: uma análise das interações entre texto e ilustração.** Revista de Estudos da Linguagem, v. 27, n. 1, p. 90-105.

WILKINSON, I.; HALLETT, D. (2019). **The effects of illustrations on reading comprehension and recall in children.** International Journal of Educational Research, v. 95, p. 88-98.

VAN DEN BROEK, P. et al. (2016). **The role of illustrations in the construction of meaning during reading.** Discourse Processes, v. 53, n. 5, p. 409-427.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

A LUDICIDADE COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

FABIANA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Eixo: Ludicidade

Resumo

A importância da ludicidade na intervenção do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem, nos faz refletir sobre a importância de uma aprendizagem significativa para a criança, reforça as contribuições da ludicidade como instrumento de investigação e possibilidade de mediar a construção do conhecimento, apontando as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: : Educação Infantil, Aprendizagem, Ludicidade

ABSTRACT:

This scientific article is a partial requirement for obtaining and seeks to elucidate the importance of playfulness in the intervention of the psychopedagogue in the face of learning difficulties, it makes us reflect on the importance of a meaningful learning for the child. It reinforces the contributions of playfulness as a research tool and a possibility to mediate the construction of

knowledge, pointing out the learning difficulties.

Keywords: : Early Childhood Education, Learning, Playfulness

1 INTRODUÇÃO

. Com o intuito de alfabetizar, muitos professores tornam a alfabetização como algo ruim, desinteressante e monótono, ao invés de utilizarem-se de metodologias que estimulem esse processo de forma prazerosa despertando assim o interesse da criança pela leitura e escrita, com o objetivo realizar uma investigação com o foco na contribuição da ludicidade na intervenção do psicopedagogo, em crianças em fase de alfabetização, período esse em que as crianças começam a codificar e decodificar a escrita, a leitura, compreender suas funções; visa um olhar crítico para a ludicidade, como forma de desenvolver o aprendizado através de jogos, brincadeiras, vindo assim investigar a ludicidade como ferramenta utilizada na intervenção do psicopedagogo.

Diante dessa problemática o assunto, as questões levantadas e os objetivos da pesquisa. Em seguida apresentarei o conceito teórico de alfabetização e ludicidade, fazendo uma relação com a prática vivenciada no estágio supervisionado e pesquisa de teorias a importância do lúdico na alfabetização e na intervenção psicopedagógica, estimulando as crianças a serem autônomas e construtoras do seu próprio conhecimento de forma prazerosa e descontraída.

Com a nova proposta do Ministério da Educação (MEC), o ensino de 9 anos, as crianças ingressam mais cedo na escola de ensino fundamental, com 6 anos de idade crianças vêm de uma vivência na Educação Infantil, em que não tinham a obrigatoriedade de aprenderem a ler e a escrever, a alfabetização era feita de forma representativa e lúdica é algo muito presente no cotidiano das crianças, havendo assim necessidade de valorizá-la no processo de introdução da alfabetização.

A importância do atendimento psicopedagógico considerando a faixa etária e a necessidade de proporcionar momentos de ludicidade, interação com o meio a Psicopedagogia busca respostas para a dificuldade de aprendizagem em suas formas patológica ou normal compreender, estudar e intervir no processo de aprendizagem do indivíduo.

Partindo das hipóteses a serem levantadas nesse processo de investigação, unindo a teoria e prática, poderei assim, fazer um link entre as contribuições que a ludicidade traz para a intervenção do psicopedagogo através de jogos e brincadeiras. Citarei referenciais teóricos diferentes para que a comparação entre eles nos apresente uma discussão ao redor do assunto.

A Alfabetização, antes vista como uma ação mecanicista de codificação decodificação, com o passar do tempo, vem sendo colocada como função social, não basta saber codificar/decodificar é necessário que se aprenda fazer uso da escrita e da leitura de modo que as mesmas tenham valor social.

Segundo Ferreiro (1996, p.24):

“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Muitos educadores utilizam-se de métodos de alfabetização tradicionais pautados em transmissão de conhecimentos, utilizando-se de atividades mecânicas

como cópias e reproduções de textos. De acordo com Carbonari e Silva (2001):

[...] a cópia assim como a leitura oral origina-se a partir de estímulos textuais, e da maneira como vem sendo instituída e utilizada dentro das salas de aula ambas se configuram em reprodução textual, uma motora e outra sonora. O que é restritivo e pontual na concepção de alfabetização apenas como codificação e decodificação de signos. (Silva e Carbonari, 2001, p.97)

Dá-se ai a importância de um ambiente alfabetizador, acolhedor que estimule as crianças a construir conhecimento partindo de vivências reais e prazerosas o brincar deve ser considerado desde a mais precoce infância através do brincar a criança criará laços de com o meio externo, obtendo laços afetivos com o outro, desenvolvendo ações individuais e coletivas desenvolvendo autonomia e socialização a dificuldade de aprendizagem pode se dar por não se considerar a criança como ser único e em transformação, buscando meios e intervenções diferentes para que avance, respeitando sempre seu tempo, meio e sua cultura, elaborar intervenções que estejam de acordo com o contexto da criança.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a interação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006, p.110).

O processo de aquisição da leitura e escrita, como é citado no RCNEI, 1998, p.153, v.3, as atividades permanentes nessa fase são a leitura de diversas fontes de informação, gêneros e autores jornal, livros de histórias infantis, histórias em quadrinhos etc.; jogo de escrita, como letra móvel, caça

palavras, força, brincadeiras de faz de conta, nos ambientes interiores e exteriores da instituição, fazendo novas formas de interação da linguagem, organização de diversos materiais para que do jogo simbólico, possa obter um resultado como: livros de receitas, blocos de anotações etc.

Segundo Kato:

[...] a função da escola é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. (1986 apud FARIA e MELLO, 2005, p.07)

Segundo PIAGET (1971), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico, ela precisa brincar para crescer as atividades lúdicas segundo Vygostky (1984, p. 29), reforçam o potencial associativo da criança, em função de proporcionar a possibilidade de estabelecimento de situações reais e imaginárias, ajudando a criança a viver processos reais, por meio de adequação de sistemas estabelecidos em atividades simbólicas. A partir daí começam a entender o real, separando assim o que é imaginação, fazendo assimilações.

É através da ludicidade que ela desenvolve não só a imaginação, mas também desenvolve afetos, elabora conflitos e ansiedade, explora habilidades e à medida que assume múltiplos papéis, fecunda competência cognitivas e interativas (ANTUNES,2004)

Na intervenção psicopedagógica a ludicidade serve com facilitadora no processo de ensino aprendizagem, pois através do lúdico a criança absorve conhecimentos e torna-os significativos.

Pelo lúdico a criança faz 'ciência', pois trabalha com imaginação e

produz uma forma complexa de compreensão e reformulação de sua experiência cotidiana. Ao combinar informações e percepções da realidade, problematiza, tornando-se criadora e construtora de novos conhecimentos (RONCA; TERZI, 1995, p. 98).

Segundo Passerino (1998) apud Moratori (2003) os objetivos indiretos que as atividades lúdicas podem propiciar as crianças são: memória (visual, auditiva, cinestésica); orientação temporal e espacial (em duas e três dimensões); coordenação motora visomanual (ampla e fina); percepção auditiva, percepção visual (tamanho, cor, detalhes, forma, posição, lateralidade, complementação), raciocínio lógico-matemático, expressão linguística (oral e escrita), planejamento e organização.

Segundo Berni:

[...] a fundamental responsabilidade dos educadores no ambiente escolar: o desenvolvimento dos alunos através da aprendizagem que vai se dar pela mediação. Observando e investigando os conhecimentos que os alunos trazem à escola, o professor deve intervir para reorganizar tal conhecimento, os elevando a outro patamar (BERNI, 2006, p.253)

Incluir a ludicidade através de jogos, brincadeiras, músicas, atividades direcionadas e intencionalizadas para despertar o interesse pela leitura e escrita de forma prazerosa. De acordo com Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI):

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes materiais adequados, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

. Segundo Cancian:

“Se no primeiro momento há toda uma ênfase na teoria, no segundo momento a ênfase recai na prática. Se no primeiro momento o professor é uma espécie de espectador diante do que se propõe, no segundo momento ele passa a ser verdadeiramente um ator, que reflete, que questiona, que busca novas alternativas, o que implica, muitas vezes, numa reformulação daquilo que havia sido aprendido no momento anterior. A aprendizagem, nesse segundo momento, se renova e se amplia sob o comando da experiência, ou seja, à luz dos desafios concretos com que o docente se depara no cotidiano de sua prática”. (2000, p. 72)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observar que o ensino na sala de aula, quando é feito de forma tradicional, utilizando-se livros didáticos, cópias de textos, atividades mecânicas, não considerando os conhecimentos prévios e o meio em que a criança está inserida, procedimentos como esses causam aversão à alfabetização e ao conhecimento.

A criança ao ingressar no ensino fundamental com 6 anos as crianças não têm maturidade para construir o conhecimento de forma tradicional, a alfabetização nesse caso torna-se um entrave, causando traumas psicológicos e dificuldades de aprendizagem ,quando a aula é planejada levando em consideração a ludicidade, os conhecimentos prévios, a cultura, a singularidade que cada criança traz, o aprendizado se dá de maneira prazerosa.

A necessidade de interação com outro é muito evidente entre as crianças, quando o professor propicia esses momentos às crianças estabelecem vínculos entre a imaginação e a realidade, tornando-se capazes absorver os conteúdos sistemáticos tornando-os significativos.

O professor faz uma brincadeira para ensinar o alfabeto, a criança

internaliza esse aprendizado, pois o professor o apresentou de uma maneira que para a criança foi especial e significativo as atividades lúdicas em sala de aula devem ter como objetivo o ensino-aprendizagem, sendo utilizada como ferramenta facilitadora na construção do conhecimento com uma intencionalidade pedagógica de aprendizagem são apontadas como a falta de capacidade que os indivíduos têm de realizar determinada tarefa, os quais são encaminhados para acompanhamento psicopedagógico.

A ludicidade é uma questão importante a ser discutida na educação, pois através da ludicidade a criança desenvolve raciocínio lógico, cognitivo e emocional. É nas representações apresentadas nas brincadeiras, na interação com o outro, nos contextos de ludicidade que a criança se apropria do conhecimento de forma prazerosa ,sendo de extrema importância no desenvolvimento cognitivo, psicológico e social da criança despertando assim a criança para ser ativa em seu processo de alfabetização

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. Uma nova concepção sobre o papel do brincar. Páginas abertas, ano 29, n.21. P.34-5, 2004.
- BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. Mediação: um conceito central na teoria de Vygtsky. São Paulo, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.
- CANCIAN, A. K. Uma prática colaborativa entre professores e pesquisadores. Anais do IV EBRAPEM, UNESP, Rio Claro, 2000
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (org). O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.
- LOPES, V. G. Linguagem do Corpo e Movimento. Curitiba, PR. FAEL, 2006.

LUCENA, M. D. S. Planejamento estratégico e gestão do desempenho por resultados. São Paulo: Atlas, 2004.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo. São Paulo: Zandar, 1971.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA INFÂNCIA DE CRIANÇAS AUTISTAS

ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA

Eixo: Inclusão

Resumo

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados pela escola da atualidade, um número significativo de crianças com dificuldades de aprendizagem, são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança. Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia

1 INTRODUÇÃO

A ampliação dos saberes e das práticas educativas com vistas à identificação dos problemas de aprendizagem escolar na pré-escola e as possíveis intervenções especializadas, que levem a recuperação de aprendizagens fragilizadas e evitem um fracasso escolar nas séries futuras, configuram-se como questões fundamentais nas discussões epistemológicas da educação.

No campo interventivo, a psicopedagogia desponta como campo epistemológico do saber, advindo da leitura integrada entre pedagogia, psicologia, psicopedagogia e trabalho clínico, a relação estabelecida entre o cérebro e a aprendizagem, como vias dúbias no processo cognitivo estudos abrangem um vasto conhecimento das bases neurológicas da aprendizagem e do comportamento humano, por meio de estímulos contextuais que deem respostas positivas ao processo de formação do indivíduo, tomando como foco as relações intrínsecas entre atenção, funções motoras, linguagem, memória, cognição e aspectos emocionais, psicológicos e cerebrais.

A natureza do ser humano é marcada pela individualidade e “cada criança é diferente, mas se detectada precocemente e devidamente ajudada, pode vir a ser um adulto sem problemas” (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 01).

Partindo desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a criança constrói.

Mediante a emergência da educação na atualidade, o estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a

urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica.

Este estudo justifica-se pela relevância dada ao trabalho docente e às dificuldades de aprendizagem na pré-escola, buscando construir um referencial teórico reflexivo para o pensar e o repensar às práticas e ações neste âmbito, contribuindo, assim, para que as intervenções psicomotoras sejam compreendidas, planejadas, articuladas e desenvolvidas, como fator positivo no desenvolvimento integral da criança atendida por esse segmento da Educação Infantil,

Segundo Vygotsky (2003), nos mostra que o ambiente externo interage diretamente no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, dessa maneira acredita-se que o contato das mesmas com a cultura que a rodeia seja um elemento fundamental para o seu crescimento saudável compreender a importância da música na infância e verificar as contribuições que o ensino da mesma, e como essa musicalização interfere no desenvolvimento da criança diante deste, buscou-se: apresentar a teoria e a prática da musicalização no ensino aprendizagem; discutir sobre como a música pode contribuir para o desenvolvimento da criança; verificar como esta pode promover a sociabilidade e a expressividade do aluno e promover reflexões sobre a música nas escolas e sociedade.

A música tem um grande poder de interação e desde muito cedo adquire grande relevância na vida de uma criança despertando sensações diversas, tornando-se uma das formas de linguagem muito apreciada por facilitar a aprendizagem e instigar a memória das pessoas, desde o nascimento que o ser humano mostra suas necessidades de comunicação, interagir com a sociedade essa necessidade se inicia no ventre da sua mãe, onde é criada uma relação de afeto, estabelecendo formas de comunicação entre a mãe e a criança, através de simples gestos.

Segundo Andrade (1980):

Tudo que é caracteristicamente humano depende da linguagem.

O ser humano é, em primeira instância, o animal falante.

O discurso representa o mais essencial – mas não o único – papel no desenvolvimento e na preservação da identidade humana e de suas aberrações, assim como faz no desenvolvimento e na manutenção da sociedade e de suas aberrações.

O som uma vez produzido, tanto por instrumentos, objetos ou pelo corpo como palmas, pode transportar os educandos para um mundo vasto de aprendizado, em que a intensidade deste seguimento varia de acordo com as diversidades individuais, no espaço escolar, principalmente nas séries iniciais as crianças passam a desenvolver suas perspectivas intelectuais, motores, linguísticas e psicomotoras. Mas, a música também deveria ser praticada como matéria em si, como linguagem artística, forma de cultura e expressão deve ampliar o conhecimento do aluno, favorecendo a convivência com os diferentes gêneros musicais, apresentando novos estilos, proporcionando um diagnóstico reflexivo do que lhe é apresentado, permitindo que o aluno torne-se um ser crítico.

Conforme GAIO (2000, p.45):

Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar (inibição psicomotora, debilidade psicomotora, instabilidade psicomotora, etc.). Por isso é tão importante a escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento.

2 DESENVOLVIMENTO

As performances musicais executadas na escola não serão voltadas exclusivamente para a formação de músicos, e sim, através da prática e percepção da linguagem musical, proporcionar a abertura dos canais sensoriais (visual, auditivo e sinestésicos), facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura e contribuindo para a formação total do cidadão na educação infantil, a base da aprendizagem escolar, que aspectos determinantes na vida escolar da criança são definidos. Um ensino de qualidade, comprometido pela aprendizagem sólida é tarefa atribuída à escola que dentro de seus diferentes tempos e espaços deve agregar conceitos que promovam uma educação ao alcance de todos, compreendendo que esta dimensão é composta pela diferença de ritmos e estilos de aprendizagem, modos culturais diversos e condições sócio-históricas que podem favorecer a um quadro de ineficiência às demandas do ensino.

A escola juntamente a uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, assistentes sociais etc.) precisa pensar em diferentes estratégias articuladas ao mundo particular da criança (a família), que venham a sanar estas dificuldades, esta ordem de procedimentos não seja respeitada com rigor, uma simples dificuldade, às vezes transitória, pode transformar-se em um problema sério, que acarretará no fracasso escolar da criança.

Nas palavras de Garcia (1997, p. 51): "a escola antecipa o fracasso social através de seleção, rotulação, discriminação e exclusão, apesar do seu discurso democratizante. O fracasso escolar vem sendo o primeiro degrau na escalada para o fracasso social e para a manutenção do *status quo*".

Com trabalhos reconhecidos neste campo do conhecimento, Fonseca (1995, p. 43) e Smith e Strick (2001, p. 15) apontam para conceitos de Dificuldades de Aprendizagem, que se coadunam, respectivamente:

[...] uma desarmonia no desenvolvimento, normalmente caracterizada por uma imaturidade psicomotora que inclui perturbações nos processos receptivos, integrativos e expressivos da atividade simbólica; e que traduz uma irregularidade biopsicossocial do desenvolvimento global e dialético da criança, que normalmente envolve na maioria dos casos: problemas de lateralização, de praxia ideomotora, deficiente estruturação perceptivo-motora, dificuldades de orientação espacial e sucessão temporal e psicomotora, que impede a

ligação entre os elementos constituintes da linguagem e as formas concretas de expressão que os simbolizam.

[...] dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos destas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto por seus ambientes domésticos e escolares.

É nesta fase que a criança está construindo as bases cognitivas e emocionais do desenvolvimento, como a coordenação motora fina, orientação espacial, comportamentos sociais de organização pessoal, respeito ao próximo, limites, responsabilidades e independência, entre outras características determinantes para uma formação e aprendizagem equilibradas, e que, por isso, requer uma atenção criteriosa a perspectiva de Correia e Martins (2006), nas series iniciais da educação infantil, as dificuldades de aprendizagem são identificadas em crianças que não conseguem alcançar resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidade numa ou de sete áreas específicas, mesmo que esteja sendo estimulada pelo trabalho da escola e da família, neste caso, portanto, há a presença de dificuldade de aprendizagem acentuada, o que suscita uma intervenção pedagógica específica.

Correia e Martins (2006) *apud* Arranca (2007, p. 10) apontam para as principais dificuldades de aprendizagem identificadas ainda na pré-escola:

- dislexia com dificuldade no processamento da linguagem, cujo impacto se reflete na leitura e na escrita;
- displaxia com dificuldade de planificação e coordenação motora;
- disgrafia com a dificuldade na escrita;
- discalculia com a dificuldade de realização de cálculos matemáticos;
- discriminação auditiva com a capacidade ou não de perceber as diferenças entre sons;

- dificuldades de percepção visual como as dificuldades de observar pormenores e dar significado ao que é observado;
- desordem por déficit de atenção e hiperatividade que caracterizada por diferentes estados de desatenção e impulsividade condicionam a aprendizagem.

As dificuldades da aprendizagem que surgem na educação infantil apresentam características próprias, que requerem um estudo e intervenção diferenciada daquela direcionada às crianças maiores, as quais frequentam os níveis mais avançados da educação básica, como o ensino fundamental o educador deve buscar conhecer seu aluno para que saiba como cada um aprende e compreende os mecanismos de assimilação do conhecimento, e a partir daí, procurar meios e recursos que envolvam as possibilidades de aprendizagem de cada criança, intervindo nas situações de maior dificuldade que ela apresentar, através de estratégias dinâmicas, que atendam a todas, de forma democrática e inclusiva.

As múltiplas competências docentes devem ser construídas por meio de uma formação polivalente, que permita o desenvolvimento de uma prática pedagógica favorável à aprendizagem dos alunos, "[...] comprometida com a prática educacional, capazes de responder às demandas familiares e das crianças, assim como as questões específicas relativas aos cuidados e aprendizagens infantis". (BRASIL, 1v., p. 41).

O olhar atento e perspicaz, tanto do profissional docente como do psicopedagogo, deve orientar as crianças pelos variados caminhos de aprendizagem, motivando-as, criando e recriando os sentidos da aprendizagem, de modo a superar as dificuldades e promover uma aprendizagem de forma

ajustada, assegurando o desenvolvimento de atitudes, de criticidade, diálogo, descoberta e inserção no mundo.

"A paciência, o apoio e o encorajamento prestado pelo professor serão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar do aluno, abrindo-lhe novas perspectivas para o futuro" (CORREIA e MARTINS, 2006, p. 23), pois quando os professores são destituídos de uma bagagem de referências que os capacitem a desenvolverem uma prática pedagógica intencional, que atenda as necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, eles podem representar um grande problema de ordem sociocultural, na medida em que suas ações ineficazes não potencializam aprendizagens significativas, aumentando ainda mais o problema da criança.

As causas da não aprendizagem têm despontado na lista dos principais problemas enfrentados, um número significativo de crianças Especiais, são identificadas ainda na educação infantil, e se não houver uma intervenção eficaz, essas dificuldades se estenderão para o ensino fundamental e, possivelmente, por toda vida estudantil da criança. Assim, objetiva analisar de que forma as dificuldades de aprendizagem que surgem na educação infantil podem contribuir para a construção do fracasso na vida escolar da criança, caso não haja uma intervenção eficiente.

O comportamento dos alunos pensando em algumas alternativas mais adequadas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica, focando na utilização de tecnologias assistivas que é de extrema relevância, ao levarmos em consideração os desafios encontrados em sala de aula com a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Será que os professores estão preparados para trabalhar com este aluno, o que é autismo, como podemos desenvolver atividades que auxiliará este aluno no seu processo de ensino aprendizagem.

O poder transformador da arte, ainda que da forma mais genuína, é sem dúvidas a grande possibilidade de transformação do cidadão pensar em

arteterapia e as diferentes formas de arte no contexto escolar, envolvendo as múltiplas competências e habilidades que podemos desenvolver na produção artística sobretudo na apreciação, na investigação e na contextualização dos processos educacionais e experimentais em arte, recorrendo-se a arte como ferramenta terapêutica, de cura e de autoconhecimento é uma grande maneira e indispensável ver a arte como uma forma de transformar a sociedade .

Numa abordagem fenomenológica:

*acolher o outro - o diferente, o fragmentado e cristalizado, o descrente de si próprio e o ferido - respeitando suas singularidades;

*abrir espaços para que eles possam se revelar criadores, reconhecendo-se como sujeitos construtores de si próprios e de seu conhecimento;

*possibilitar diálogos entre aqueles envolvidos com a dinâmica relacional, proporcionando diferentes formas de contato com o mundo, interno e externo, integrando o “pensar” e “emocionar” (Arteterapia no Contexto Educacional e Psicopedagógico).

“A tentativa de definir a arteterapia dando significado a cada um dos termos que a compõem é arriscado: a conceituação de ambas as palavras se mostra árdua, sua síntese impossível e a e a adição pouco eufônica. Vinda de campos distintos, esta disciplina aparece assim como uma espécie estranha. Porém, analisando a sua dupla origem, é possível mostrar que o termo “arteterapia” se ajusta a uma época histórica e a uma intenção social, e que o desenvolvimento da disciplina dependerá das respectivas mudanças constatadas no campo da arte e da psicoterapia”(Sara Paín Os fundamentos da arteterapia).

Tendo em vista as questões de incertezas, caos, crises sanitárias, ambientais, políticas e econômicas que a sociedade de modo geral está enfrentando, a arte, suas múltiplas funções e concepções faz com a sociedade

enxergue -a como meio de aliviar, contextualizar e sem dúvida preencher a alma . Ao contextualizar a Arteterapia é possível conscientizar, discutir, refletir, protestar e fazer denúncias sociais. Hoje mais do que nunca vimos o quão importante a arte pode ser para o enfrentamento das dificuldades, sejam elas corriqueiras ou dificuldades instaladas ao considerarmos a educação como um processo de transformação de indivíduos por meio das diferentes trocas entre eles em seu percurso sistêmicos de aprendizagem, podemos dizer que as potencialidades da arteterapia possibilita enxergar as pessoas em seus pequenos detalhes de forma humanizada e acolhedora, resgatando, valorizando e ressignificando a vida para que possamos lidar com as nossas questões de forma harmoniosa e assertiva.

O processo de autoconhecimento a arteterapia é de fundamental importância, pois ela ajudará o paciente ou aluno no desenvolvimento de suas potencialidades humanas e na autonomia para construção de uma vida que busca em todos os sentidos o bem-estar estabelecer vínculos com a arte e a música proporcionam melhoria significativa em alunos e pacientes com problemas neurológicos e depressivos, a arte por muitas vezes foi vista como terapia.

3 CONCLUSÃO

E preciso considerar que o uso das novas tecnologias pode contribuir para novas práticas pedagógicas desde que seja baseado em novas concepções de conhecimento, de aluno, de professor, transformando uma série de elementos que compõem o processo de ensino-aprendizagem. é uma tecnologia educacional, reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC), que oferece escolaridade básica, atua na solução de problemas educacionais que impactam nas avaliações nacionais, como: distorção idade e série, evasão escolar e defasagem na aprendizagem.

O processo de aprendizagem e democratizá-lo, há questões profundas a respeito da qualidade do ensino e o fato do programa visar à formação industrial a fim de suprir uma necessidade de mão de obra trabalhadora qualificada, uma discussão que não nos cabe aqui neste momento, visou identificar o movimento educacional no processo de aprendizagem voltadas a psicopedagogia.

Partindo desta realidade, entende-se que todos os alunos são diferentes, tanto em capacidades, quanto em motivações, interesses, ritmos evolutivos e estilos de aprendizagem; e todas as dificuldades de aprendizagem são em si mesmas, contextuais e relativas, por isso é necessário intervir no processo mediante a emergência da educação na atualidade, o estudo foi realizado como meio de constatar se a mesma pode direcionar de forma eficaz a aprendizagem infantil, tendo também em vista a necessidade de refletir sobre a urgência de disseminar suas potencialidades, fundamentando a pesquisa educacional baseada em metodologia científica, a escola precisa pensar em diferentes estratégias articuladas ao mundo particular da criança (a família), que venham a sanar estas dificuldades, esta ordem de procedimentos não seja respeitada com rigor, uma simples dificuldade, às vezes transitória, pode transformar.

4 REFERÊNCIAS

BLAKEMORE, S. J.; FRITH, U. **O cérebro que aprende**. Lisboa: Gradiva, 2009.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Contribuições a Partir da Prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

_____. Decreto n. 6.571/2008. Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao decreto n. 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 set. 2008. 1 p.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldades de aprendizagem**: que são? Como entendê-las? Porto: Porto Editora, 2006.

FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

FUSARI, M F. **A arte na Educação Escolar** .São Paulo -Cortez Editora 2000

GAIO, Roberta, MENEGHETTI, Rosa G. Krob. Caminhos Pedagógicos da Educação Especial, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Disponível em: <<http://www.faesi.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/238-a-musica-como-recurso-pedagogico-no-contexto-da-educacao-especial>>. Acesso em: 20/10/ 2024

GARCIA, R. L. **A educação numa plataforma de economia solidária**. In: **Propostas** - Revista trimestral de debate da FASE. Rio de Janeiro: Ano 26, n. 74. set./out./nov., 1997.

MALUF, M. I. **Entenda mais sobre a Dificuldade de Aprendizagem em crianças**. Publicado em 27 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.anitamulher.com.br/anita/entenda-mais-sobre-a-dificuldade-deaprendizagem-em-criancas/>>. Acesso em: 27/10/ 2024

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento pedagógico. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

LUGAR DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NA GESTÃO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA

Eixo: Gestão Escolar

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo principal refletir se o ambiente de trabalho e as situações em sala de aula interferem na prática do professor, qualidade de ensino e saúde do educador. Argumenta-se que é crescente o número de professores que apresentam problemas de saúde e que alegam estarem estes atrelados ao ambiente de trabalho desfavorável, este trabalho procura entender como o ambiente de trabalho pode influenciar na qualidade do ensino e qual o papel do gestor nessa situação.

Palavras-chave : Docência. Ambiente Escolar. Gestão. Qualidade Educacional

ABSTRACT:

That educational policy, curriculum and pedagogical practice articulate the educational work carried out by the school and the family, the development of modern society corresponds to the process in which education passes from individual teaching given in the domestic space by preceptors for the collective teaching given in public spaces called schools, thus, the systematized education proper to school institutions tends to become generalized, imposing, as a consequence, the requirement to also systematize the functioning of these institutions, giving rise to organized educational systems, within the scope educational, democratic management has been defended as

a dynamic to be implemented in school units, aiming to guarantee collective processes of participation and decision,

Key words: Democratic Management, Pedagogical Practices

1 INTRODUÇÃO

Visualizar perspectivas para problemas do cotidiano escolar, ampliar visões de mundo e transformar práticas pedagógicas foi o legado deste curso. Este trabalho tem como objetivo geral refletir se o ambiente de trabalho e as situações em sala de aula interferem na prática do professor, qualidade de ensino e saúde do educador.

Diante dos objetivos acima descritos foram levantadas as seguintes hipóteses: as situações de agressividade dos alunos refletem negativamente na saúde dos educadores e prejudicam as atividades educacionais? Um dos motivos do afastamento para tratamento de saúde são as situações de agressividade vivenciadas em sala de aula?

Passamos muitas horas de nossos dias na escola. Entretanto, muitos profissionais estão desanimados com a atual conjuntura educacional e com o próprio ambiente onde trabalham. Indisciplina, violência, participação dos pais, ações dos gestores, são assuntos recorrentes e que afetam a prática em sala de aula.

Este trabalho apresenta um olhar e uma reflexão sobre o papel da escola, seus atores, principais agentes na construção do ambiente de trabalho e a relação destes com a violência, especialmente nas salas de aula. Discute também a difícil relação entre docência, saúde do profissional e qualidade educacional, para que possamos entender como o ambiente de trabalho pode influenciar na qualidade do ensino e qual o papel do gestor nessa situação.

Sobre o ambiente e a organização escolar muitos educadores e mesmos estudiosos se perguntam sobre o papel da escola atualmente. Aquino (1996) é um destes estudiosos: O que estaria acontecendo com a educação brasileira atualmente? Qual o papel da escola para a sua clientela e seus agentes? Afinal

de contas, sua função primordial seria a de veicular os conteúdos classicamente preconizados ou tão somente conformar moralmente os sujeitos a determinadas regras de condutas? (Aquino, 1996, p.39 apud ZANDONATO, 2004, p.49).

A escola deixou de ser tradicionalista, onde cada um tinha seu papel bem estabelecido: gestores dirigiam e era autoridade máxima dentro da instituição. Aos professores destinava-se o papel de transmissores dos conhecimentos acumulados durante toda história humana. Sobre seu tablado e pedestal era autoridade incontestável e absoluta dentro da sala de aula. Possuíam e mantinham um “status”, e um distanciamento dos alunos. Os outros funcionários da escola: merendeiras, inspetores e faxineiras ocupavam um grupo intermediário que adotavam geralmente uma postura distante, porém mais próxima dos alunos. Seres passivos e recebedores do conhecimento, os alunos, hierarquicamente ocupavam uma posição de inferioridade respeitosa. Levantavam-se sempre que alguém entrava na sala de aula; faziam fila no pátio e esperavam seus professores. Enfileirados também na sala de aula, faziam lições que dependiam principalmente de memorização. Formavam teoricamente, grupos homogêneos e os “diferentes” eram excluídos da escola.

Entretanto, várias mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais ocorreram ao longo do século XX e transformaram todo o cenário escolar.

Segundo Abreu (2010):

É importante pontuar que foi a partir do século XX, que o ato de educar foi transferido por planejadores e políticos, da família para a Escola e hoje este processo tem se tornado cada vez mais natural. No entanto, o que observamos é que o processo não tornou a escola melhor, nem a educação dos alunos porque foi encarado como uma transferência de educação, e não um ato onde educar fosse visto como responsabilidade de ambos: tanto da família como da escola (ABREU, 2010, p.4).

Diante da nova situação, a organização escolar precisou ser transformada e seus atores deveriam rever seus papéis dentro da escola. Porém, as

transformações até hoje não aconteceram de fato. Algumas acomodações e ajustes foram feitas, mas não efetivamente transformaram o cenário escolar. Seus atores, entre o passado e o presente, ficaram perdidos em seus papéis, sem vislumbrarem perspectivas a curto e médio prazo. Assim muitos profissionais desestimulam-se, adoecem e até abandonam o magistério. Áquila (2009) lembra que “a sociedade atual se configura por incertezas medos, conflitos, confusão de valores, falta de ética e limite entre o que é certo ou errado, o que nos torna vulneráveis, inseguros, desconfiados e injustos”. (ÁQUILA et al, 2009, p.1705).

Complementando a idéia de Abreu acima descrita, Aquino (1996 a/b) defende que a escola não está preparada para trabalhar com os sujeitos (alunos) que recebem. Aponta assim que a escola passa a receber sujeitos não homogêneos, provindos de diferentes classes sociais, com diferentes historias de vida e com uma “bagagem” que, muitas vezes é negada pela escola (Aquino 1996 a/b apud ZANDONATO, 2004, p.33).

Áquila (2009) afirma que atualmente os jovens vivenciam uma cultura tecnológica com mudanças rápidas através de muitas informações que influenciam família e escola. Entretanto, Zandonato (2004, p.47) nos lembra de que “[...] não é raro nos depararmos com professores saudosos do tempo em que se tinha respeito na escola e em que os alunos eram educados, pois a família era severa, rigorosa na educação”. Eis o atual dilema da educação, o convívio harmonioso entre o passado e o presente. Assim, o desafio para os gestores: observar, refletir e operacionalizar a organização escolar e as relações interpessoais estabelecidas dentro do âmbito escolar, tornando-o um ambiente favorável à aprendizagem.

Apesar de ter uma dinâmica própria, a escola não é uma ilha. Está contida numa sociedade cada vez mais complexa, onde tudo é muito instantâneo e superficial. Onde as relações são momentâneas e em grande parte volúveis.

A escola é uma instituição onde relações sociais estão presentes a todo o momento. Assim, segundo Zandonato (2004, p.45) “como todos somos sujeitos institucionalizados, é compreensível e inegável a importância de estudarmos [...]”

a instituição e sua ação na vida de seus atores as relações podem ser positivas ou negativas dependendo da cultura escolar, do comprometimento dos agentes envolvidos no processo, na ênfase dada à cooperação, clareza de objetivos, consenso, dificuldades físicas, administrativas e humanas, dentre inúmeros outros aspectos e variáveis já que “[...] a escola é uma organização dotada de uma cultura e valores específicos”. (ÁQUILA et al, 2009, p.1705).

Conviver sempre foi difícil, mas na atualidade as diferenças são tantas que explodem conflitos e confrontos a todo instante. A escola torna-se então, muito mais que um lugar de adquirir conhecimentos, mas um território de disputas das diversidades.

Ressaltamos ainda que dentre os fatores importantes para um bom ambiente escolar estão às regras e normas, não as definidas arbitrária e autoritariamente, mas aquelas construídas por todos os agentes sociais nele envolvido. Regras e normas autoritárias podem causar insatisfações e injustiças e, esta em conjunto “[...] causam grandes tensões que geram conflitos interpessoais e possibilitam situações para as violências”. (ÁQUILA, et al, 2009, p.1707).

É sobre ela, a violência, que refletiremos a seguir. Assim como o papel da escola e a função de seus atores, a violência tem sido amplamente estudada. Defini-la não é tarefa fácil. Não acreditamos ser esta apenas o uso excessivo da força física, mas também a simbólica, como ficou conhecida a violência manifestada por signos e símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos que possam ser vistos como ameaça e coação.

Infelizmente, vivemos numa sociedade onde muitos atos reconhecidamente violentos passaram a serem considerados normais. Esta banalização traz consequências bastante serias à sociedade e à escola, já que esta se encontra inserida na sociedade.

Dentro da escola são comuns e cada vez maiores os casos de agressões físicas e psíquicas, talvez porque segundo Lanzoni (2008):

A violência tem todas as possibilidades de aparecer em um clima onde as normas sejam arbitrárias, elaboradas à margem da participação dos alunos/as,

inconsistentes e poucos claras, sem que os implicados em seu cumprimento saibam quando são obrigatórios os cumprimentos e quando podem não cumprir-se, porque não existe uma clara especificação de até aonde chega a liberdade individual e até aonde a liberdade de cada um deve reduzir-se em função do respeito aos direitos dos demais.

Por duas razões básicas: o marco cultural não oferece critério de referência para elaborar pautas claras de convivência e a inconsistência na aplicação das normas impede saber o que será considerado como correto e o que como incorreto. (Lanzoni, 2008, apud AQUILA et al, 2009, p.177).

Entretanto não acreditamos que apenas as normas e regras pouco ou nada claras sejam responsáveis pelos altos índices de violência no ambiente escolar. Todo um contexto sócio-político-cultural e econômico colaboram e até incentivam, como o tráfico de drogas, falta de perspectivas futuras, instabilidade social, falta de investimento em materiais e recursos humanos nas escolas públicas,

As modificações ocorridas na sociedade que as escolas ficaram vulneráveis à violência porque seus atores perderam o respeito e passaram a contestar a autoridade vigente. Neste caso o professor; ator mais próximo da relação aluno-escola os conflitos e embates de idéias são necessários para o crescimento pessoal e entendemos como Oliveira (2010, p.48) que “o ser humano descaracterizou o seu sentido real, transformando-o em uma forma de manifestação da violência”. Assim nas salas de aula os conflitos transformaram-se em confrontos, na maioria das vezes não de idéias, mas de poder e legitimação de autoridade, viabilizando discriminações, humilhações e preconceitos.

Ao que parece nem professores nem alunos sentem-se pertencentes ao ambiente escolar e principalmente sujeitos ativos do processo de ensinagem temos a impressão que para professores, a sala de aula tornou-se um fardo difícil e estafante de carregar e aos alunos, esta é o lugar da auto-afirmação, do convívio social, do entretenimento. Apenas um “point” como eles mesmos dizem.

Na sala de aula entendemos que alunos e professores são vítimas de um sistema perverso a democratização do ensino passou a oferecer a educação para todos, atendendo a necessidade de satisfazer a “quantidade”. Porém não garantiu seu aprendizado de forma digna, já que a grande massificação escolar prejudicou o trabalho educativo a gestão dos interesses e expectativas e a formação de indivíduos críticos e atuantes também foram prejudicadas. Perdem alunos e professores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é preciso que a escola repense urgentemente o seu papel em busca de formar cidadãos críticos, participativos e atuantes, orgulhosos de seu saber, capazes de solidarizar com o mundo exterior e serem capazes de enfrentar o mundo do trabalho como realização profissional através de atitudes de humanização e respeito ao próximo.

Pensando em um modelo de escola democrática, gestores e docentes devem proporcionar um espaço de interação de saberes e delegação de poder em prol da aprendizagem significativa do aluno. Pensar o trabalho coletivamente significa construir mediações capazes de garantir que os obstáculos não se constituam em imobilismo, que as diferenças não sejam impeditivas da ação educativa coerente, responsável e transformadora, contexto relacional implica em buscar o objetivo comum que é o desenvolvimento integral do aluno e do sucesso da escola através da implantação de um Projeto Político Pedagógico que traduza os interesses e anseios coletivos. com este olhar que procuramos compreender a ação pedagógica do gestor escolar, através do reconhecimento que a educação .

E essencialmente um ato de conhecimento e conscientização, mas que por si só, não leva uma sociedade a se libertar dos mecanismos opressores que norteiam a sociedade em gestação, para tanto, é necessário que o gestor assuma uma postura de compromisso aderindo o desafio da diversidade a serviço da comunidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editorial Vega/Universidade, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa, 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BRACHT, Valter (ET AL). **Pesquisa em ação: educação física escolar**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

BRASIL. **Lei n.º 9.394: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**.

Brasília: 20 de Dezembro de 1996.

JÚNIOR, Marcílio Souza & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p.391-408.

MATOS, Marcelo da Cunha. **A organização espacial escolar e sua influência nas aulas de Educação Física**. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 9., 2005, Niterói, RJ. *Anais...* Niterói, RJ: UFF, Departamento de Educação Física e Desportos, 2005. p.71-74.

SCHAFFEL, Sarita L. **A identidade profissional em questão**. In: CANDAU, Vera. M.^a (Org.). *Reinventar a escola*. 3.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.102-114.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. **Planejamento escolar e legitimidade da educação física após a regulamentação da profissão: profissional – indivíduo ou professor da categoria?** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 3, Número 3, 2004, p.77-88.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99, p.30-51.



UNIFICADA

Revista Multidisciplinar da FAUESP

e-ISSN: 2675-1186

A CULTURA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS ESCOLAS PÚBLICAS

ROBERTA HELLER DE CAMPOS MAIA

Eixo: CULTURA AFRO

Resumo

A política educacional, o currículo e a prática pedagógica articulam os trabalhos educacionais realizados pela escola e pela família, o desenvolvimento da sociedade moderna corresponde ao processo em que a educação passa do ensino individual ministrado no espaço doméstico por preceptores privados para o ensino coletivo ministrado em espaços públicos denominados escolas, assim, a educação sistematizada própria das instituições escolares tende a se generalizar impondo, em conseqüência, a exigência de se sistematizar também o funcionamento dessas instituições, dando origem aos sistemas educacionais organizados, no âmbito educacional, a gestão democrática tem sido defendida como dinâmica a ser efetivada nas unidades escolares, visando a garantir processos coletivos de participação e decisão,

Palavras – chaves: Gestão Democrática, Práticas Pedagógicas, Cultura Afro

ABSTRACT:

That educational policy, curriculum and pedagogical practice articulate the educational work carried out by the school and the family, the development of modern society corresponds to the process in which education passes from individual teaching given in the domestic space by preceptors for the collective teaching given in public spaces called schools, thus, the systematized education proper to school institutions tends to become generalized, imposing, as a consequence, the requirement to also systematize the functioning of these institutions, giving rise to organized educational

systems, within the scope educational, democratic management has been defended as a dynamic to be implemented in school units, aiming to guarantee collective processes of participation and decision,

Key words: Democratic Management, Pedagogical Practices

1 INTRODUÇÃO

Um projeto de gestão democrática implica na ruptura com modelos tradicionais de gerenciamento e impõe mudanças no âmbito das escolas e dos sistemas de ensino, a proposta de uma política democrática na educação é uma luta antiga que os educadores travam contra os modelos autoritários de gestão, entre as décadas de 1960 à 1980 o tema da participação e da democratização da gestão escolar.

Segundo GADOTTI (2001) nessa época, “experiências isoladas de gestão colegiada de escolas sempre existiram, mas não tiveram um impacto maior sobre os sistemas de ensino”. Ainda na década de 1980, o tema relacionado a democratização da gestão foi muito debatido na luta pela constituinte de 1988, data da promulgação da Constituição Brasileira que consagrou o princípio da “gestão democrática do ensino público”.

Na década de 1990, a gestão da escola e em especial o trabalho do gestor escolar também passou a ser objeto de debate entre os diferentes setores sociais os debates, embora não afinados a mesma perspectiva teórica e política, convergem, contudo, na importância atribuída à gestão da escola como instrumento para a promoção da qualidade na educação.as várias reformas educacionais implementadas desde a década de 1990, em vários países, pretenderam “modernizar” os sistemas educativos, o discurso da modernização das escolas não colocava em questão apenas sua eficácia; questionava de fato,

os princípios e finalidades da educação, em especial o seu caráter público e democrático.

Segundo FREIRE (2001) de nada adiantaria uma Lei de Gestão Democrática do Ensino Público que concede autonomia pedagógica, administrativa e financeira às escolas, se o gestor, professores, alunos, e demais atores do processo desconhecem o significado político da autonomia. O exercício desta autonomia não é dádiva, mas sim uma construção contínua, individual e coletiva, nesta perspectiva, efetivar uma gestão democrática implica na participação de todos os segmentos da comunidade escolar levando à construção de espaços dinâmicos, marcados pela diversidade e pelos distintos modos de compreender a escola.

Ao decorrer do século XX, houve uma revolução mundial na apreciação da arte da criança via que temos na arte um instrumento de educação e não uma simples matéria a ensinar para se compreender como as artes, em suas diversas formas, contribuem para a construção do conhecimento humano, é necessário investigar o que é, e como se dá a construção do conhecimento, tornando necessário compreender o que é o conhecimento, é possível apoiar-se em variadas perspectivas, entre elas: a filosófica, a psicológica e a histórica.

Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações. No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto com base na teoria piagetiana, o indivíduo é sujeito do processo de construção do seu conhecimento e esse processo só é possível mediante a sua ação.

É importante ressaltar que um trabalho artístico sempre carrega a marca do seu criador, ou seja, traz embutida, em si, a ação do sujeito que a criou, que é fruto de sua interação com o meio e com o próprio objeto criado nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes plásticas, na dança, no teatro, na música, e na produção de poesias. As artes constituem

atividades pelas quais o indivíduo é despertado para a criatividade, a qual se acentua com a prática.

Para Mitjáns Martínez (2000, p. 54), "criatividade é o processo de descoberta ou produção de algo novo, que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que, além disso, tem um caráter personológico", ou seja, carrega aspectos da personalidade o ato criativo é um processo que sempre traz algo da pessoa que o executa. Uma pintura, por exemplo, por mais que uma pessoa tente fazê-la igual à outra, nunca o será, sempre apresentará algo diferente o processo de criação do novo, a arte favorece a superação, do que é igual, da reprodução, favorece o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e criativa

A educação não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos técnicos, históricos, matemáticos, geográficos, entre muitos outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento intelectual, emocional/afetivo e cultural da criança, no sentido de que esta possa incorporar valores como solidariedade, inquietude e desejo de mudança, sensibilidade propondo ambos os trabalhos, com finalidades distintas o aluno saberá acompanhar as propostas de cópia e releitura, desde que fique claro para ele qual a finalidade da atividade trazida pelo professor.

Até pouco tempo, sequer era questionada sua contribuição para a formação do Brasil, e como a história desses povos se manteve viva também é raro questionar como várias relações entre grupos étnico-raciais e culturais que compõem a sociedade brasileira, que informam, em relação à população negra.

Há uma sequência de oportunidades favoráveis para preservar distorções em relação a matrizes negras, incluindo a aprendizagem formal no Brasil não existem leis segregacionistas, nem conflitos de violência racial explícitos; todavia, as políticas públicas omitem o povo negro, promovendo a exclusão sistemática destes, o chamado racismo institucionalizado, e este está presente

na educação, na negação dos valores estéticos e simbólicos de sua cultura, no mercado de trabalho e até nos meios de comunicação, onde ainda não vemos uma representatividade adequada como consequência, o povo negro se acostumou com o padrão de branqueamento imposto, passando a sentir vergonha de quem é e tentando encaixar-se a todo o custo, de modo a se sentir inferior e incapaz, estando sempre marginalizado e com baixa autoestima.

Uma discussão sobre a representatividade das culturas africanas e afro-brasileiras, sobre a forma como o povo negro é visto e estigmatizado, em todos os âmbitos, é urgente, especialmente se pensarmos na diversidade brasileira, como traço fundamental na construção de uma identidade nacional, onde uma divisão da sociedade em etnias mais importantes / superiores ou menos importantes / inferiores, não pode acontecer, e somente através da desnaturalização do racismo, assim como o de outros preconceitos existentes, é que poderemos construir uma sociedade mais justa para todos.

Hoje temos políticas que visam reparar toda a dor, sofrimento e prejuízo que o povo negro sofreu, assim como as escolas tem oferecido práticas inovadoras e inspiradoras nesse sentido, de modo a fazer com que as pessoas negras percebam-se sujeitos ativos e representados dentro da sociedade, podendo exercer o papel que desejarem e não apenas os que lhe eram impostos anteriormente sabemos que ainda há um longo e árduo caminho para uma conscientização coletiva de toda a sociedade, assim como sabemos que ele só se dará a partir da escola.

A escola como um espaço onde a diversidade está presente, um lugar onde os diferentes assuntos são encontrados, bem como uma zona de conflito permanente, uma vez que diferentes culturas estão correlacionadas, tem a obrigação de se referir e tornar essa diversidade disponível em seu currículo de assuntos e culturas, através do estímulo à diversidade cultural existente em nosso país e no mundo todo.

Dessa forma, buscar uma ressignificação da história do povo negro que não descaracterize sua luta se faz necessária, no âmbito escolar e fora dele. Todo o sujeito reflete sua cultura e toda cultura deve ser levada em consideração dentro da pluralidade de etnias que possuímos em nosso país pensar numa educação libertadora é repensar o currículo e seu papel de incentivador da criticidade e do respeito à diversidade as ações dentro da escola são ações políticas refletirá, em longo prazo vale ressaltar que foi necessária uma luta de quase dez anos para que o mesmo fosse aprovado.

A discriminação racial ou étnico racial é toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada na sociedade que desejamos ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é preciso que a escola repense urgentemente o seu papel em busca de formar cidadãos críticos, participativos e atuantes, orgulhosos de seu saber, capazes de solidarizar com o mundo exterior e serem capazes de enfrentar o mundo do trabalho como realização profissional através de atitudes de humanização e respeito ao próximo.

Pensando em um modelo de escola democrática, gestores e docentes devem proporcionar um espaço de interação de saberes e delegação de poder em prol da aprendizagem significativa do aluno. Pensar o trabalho coletivamente significa construir mediações capazes de garantir que os obstáculos não se

constituam em imobilismo, que as diferenças não sejam impeditivas da ação educativa coerente, responsável e transformadora.

Esse contexto relacional implica em buscar o objetivo comum que é o desenvolvimento integral do aluno e do sucesso da escola através da implantação de um Projeto Político Pedagógico que traduza os interesses e anseios coletivos, com este olhar que procuramos compreender a ação pedagógica do gestor escolar, através do reconhecimento que é a educação.

É essencialmente um ato de conhecimento e conscientização, mas que por si só, não leva uma sociedade a se libertar dos mecanismos opressores que norteiam a sociedade em gestação, para tanto, é necessário que o gestor assuma uma postura de compromisso aderindo o desafio da diversidade a serviço da comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9.394/96. Rio de Janeiro: 1998. BRASIL, Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Ementa Constitucional n. 20, de 15-12-1988. 21. Ed. São Paulo: Saraíva, 1999.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Modesto CM, Rubio SAJ. 2014. A Importância da Ludicidade na Construção do Conhecimento. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*. 5 (1): 01-06.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução por Valter Lellis Siqueira.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 13ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A Educação do olhar no ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.



FAUESP

Paulista de Unificação da Universidade de São Paulo

UNIFICADA

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DA FAUESP



SL EDITORA